

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PGLetras
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS**

**CENAS DA AFORIZAÇÃO COMO RECURSOS COESIVOS EM TEXTOS DA
REDE SOCIAL FACEBOOK**

**SÃO LUÍS
2022**

WANESSA DANIELLE BARBOSA SOARES

**CENAS DA AFORIZAÇÃO COMO RECURSOS COESIVOS EM TEXTOS DA
REDE SOCIAL FACEBOOK**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão como requisito obrigatório para obtenção do título de mestre em Letras.

Linha de pesquisa: Descrição e Análise do Português Brasileiro

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Veraluce da Silva Lima

**SÃO LUÍS
2022**

Soares, Wanessa.

CENAS DA AFORIZAÇÃO COMO RECURSOS COESIVOS EM TEXTOS DA REDE SOCIAL FACEBOOK / Wanessa Soares. - 2022.

118 p.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Veraluce Lima.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2022.

1. Análise do Discurso. 2. Cenas de Aforização. 3. Fenomenologia Hermenêutica. 4. Linguística Textual. 5. Recursos Coesivos. I. Lima, Prof.^a Dr.^a Veraluce. II. Título.

CENAS DA AFORIZAÇÃO COMO RECURSOS COESIVOS EM TEXTOS DA REDE SOCIAL FACEBOOK

Dissertação apresentada ao Mestrado em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão como requisito obrigatório para obtenção do título de mestre em Letras.

Linha de pesquisa: Descrição e Análise do Português Brasileiro

Orientadora: Prof^a Dr^a. Veraluce da Silva Lima

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Veraluce da Silva Lima
Orientadora/Presidente
Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Dr.^a Mariana Aparecida de Oliveira Ribeiro
Examinador Externo
Universidade Federal do Maranhão-Campus de Bacabal

Prof.^a Dr.^a Maria da Graça dos Santos Faria
Examinador Interno
Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Dr.^a Mônica Fontenelle Carneiro
Membro Suplente
Universidade Federal do Maranhão

*“Por isso, vistam toda a armadura de Deus,
para que possam resistir no dia mau e permanecer
inabaláveis, depois de terem feito tudo.”
Efésios 6:13-16*

Eternamente aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Com certeza, este é um dos momentos mais especiais e gratificantes do Mestrado, por alguns motivos:

É o momento que me sinto mais tranquila na frente do computador. Posso escrever sem precisar pensar muito, só com o coração! Parece que estou até respirando diferente.

É o momento de agradecer muito a Deus, pelo fim de mais uma etapa. Concluir o Mestrado é mais que a realização de um sonho, é uma prova de que “dei conta do recado”, apesar de todos os desafios. Conquistar um título de mestre na UFMA é motivo de muito orgulho!

É o momento de lembrar que não foi fácil acordar tantas madrugadas, fazer várias leituras, desvendar conceitos teóricos, me desdobrar para dar conta do trabalho, da casa e dos estudos. Mas é também o momento de recordar as alegrias.

E tudo isso só foi possível graças ao carinho e o incentivo das pessoas que me amam e compartilharam comigo esses anos de vida acadêmica. Algumas com palavras, outras com gestos. Agradeço:

Aos meus pais, Maria Benedita e Wilson. Minha mãe, sempre preocupada, e junto comigo desde minha entrada no Mestrado como aluna especial. Nunca deixou de me incentivar e rezar por mim. Meu pai nunca teve muita noção do que significa o Mestrado, mas sempre dizendo: “É isso aí minha filha, tem que estudar mesmo”.

À melhor irmã do mundo, Waléria, meu porto-seguro. Nunca deixou de me animar com palavras de apoio. Quantas vezes enxugou minhas lágrimas, me ouviu e me confortou, ao ver minha luta, antes e durante o Mestrado. Ao meu irmão, Wyrllenson, por sempre se fazer presente em minha vida, um amigo incondicional. Aos meus cunhados, André e Carol pelas palavras carinhosas, sempre apoiando meus estudos. À Lara, minha sobrinha-afilhada, por compreender, em sua inocência, a “tiadinda” não brinca, não dá atenção, por estar estudando.

Ao meu amor Neto Monteiro, que começou a fazer parte da minha história de forma inesperada, porém indiretamente ligada ao Mestrado. Dentro de uma rotina de compras de livros para a construção da minha Dissertação, num dia qualquer, o conheci numa livraria também comprando livros. Temos hoje esse lugar como “a livraria dos nossos sonhos”. Obrigada por compreender os meus dias de silêncio, muitas vezes estresse e distanciamento. Obrigada por sempre dizer: precisa de

alguma coisa? Se precisar, é só me chamar. Falta pouco! Você é capaz! Te amo! Saiba que sua presença em minha vida, considero um presente de Deus. Na hora certa, no momento certo.

O Mestrado em Letras me apresentou com pessoas que para sempre ficarão em meu coração, em minha história e uma delas é a Prof.^a Dr.^a Veraluze Lima, minha Orientadora. Como não lhe agradecer todos os ensinamentos e orientações que tive durante o GPTECEN, enquanto aluna especial do programa e por fim, discente do Mestrado? *Nunca esquecerei do início de tudo!* Da sua gentileza, incentivo, disposição, diálogo, preocupação e credibilidade em mim como futura pesquisadora. Como a admiro! Gratidão eterna por me orientar, por dispor de suas madrugadas lendo meu texto e por acreditar na realização desse trabalho. Sempre a terei em minhas orações.

A Banca Examinadora desta pesquisa, a Prof.^a Dr.^a Mariana Aparecida de Oliveira Ribeiro e Prof.^a Dr.^a Maria da Graça dos Santos Faria, pelas brilhantes considerações que guiaram a confecção final deste trabalho. À Prof.^a Dr.^a Mônica Fontenelle Carneiro, gratidão por todo o carinho e direcionamento durante as disciplinas cursadas no Mestrado.

À Goreth, uma grande amiga que a UFMA me apresentou. Acompanhamos uma a outra na luta árdua para ingressarmos no Mestrado em Letras. Quantas tardes estudando juntas, quantas noites e madrugadas, sem contar os congressos e as vídeo-chamadas. Sua amizade é valiosa para mim.

Como não citar a melhor turma de Mestrado em Letras da UFMA (2019-2). Éramos sete: Marcos, Israel, Dan (Danilo), Fábio, Isabel (Bel), Eu e Ari (Arielson). Nunca vi tanta união! Quantas leituras, xerox, livros, trabalhos, seminários, selfies, gargalhadas, garrafas de café, cumplicidade, companheirismo, tortas de bacuri e Big Joe. Ari se tornou um amigo além sala de aula. Quantas pesquisas, estudos, ligações, angústias e alegrias compartilhamos, porém com a certeza de que no final tudo daria certo.

Aos meus queridos alunos por gentilmente compreenderem minhas ausências em sala de aula e por muitas vezes na própria sala de aula, me permitirem escrever meu texto. Muito obrigada!

A todos meus familiares e amigos que, de uma forma ou de outra, me apoiaram nesta longa caminhada, em especial, à Dayanna Bárbara e Daniel (Dani), amigos de infância. Obrigada pelas palavras sempre iluminadoras.

Enfim, com muita alegria encerro mais uma etapa na minha vida. Uma etapa repleta de **sentidos**:

Não sei... Se a vida é curta ou longa demais pra nós,
Mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se não tocamos o coração das
pessoas.

Muitas vezes basta ser:

Colo que acolhe, Braço que envolve,
Palavra que conforta, Silêncio que respeita,
Alegria que contagia, Lágrima que corre,

Olhar que acaricia, Desejo que sacia,
Amor que promove.

E isso não é coisa de outro mundo,

É o que dá sentido à vida.

É o que faz com que ela

Não seja nem curta,

Nem longa demais,

Mas que seja intensa,

Verdadeira, pura...

Enquanto durar.

Cora Coralina

RESUMO

Com a era das comunicações virtuais e a inserção das redes sociais nos estudos linguísticos, percebemos a importância da pesquisa acerca da linguagem digital, uma vez que a internet permite a construção de corpora de pesquisa linguística com textos produzidos em seus espaços de escrita. Nesse sentido, nossa pesquisa investiga as cenas de aforização como recursos coesivos em postagens na rede social Facebook, espaço de escrita on-line que se configura como um espaço linguístico de características próprias. Os autores que dão suporte teórico ao trabalho são: Antunes (2005), Barton e Lee (2015), Beaugrande e Dressler (1981,1996), Costa Val (1994,1999), Cavalcante (2012, 2015), Chizzoti (2015), Fávero e Koch (1998, 2005), Koch (1999, 2000, 2002, 2009, 2013, 2016,), Marcuschi (1983, 2002, 2008), Maingueneau (2008, 2010, 2014, 2015), Martins (1992), Paiva (2016), Lèvy (1993,1996,1999), Shepherd; Saliés (2013), dentre outros que discutem os fundamentos da Linguística Textual, da Análise do Discurso e da Linguística da Internet. Os procedimentos metodológicos são de base qualitativa, tendo na Fenomenologia a trajetória de apreensão de nosso objeto de pesquisa. Os dados foram coletados de um corpus construído, a partir da captura de textos na Rede Social Facebook (postagens na *Linha do Tempo*). Para a análise dos dados, nos guiamos pela seguinte questão norteadora: De que modo as cenas de aforização funcionam como recursos coesivos em textos da rede social Facebook? Como procedimentos de análise, vivenciamos dois momentos: o da análise ideográfica, que consiste na análise de cada texto, com identificação das Unidades de Significado e explicitação dos textos/descrições dos sujeitos; o da análise nomotética, momento da convergência dos textos/descrições para identificação das categorias abertas, também conhecidas como categorias de análise. Os resultados da pesquisa podem trazer contribuições sobre a escrita on-line, a partir das relações textuais que envolvem os recursos da coesão como elos semânticos de enunciados postados na rede social Facebook, acrescentando, assim, ao conjunto de conhecimentos científicos sobre o tema, facetas ainda pouco exploradas, como a crescente produção de textos digitais em língua portuguesa. Também podem contribuir para ampliar os estudos sobre a textualidade e os sentidos evocados pelos elos semânticos como produto da interação social no ciberespaço que emana de saberes históricos, sociais e coletivos compartilhados.

Palavras-Chave: Cenas de Aforização. Linguística Textual. Análise do Discurso. Recursos Coesivos. Fenomenologia Hermenêutica.

ABSTRACT

With the era of virtual communications and the insertion of social networks in linguistic studies, we realize the importance of research on digital language, since the internet allows the construction of linguistic research corpora with texts produced in their writing spaces. In this sense, our research investigates the aphorization scenes as cohesive resources in posts on the social network Facebook, an online writing space that is configured as a linguistic space with its own characteristics. The authors who give theoretical support to the work are: Antunes (2005), Barton and Lee (2015), Beaugrande and Dressler (1981, 1996), Costa Val (1994, 1999), Cavalcante (2012, 2015), Chizzoti (2015) , Fávero and Koch (1998, 2005), Koch (1999, 2000, 2002, 2009, 2013, 2016,) , Marcuschi (1983, 2002, 2008), Maingueneau (2008, 2010, 2014, 2015), Martins (1992) , Paiva (2016), Lèvy (1993,1996,1999), Shepherd; Saliés (2013), among others who discuss the foundations of Textual Linguistics, Discourse Analysis and Internet Linguistics. The methodological procedures are qualitatively based, having in Phenomenology the trajectory of apprehension of our research object. Data will be collected from a corpus constructed from the capture of texts on the Social Network Facebook (posts on the Timeline). For data analysis, we were guided by the following guiding question: How do the scenes of aphorization work as cohesive resources in texts on the social network Facebook? As analysis procedures, we experienced two moments: the ideographic analysis, which consists of the analysis of each text, with the identification of the Meaning Units and explanation of the texts/descriptions of the subjects; the nomothetic analysis, moment of convergence of texts/descriptions to identify open categories, also known as categories of analysis. The research results can bring contributions on online writing, from the textual relationships that involve the resources of cohesion as semantic links of statements posted on the social network Facebook, thus adding facets to the body of scientific knowledge on the subject. Still little explored, such as the growing production of digital texts in Portuguese. They can also contribute to expanding studies on textuality and the meanings evoked by semantic links as a product of social interaction in cyberspace that emanates from shared historical, social and collective knowledge.

Keywords: Scenes of Aphorization. Textual Linguistics. Speech analysis. Cohesive Resources. Hermeneutic phenomenology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Princípios de Construção Textual do Sentidos	
29	
Figura 2: Outros Aspectos da Textualidade	
33	
Figura 3: Processo cíclico da coesão referencial	
37	
Figura 4: Enunciações Aforizante e Textualizante	
50	
Figura 5: Representação do funcionamento das enunciações Aforizante e Textualizante	
51	
Figura 6: A Rede Social Facebook	70

LISTA DE DESCRIÇÕES

Descrição	
1.....	78
Descrição	
2.....	81
Descrição	
3.....	83
Descrição	
4.....	75
Descrição	
5.....	87
Descrição	
6.....	89

LISTA DE QUADRO

QUADRO 01: Descrição dos mecanismos referenciais.....	38
QUADRO 02: Quadro de Convergência das Descrições e Identificação das Categorias Abertas.....	91
QUADRO 03: Quadro Ilustrativo de Convergência das Descrições.....	93

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	LINGUÍSTICA TEXTUAL E A CONSTRUÇÃO DO (S) SENTIDO (S) DO TEXTO.....	21
2.1	Contextualização da Linguística Textual.....	21
2.2	O processo de construção de sentidos do texto.....	26
2.3	A coesão referencial na construção dos (s) sentidos (s) do texto.....	34
3	A ANÁLISE DO DISCURSO EM INTERFACE COM A LINGUÍSTICA TEXTUAL.....	43
3.1	A Análise do Discurso: percursos teóricos e epistemológicos.....	43
3.2	Análise do Discurso e Linguística Textual: especificidades e possibilidade de diálogo	46
4	CENAS DA AFORIZAÇÃO COMO RECURSO COESIVO DA REFERENCIAÇÃO.....	53
5	ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO.....	68

5.1 O Facebook como Locus da Pesquisa.....	68
5.2 Trajetória Metodológica da pesquisa.....	70
5.3 Procedimentos Metodológicos.....	74
6 DESCRIÇÃO DAS CENAS DA AFORIZAÇÃO NO FACEBOOK: uma abordagem fenomenológico-hermenêutica.....	76
6.1 Tratamento dos Dados.....	76
6.2 Análise Fenomenológico-Hermenêutica dos Dados.....	77
6.2.1 Análise Ideográfica: Identificação das Unidades de Significado e Explicitação dos Textos/Descrições dos Sujeitos.....	78
6.2.2 Análise Nomotética: Identificação e Interpretação das Categorias Abertas.....	91
6.2.2.1 Identificação das Categorias Abertas.....	91
6.2.2.2 Interpretação das Categorias Abertas.....	93
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106
REFERÊNCIAS.....	111

1 INTRODUÇÃO

O século XXI vem sendo testemunha de uma verdadeira revolução na vida social, com a entrada da internet como meio usual de comunicação, introduzindo novas formas e novos conceitos na vida cotidiana. A linguagem, como matéria e tecnologia da comunicação humana, vem sofrendo os efeitos dessa revolução.

Com a era das comunicações virtuais e a inserção das redes sociais nos estudos linguísticos, percebemos a importância da pesquisa acerca da linguagem digital, uma vez que a internet permite a construção de corpora de pesquisa linguística com textos produzidos em seus espaços de escrita. “O mundo online está sendo constantemente escrito, seja na forma de sites de um único autor ou redes sociais escritas colaborativamente” (BARTON; LEE, 2015, p.42).

Por outras palavras, a internet nos introduziu, portanto, no universo da cibercultura (LÉVY, 2010), em que experimentamos novas formas de comunicação

escrita, em um texto mais fluido, mais dinâmico, próprio das realizações linguísticas que permeiam as mídias digitais, as redes sociais da Web, como afirmam Barton e Lee (2015, p. 24): “As práticas sociais em que a linguagem está inserida têm a importância particular quando se examina a linguagem online, especialmente por causa das constantes mudanças, do aprendizado contínuo e da fluidez dos textos”.

Diante dessa nova realidade comunicacional trazida pela internet, escolhemos como região de inquérito a rede social Facebook pelos seguintes motivos: primeiro, pelas discussões surgidas a partir de estudos semanais do GRUPO DE PESQUISA TECNOLOGIA E ENSINO – GPTECEN/UFMA, liderado pela Prof.^a Dr.^a Veraluce da Silva Lima; segundo, pela nossa assiduidade e interação na rede social; terceiro, por de fato observarmos a maneira que os interagentes escrevem nos espaços de escrita on-line do Facebook, já que é uma rede social que permite um número considerável de caracteres¹; quarto, por seu pioneirismo e relevância social como rede de interação.

Nesse contexto, nossa pesquisa nasce do desejo de compreender o porquê de alguns interagentes da rede social Facebook escreverem textos com *destacamentos* em fonte caixa alta, em itálico, em negrito e muitas vezes entre aspas. A multiface desses *destacamentos* nos levou às Cenas da Aforização, visto que temos dessa maneira um fenômeno linguístico revelado, iminente a ser discutido acerca da sua construção e produção de sentidos no texto.

Embora alguns acreditem que o Facebook no Brasil se tornou obsoleto, os dados provam o contrário. Essa rede social ainda está muito presente no cotidiano do brasileiro. De acordo com o relatório Digital 2021², o Facebook foi a terceira rede social mais acessada no início de 2021 pelos brasileiros. Além disso, a plataforma segue sendo a mais utilizada em todo o mundo, com mais de 2,7 bilhões de contas ativas. Dessas contas, 130 milhões são brasileiras.

A pesquisa que estamos realizando tem como objetivo geral “Investigar as *cenas da aforização* como recursos coesivos em textos produzidos na rede social Facebook, espaço de escrita on-line que se configura como um espaço linguístico de características próprias, com estrutura em torno de perfis de usuários (chamada de

¹ [...] no contexto da informática, é o nome que se dá a cada letra do alfabeto, algarismo, sinal de pontuação ou símbolo de qualquer natureza que pode ser introduzido em um computador pelo teclado ou por outro dispositivo de entrada, assim como exibido na tela ou em outro dispositivo de saída. (KIRKPATRICK, 2015).

² Dados obtidos a partir do portal Opinion Box, atualizados em julho de 2021. Disponível em: <<https://blog.opinionbox.com/pesquisa-facebook-no-brasil>>. Acesso em: 22 abril 2022.

linha do tempo). Para a realização do objetivo geral, partimos dos seguintes objetivos específicos: “Identificar as cenas de aforização expressas em textos produzidos na rede social *Facebook*”; “Descrever as cenas de aforização como elos semânticos na construção de sentidos do texto” e “Analisar esses elos como recursos linguísticos para o estabelecimento da coesão textual”.

Procuramos analisar as cenas da aforização como um recurso de textualidade, tendo como ponto de partida a definição de texto, entendido como “um evento comunicativo no qual os sujeitos são vistos como agentes sociais que levam em consideração o contexto sociocomunicativo, histórico e cultural para a construção dos sentidos” (CAVALCANTE, 2015, p.19). Isto porque a interação entre as pessoas, a produção do texto, as variações sociais da linguagem revelam a unidade sociocomunicativa do texto produzido, o qual precisa ter um sentido, um significado para o receptor da mensagem, significado esse possibilitado pela unidade semântica.

Nesse sentido, para analisarmos as cenas da aforização como recursos coesivos, devemos buscar apreender um “conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto”. Essas características, também chamadas de “propriedades da textualidade” (BEAUGRANDE; DRESSLER *apud* FÁVERO, 1991, p.28), têm se tornado objeto de estudo da língua por muitos teóricos, entre os quais destacamos: Antunes (2005), Beaugrande e Dressler (1981,1996), Costa Val (1994,1999), Cavalcante (2012, 2015,2016,2017), Fávero e Koch (1998, 2005), Koch (1999, 2000, 2002, 2009, 2013, 2016), Marcuschi (1983, 2002, 2008).

Com o advento da internet, uma multiplicidade de textos tem sido colocada à nossa disposição. Esses textos são marcados por elos semânticos que nos permitem passar de um ao outro quando os ativamos. São esses textos que estamos nos propondo a investigar, mais especificamente, os textos produzidos na Linha do Tempo³ da Rede Social Facebook, os quais apresentam um sistema de escritas interconectadas.

A presente pesquisa parte da hipótese de que as cenas de aforização como recursos coesivos funcionam como elementos de textualidade, uma vez que estão fisicamente ancorados pelas relações textuais nos enunciados. Desse modo, o enunciado raramente é idêntico à sequência à qual se imagina que ele corresponda no texto-fonte e, dependendo dessa sequência, o enunciado destacado não é mais

³ Uma página em branco, simples e sem distrações. É um espaço de escrita on-line para o usuário inspirar, influenciar, persuadir, descrever e explicar [...] (KIRKPATRICK, 2015).

um mero fragmento do texto, ele tem a ver com um regime de enunciação específico, chamado de *aforização*. Para Maingueneau (2014, p.33), toda aforização é uma enunciação segunda, do já-dito: o já-dito de uma enunciação atestada, quando se trata de aforizações destacadas de um texto, ou o já-dito de uma série aberta de enunciações anteriores ou virtuais, quando se trata de aforizações primárias.

Nesse sentido, partimos da seguinte questão norteadora: *De que modo as cenas da aforização se manifestam como recursos coesivos em textos na rede social Facebook?*

Para respondermos a esse questionamento, buscamos os pressupostos teóricos da Linguística Textual e da Análise do Discurso, considerando que tomamos como instrumento de análise o texto e as relações que são estabelecidas co(n)textualmente, no sentido de apreender a função coesiva das cenas de aforização. Essa função está diretamente ligada aos mecanismos de coesão empregados pelos interagentes para o estabelecimento dos sentidos dos textos produzidos na rede social Facebook.

Também nos fundamentamos na Linguística da Internet, uma vez que tomamos por base o uso da língua/linguagem no ambiente virtual como uma prática linguístico-discursiva que tem nos textos um instrumento de fundamental importância para o processo de interação. Esses textos se concretizam quando o interagente acessa a rede social Facebook para mostrar seu ponto de vista a respeito de determinado assunto ou para interagir com outras pessoas, caracterizando-se, portanto, como reflexos dos discursos do ambiente vivenciado por esses interagentes. Dentre os estudos que fundamentam essa área de conhecimento, estão os de Barton e Lee (2015), Crystal (2001), Lévy (2010, 2011), Paiva (2016), Recuero (2014), Shepherd e Saliés (2013), dentre outros.

A relevância deste estudo, reiteramos, consiste em trazer contribuições teóricas acerca de um dos aspectos mais importantes da textualidade, a coesão textual, sob a perspectiva de evidenciar as cenas da aforização como recursos coesivos no âmbito das realizações linguísticas que acontecem nos espaços de escrita da rede social Facebook. A relevância também reside num aprofundamento e amadurecimento dos estudos linguísticos em torno do texto sob a confluência que se revela no diálogo entre a Linguística Textual estabelecendo a organização do texto a partir dos processos da referenciação e a Análise do Discurso com as cenas da

aforização na estruturação do texto. Visto que, as duas áreas compreendem que a organização do texto não é aleatória, uma vez que está inserida num contexto de determinações e restrições.

Para desvelamento de nosso objeto de estudo, optamos por uma pesquisa qualitativa, por se mostrar o caminho mais adequado para a nossa investigação, tendo a abordagem fenomenológica como método de apreensão da realidade. Isso porque, nesse método, o sujeito pesquisador busca descrever de forma direta e objetiva a experiência conforme ocorreu, e “a realidade é construída de acordo com a interpretação do relator, não sendo, portanto, única, pois dependerá da leitura do sujeito pesquisador” (BRASILEIRO, 2021, p. 73).

Em outras palavras, “a ideia fundamental da fenomenologia é a intencionalidade do sujeito, em que se considera que não existe objeto sem sujeito” (MEDEIROS, 2019, p. 48). Essa intencionalidade possibilita ao pesquisador [...] fazer o ajuste e entender a palavra para significar principalmente as intenções mentais ou cognitivas, e não práticas. Na fenomenologia, ‘intenção’ significa a relação de consciência que nós temos de um objeto” (SOKOLOWSKI, 2014, p. 18).

Isso posto, acreditamos que esse caminho nos possibilita o desvelamento das cenas da aforização como recursos coesivos na rede social Facebook, *lócus* de nossa investigação.

Esta pesquisa tem como princípio de coleta de dados a construção de um *corpus*, entendido como “uma coleção finita de materiais, determinada de antemão pelo analista, conforme certa arbitrariedade (inevitável) em torno da qual ele vai trabalhar” (BARTHES, 1992, p.104). Esse *corpus* é construído a partir da captura de textos produzidos na Linha do Tempo em perfis de professores da educação básica e do ensino superior na rede social Facebook.

O trabalho é constituído de 7 (sete) capítulos. O Primeiro Capítulo, a **INTRODUÇÃO**, apresenta uma visão geral do fenômeno que está sendo investigado, pontuando o objetivo da pesquisa, a relevância do estudo, explicitando, também, a questão norteadora do estudo e a opção teórico-metodológica para desvelarmos o fenômeno linguístico que estamos estudando.

Em LINGUÍSTICA TEXTUAL E A CONSTRUÇÃO DO (S) SENTIDO (S) DO TEXTO (Capítulo 2), apresentamos um olhar panorâmico da Linguística Textual, por meio do qual é possível compreender seu contexto, o processo de construção de

sentidos de um texto, fazendo destaque à coesão referencial como um fator de textualidade.

No Capítulo 3, **A LINGUÍSTICA TEXTUAL EM INTERFACE COM A ANÁLISE DO DISCURSO**, apresentamos concepções sobre texto e discurso, entre as quais a defendida por Dominique Maingueneau (2010, 2014, 2015), estabelecendo interface com a Linguística Textual e a Análise do Discurso. Discutimos também sobre os regimes enunciativos – enunciação textualizante e enunciação aforizante como elementos de construção dos sentidos do texto.

Em **CENAS DA AFORIZAÇÃO COMO RECURSO COESIVO DA REFERENCIAÇÃO** (Capítulo 4), abordamos as cenas da aforização como recurso coesivo da referenciação, uma vez que o ato de referir é um processo dinâmico, cujos resultados influenciam sobremaneira na produção de sentido (s) do texto, que são provenientes da interação das pessoas umas com as outras, e com o mundo que existe à volta delas.

No **ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO** (Capítulo 5), apresentamos os principais fundamentos da Fenomenologia Hermenêutica enquanto método de apreensão do nosso objeto de estudo. Também apresentamos nossa Região de Inquérito, lugar de onde capturamos os textos que compuseram o *corpus* da pesquisa. Ainda, neste capítulo, tratamos dos procedimentos metodológicos.

Já no Capítulo 6, **CENAS DA AFORIZAÇÃO COMO RECURSOS COESIVOS NA REDE SOCIAL FACEBOOK: uma abordagem fenomenológico-hermenêutica**, apresentamos o tratamento dos dados; seguido da análise fenomenológico-hermenêutica. Esta análise pauta-se em aspectos epistemológicos e filosóficos que nos mostram a exposição dos dados levantados a partir de dois momentos de análise: Análise Ideográfica e Análise Nomotética. Para tanto, tivemos como base o aporte teórico já mencionado e a trajetória metodológica que fora construída, a fim de desvelar o fenômeno investigado.

Nas **CONSIDERAÇÕES FINAIS** (Capítulo 7), retornamos a questão norteadora desta pesquisa e mostramos o desvelamento do fenômeno investigado. Os resultados apontaram que *AS CENAS DA AFORIZAÇÃO COMO RECURSOS COESIVOS EM TEXTOS NA REDE SOCIAL FACEBOOK* se configuram como elos de continuidade textual na construção dos sentidos do texto, visto que estão interligadas a uma rede referencial multifacetada. Desse modo, se revelam como

recursos coesivos anafóricos responsáveis principalmente pela articulação e progressão textual.

Ressaltamos que o trabalho procura acrescentar ao conjunto de conhecimentos científicos da Linguística Textual, da Análise do Discurso e da Linguística da Internet possíveis facetas das cenas da aforização como fenômeno linguístico ainda pouco exploradas nos estudos acadêmicos. Ressaltamos, também, a importância de pesquisas nessa direção, tanto para a análise e descrição do português brasileiro, quanto para investigação de mudanças evidenciadas no uso da língua, enquanto prática situada histórica e socialmente.

2 A LINGUÍSTICA TEXTUAL E A CONSTRUÇÃO DO (S) SENTIDO (S) DO TEXTO

Este capítulo apresenta um olhar panorâmico da Linguística Textual, por meio do qual é possível compreender seu contexto, o processo de construção de sentidos de um texto, fazendo destaque à coesão referencial como um fator de construção de sentidos do texto.

2.1 Contextualização da Linguística Textual

A Linguística do Texto ou Linguística Textual desenvolveu-se na década de 60, na Europa, de modo especial, na Alemanha, com o objetivo principal de tomar como objeto de estudo, não mais a palavra ou a frase, mas sim, o texto, por ser esta a forma específica de manifestação da linguagem.

Várias foram as causas que levaram os linguistas a desenvolverem gramáticas textuais, como, por exemplo, a existência de lacunas nas gramáticas de frase diante de fenômenos linguísticos, tais como a concordância verbal, as relações entre sentenças, etc.

Fávero e Koch (1998) apresentam a distinção entre três momentos fundamentais na passagem da teoria da frase à teoria do texto. O primeiro momento é o da análise transfrástica, em que são realizadas a análise das regularidades transcendentais aos limites do enunciado; o segundo é o da construção das gramáticas textuais e o terceiro momento, o da construção das teorias de texto. Segundo as autoras, [...] não se trata de uma distinção de ordem cronológica, e sim tipológica, por não haver, entre eles, uma sucessão temporal, constituindo-se cada um deles em um tipo diferente de desenvolvimento teórico". (FÁVERO; KOCH, 1988, p.13).

Nesse sentido, o texto passa a se constituir o

[...] conceito central da Linguística Textual e da Teoria de Texto, abrangendo tanto textos orais quanto escritos que tenham como extensão mínima dois signos linguísticos, um dos quais, porém, pode ser suprido pela situação, no caso de textos de uma só palavra, como "Socorro!", sendo sua extensão máxima indeterminada (FÁVERO; KOCH, 1988, p.18).

Podemos dizer que, a princípio, a Linguística Textual tentou encontrar regras para o encadeamento de sentenças, para, dessa forma, poder conservar os métodos anteriormente estudados da análise de frases, ampliando-os até chegar a uma análise de pares de frases. Desse modo, a frase precedente constitui o contexto mínimo ao qual está ligada a estrutura gramatical da frase subsequente. Com o passar do tempo, as tentativas de desenvolver a Linguística Textual como linguística da frase ampliada foram sendo abandonadas, por se mostrarem pouco adequadas.

Outro estudo importante é o da Estilística, que focaliza a expressividade num texto, seja falado, seja escrito. Atualmente, a Linguística fornece à Estilística os fundamentos necessários, tanto no plano da frase, como no do texto, para sabermos

em que medida o uso de um elemento surge da liberdade do autor ou é exigido pela gramática do texto, a qual surgiu

[...] com a finalidade de refletir sobre fenômenos linguísticos inexplicáveis por meio de uma gramática do enunciado. O que legitima é, pois, a descontinuidade existente entre enunciado e texto, já que há entre ambos uma diferença de ordem qualitativa (e não meramente quantitativa).

Sendo o texto muito mais que uma simples sequência de enunciados, a sua compreensão e a sua produção derivam de uma competência específica do falante – a competência textual – que se distingue da competência frasal ou linguística em sentido estrito [como a descreve, por exemplo Chomsky (1965)]. Todo falante de uma língua tem a capacidade de distinguir um texto coerente de um aglomerado incoerente de enunciados, e esta competência é, também, especificamente linguística – em sentido amplo. Qualquer falante é capaz de parafrasear um texto, de resumir-lo, de perceber se está completo ou incompleto, de atribuir-lhe um título ou, ainda, de produzir um texto a partir de um título dado. São estas habilidades do usuário da língua que justificam a construção de uma gramática textual, cujas tarefas básicas são:

- a) verificar o que faz com que um texto seja um texto, isto é, determinar os seus princípios de constituição, os fatores responsáveis pela sua coerência, as condições em que se manifesta a textualidade [...];
- b) levantar critérios para a delimitação de textos, já que a completude é uma das características essenciais do texto;
- c) diferenciar as várias espécies de textos (FÁVERO; KOCH, 2005, p. 14-15).

Porém, ao contrário da Estilística, a Linguística Textual não limita seu campo de atuação, uma vez que seu objetivo é caracterizar as propriedades inerentes à estrutura dos textos em geral.

No campo da gramática textual, consideramos importante citar alguns autores como Halliday (1978), Harweg (1968), Weinrich (1993), Wunderlich, Schmidt, Beaugrande e Dressler (1981), Van Dijk (1981). Alguns desses estudiosos filiaram-se à linha estruturalista, empenhando-se na descrição das propriedades específicas do texto, enquanto outros buscaram construir modelos de gramáticas textuais por meio da pesquisa de macroestruturas semânticas subjacentes aos diversos tipos de texto.

A proposta teórica de Halliday (1978) implicou no estudo da linguagem integrando o componente sociocultural como chave em sua compreensão. A principal ideia é estudar a linguagem relacionada ao seu funcionamento em sociedade. Dessa forma, a linguagem é vista como um sistema sociosemiótico⁴, com várias possibilidades de escolha de significados.

⁴ Sociosemiótico, é o estudo das dimensões sociais dos significados e também o estudo do poder dos processos de significação e interpretação humanos na formação de indivíduos e sociedades. Centra-se nas práticas sociais de criação de significados de todos os tipos, sejam eles visuais,

Para Harweg (1968), um dos pioneiros da Linguística Textual na Alemanha, o texto é uma sucessão de unidades linguísticas constituída por uma cadeia de pronominalizações ininterruptas. Para esse autor, o texto se caracteriza basicamente pelo múltiplo referenciamento, isto é, para que uma sequência de frases venha a constituir um texto, é necessário que os mesmos referentes sejam retomados em cada uma delas por meio de formas "pronominais" em sentido amplo, ou seja, por meio das diversas formas de substituição, como os vários tipos de pronomes, as expressões nominais definidas etc.

Os trabalhos de Weinrich (1993) objetivam a construção de uma macrossintaxe⁵ do texto, com base no tratamento textual de categorias gramaticais como, por exemplo, os artigos e os tempos verbais. Como estruturalista, define o texto como uma sequência linear de lexemas e morfemas que se condicionam reciprocamente e que, também reciprocamente, constituem o contexto. Isto é, o texto é uma estrutura em que tudo está necessariamente interligado. Assim sendo, para ele, toda linguística é necessariamente linguística de texto.

Wunderlich (1985), outro teórico alemão preocupado com estudos textuais, foi um dos principais responsáveis pela incorporação da pragmática nas pesquisas sobre o texto, tendo tratado, em suas obras, de questões relativas à dêixis, aos atos de fala e à interação face a face de modo geral. É um dos autores mais referendados na área, particularmente na década de 1970.

Para Schmidt (1973), o texto é qualquer expressão de um conjunto linguístico em um ato mais global de comunicação, isto é, a textualidade é o modo de toda e qualquer comunicação transmitida por sinais, inclusive os linguísticos. Esta posição o leva a preferir a denominação Teoria do Texto. O autor dedica-se a um estudo predominantemente sociológico, embora também linguístico, em sentido amplo do objeto "texto".

Beaugrande e Dressler (1981) apresentam os critérios ou padrões de textualidade: coesão e coerência que estariam centrados no texto; informatividade, situacionalidade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade, critérios

verbais ou aurais: Esses diferentes sistemas para a construção de significados, ou os possíveis "canais" (e.g. discurso, escrita, imagens) são conhecidos como modos semióticos. Modos semióticos podem incluir recursos comunicativos como os visuais, verbais, escritos, gestuais ou musicais - isto é, a comunicação pode ser multimodal. (SANTAELLA, 2010, p.58)

⁵ Em linhas gerais, a macrossintaxe, (trabalha com a proposta de explorar no plano da sintaxe repercussões de hipóteses de origem pragmática. [...] para o âmbito da sentença a consideração de que toda interação verbal coloca em jogo uma memória discursiva, um conhecimento compartilhado. (BERRENDONNER, 1990, p. 25-36)

centrados no usuário. Na obra *Einführung die Textlinguistik*, os autores apresentam cada um desses critérios, bem como o processamento cognitivo do texto, tomando por base os pressupostos da semântica procedural. A maioria dos trabalhos posteriores a essa obra incorpora esses fatores de textualidade, dedicando especial atenção à questão da coerência.

Teun A. Van Dijk (1981) tem uma trajetória interessante, que acompanha em parte a própria trajetória da Linguística Textual. A princípio, procura elaborar uma gramática textual, projeto que abandona já na segunda metade da década de 1970, quando se volta mais para o estudo das macroestruturas textuais, produção de resumos, superestruturas, esquemas textuais e em consequência, à descrição de diversos tipos de texto, como por exemplo, a narrativa, a notícia de jornal e o relato científico.

Destacamos que grande parte dos trabalhos fundamentou-se em Halliday & Hasan (1976), no tocante à coesão e em Beaugrande & Dressler (1981), no que se refere aos fatores de textualidade. Contudo, os pesquisadores brasileiros não somente passam a proceder a uma revisão crítica de tais critérios, acrescentando vários outros, como também, principalmente, postulam que a coerência deve ser entendida, não como um fator entre os demais, mas como um macro-fator da textualidade, resultante da atuação conjunta de todos os demais fatores e, portanto, decisiva para a caracterização da textualidade (MARCUSCHI, 1983; KOCH, 1984, 1985, 1986, 1987, 1988; KOCH e FÁVERO, 1985; FÁVERO, 1985).

Já nos primeiros anos da década de 90 delineava-se uma forte inclinação para a adoção de uma perspectiva sociointeracional no tratamento da linguagem (GERALDI, 1991; KOCH, 1992) e, em decorrência, para o estudo dos processos e estratégias sociocognitivos envolvidos no processamento textual (quer em termos de compreensão, quer em termos de produção), especialmente por parte de pesquisadores como Marcuschi e Koch. O primeiro, já na segunda metade da década anterior, havia desenvolvido um projeto sobre a produção de inferências, financiado pelo CNPq, cujos resultados foram parcialmente divulgados através de artigos (MARCUSCHI, 1984, 1994). A segunda, em sua pesquisa intitulada *A construção da coerência em textos escritos e orais*, também financiada pelo CNPq, investigou também essa questão, que discutiu no artigo *A produção de inferências e sua contribuição na construção do sentido* (D.E.L.T.A. 9, nº Especial, 1993).

Tal forma de abordagem dos fenômenos textuais levou a um diálogo crescente com outras Ciências Humanas, como a Psicologia Cognitiva, a Inteligência Artificial, a Neuropsicologia, a Antropologia, a Sociologia Interacional e as Ciências Cognitivas de modo geral. Os principais objetos de pesquisa, dentro do enfoque mencionado, têm sido a estrutura e o funcionamento da memória, bem como as formas de representação dos conhecimentos, seu acesso, utilização, recuperação e atualização, por ocasião do processamento de textos; as principais estratégias de ordem sociocognitiva, interacional e textual postas em ação durante o processo de produção/ intelecção; e, ainda, as estratégias de 'balanceamento' do implícito/explicito.

Na segunda metade da década de 90, vemos voltar à tona, com particular ênfase, a questão da referenciação, isto é, das diversas formas de remissão textual e, em particular, dos vários tipos de recursos anafóricos e de seu processamento sociocognitivo (MARCUSCHI, 1994, 1995, 1997; KOCH, 1996a, 1996b 1997a, 1997b). Os pesquisadores que estão engajados no estudo dessas questões tomam como fontes obras de autores como Schwarz (1992), Rickheit & Strohner (1985), Heinemann & Viehweger (1991), Van Dijk (1989,1994), Vignaux (1991), além de vários outros.

Entre os principais pesquisadores na área da Linguística Textual, além dos acima mencionados, merecem destaque: Luiz Carlos Travaglia, da Universidade Federal de Uberlândia; Clélia Cândida Spinardi Jubran e Mercedes Sanfelice Riso, da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Assis; Elisa Guimarães e Maria Lúcia Cunha Victório Andrade, da Universidade de São Paulo; Maria Piedade Moreira de Sá, Dóris Carneiro da Cunha, Judith Hoffnagel, da Universidade Federal de Pernambuco; Maria Irandé Antunes, da Universidade Federal de Alagoas; José Gaston Hilgert, da Universidade de Passo Fundo (RS); Sueli Cristina Marquesi, João Hilton Sayeg de Siqueira, Regina Célia Pagliuchi da Silveira, da Universidade Católica de São Paulo; José Luiz Meurer e seu grupo, da Universidade Federal de Santa Catarina; Maria Aparecida Lino Pauliukonis, Helênio Fonseca de Oliveira, Leonor Werneck dos Santos e equipe, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mônica Magalhães Cavalcante e o Grupo PROTEXTO da Universidade Federal do Ceará. Todos esses pesquisadores têm não só publicado trabalhos na área, como orientado teses de doutorado e dissertações de mestrado nesse domínio.

Podemos afirmar, a partir do apresentado, desde seu aparecimento, a Linguística Textual percorreu um longo caminho, ampliando a cada passo seu espectro de preocupações. De uma simples análise transfrástica, logo acompanhada das tentativas de elaboração de gramáticas textuais, passou a ter como centro de preocupação não apenas o texto em si, mas também o contexto situacional, sócio cognitivo e cultural, o qual interfere na constituição, no funcionamento e, de modo especial, no processamento estratégico interacional dos textos, vistos como a forma básica de interação por meio da linguagem.

2.2 O processo de construção de sentidos do texto

Conforme a perspectiva teórica que é adotada, o mesmo objeto de estudo pode ser entendido de maneiras diversas. O conceito de texto não foge à regra. E mais, quando nos referimos ao campo da Linguística Textual, o conceito de texto varia conforme o autor e/ou orientação teórica adotada.

Koch (2000, 2002) afirma que o conceito de texto depende das concepções de linguagem, língua e sujeito que são assumidas. Desse modo, a autora apresenta três conceitos de textos relacionados às três principais concepções de linguagem, língua e sujeito desenvolvidas ao longo da história.

A concepção de língua e linguagem como *representação* do mundo e do pensamento apresenta uma noção de sujeito individual, de consciência, dono absoluto de suas ações e de seu dizer, que constrói uma representação mental desejando que esta seja capturada pelo interlocutor tal como foi realizada. Nessa perspectiva, o texto é concebido como um produto lógico do pensamento do autor, que deve ser capturado, fotografado passivamente pelo leitor. O texto, nesse caso, é tomado como uma estrutura fechada, responsável pela transmissão de um único sentido que exerce uma influência unívoca: texto interferindo sobre o leitor.

Na concepção de língua e linguagem como *estrutura*, como código e como instrumento de comunicação, o sujeito é visto como, inconsciente e determinado pelo sistema. É um sujeito que não sabe o que diz porque não sabe quem é. Nesse sentido, é um sujeito repetidor, que fala o que a ideologia, a instrução deseja que fale, apesar de ter a ilusão que fala por si. Nessa concepção, o texto é tomado como um produto de codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor, como um

indivíduo totalmente passivo, já que seu papel se limita a decodificar a mensagem falada ou escrita, sem se preocupar com o não dito, com o não explicitado pelo código.

Para a concepção de língua e linguagem como *forma de ação ou interação*, o sujeito é uma entidade psicossocial, que se constitui na sua relação com o outro, sendo o texto concebido como o próprio lugar da interação. Assim, o texto se constrói na interação entre interlocutores e carrega uma gama de implícitos, revelados pelo contexto sociocognitivo dos interlocutores, os quais são vistos como sujeitos ativos, que constroem e são construídos pelo texto.

De acordo com esta última concepção de língua e linguagem, o texto é tomado como um sistema de significado aberto, que dá margem a uma multiplicidade de sentidos, construídos no momento da interação texto/interlocutor. É um tecido tramado a cada contato com o interlocutor, em cada momento histórico e contexto sociocultural, sendo as suas teias constituídas de implícitos que surgem do explícito e do revelado (DELL'ISOLA, 2001).

Koch (2009, p.12) apresenta também outras concepções de texto, a saber:

Texto como frase complexa ou signo linguístico mais alto na hierarquia do sistema linguístico (Concepção de base gramatical); Texto como signo complexo (Concepção de base semiótica); Texto como expansão tematicamente centrada de macroestruturas (Concepção de base semântica); Texto como ato de fala complexo (Concepção de base pragmática); Texto como discurso “congelado”, como produto acabado de uma ação discursiva (Concepção de base discursiva); Texto como meio específico de realização da comunicação verbal (Concepção de base comunicativa); Texto como processo que mobiliza operações e processos cognitivos (Concepção de base cognitivista) e Texto como lugar de interação entre atores sociais e de construção interacional de sentidos (Concepção de base sociocognitivo-interacional).

Dentre as concepções de texto propostas por Koch (2009), destacamos, neste trabalho, a concepção de base sociocognitiva-interacional, por compreendermos o texto como uma unidade voltada para a comunicação realizada entre as pessoas, envolvendo o uso real da língua e a associação existente na interação sociocognitiva, uma vez que “não há possibilidades integrais de pensamentos ou domínios cognitivos fora da linguagem, nem possibilidades de linguagem fora de processos interativos humanos” (KOCH, 2009, p.32). Na interação pela linguagem, os interlocutores “se engajam no processo de produção e leitura de textos carregados de objetivos e expectativas que determinam o tipo e a estrutura conceitual e formal do texto a ser escrito e o tipo de leitura a ser produzido” (KOCH,

2009, p. 40). Podemos, então, dizer que o texto mantém relação com o contexto situacional e se constitui na interação, não acabando em si mesmo e recebendo a influência da história de leitura do autor e do leitor do texto. (COSTA VAL, 1999; KOCH & TRAVAGLIA, 2001; KOCH, 2002).

Nessa perspectiva, para o texto ser compreendido pelo interlocutor, ele precisa ser analisado em relação a três pontos específicos: “O pragmático, que tem a ver com seu funcionamento enquanto atuação informacional e comunicativa; o semântico-conceitual, de que depende sua coerência; o formal, que diz respeito à sua coesão” (COSTA VAL, 1994, p. 4-5). A partir do pragmático, o texto se torna um meio de comunicação e informação entre as pessoas, com o semântico-conceitual revelando o sentido exercido pelo texto, em um determinado contexto situacional. Em relação ao aspecto formal, podemos afirmar que dizem respeito aos critérios a serem seguidos pelas regras gramaticais, cujo objetivo é tornar um texto coeso.

Dessa forma, o texto precisa ter um sentido, um significado para o receptor da mensagem. Esse sentido depende da compreensão linguística do texto, isto é, está relacionada à coesão a qual, como um princípio de textualidade, é responsável pela continuidade semântica das informações que vão se estabelecendo no desenvolvimento da textualidade. Os sentidos do texto vão sendo construídos por elementos linguísticos expressos na tessitura textual. Esses elementos linguísticos estabelecem e sinalizam os laços que ligam os vários segmentos do texto e, no caso dos textos no espaço digital, dão forma à materialidade dos espaços de escrita on-line.

Podemos assim afirmar que o texto

[...] é balizado pela noção de interação. O texto, então, é tomado como um evento no qual os sujeitos são vistos como agentes sociais que levam em consideração o contexto sociocomunicativo, histórico e cultural para a construção dos sentidos (CAVALCANTE, 2012, p.19).

Dentro desta perspectiva, o texto se torna um evento constituído de elementos linguísticos selecionados e ordenados pelos sujeitos de modo a permitir interação, não apenas na apreensão de conteúdos semânticos revelados pelo texto. Desse modo, a interação entre as pessoas, a produção do texto, as variações sociais da linguagem revelam a unidade sociocomunicativa do texto produzido como “um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas” (BEAUGRANDE apud MARCUSCHI, 2008, p.72). Assim, produzir um texto como um

evento comunicativo significa articular os aspectos linguísticos (o ato de fala verbalmente produzido), aspectos sociais (a situação sócio-histórica da realidade) e aspectos cognitivos (conhecimentos investidos).

De um modo geral, os textos se articulam nesses três aspectos. Esse fato nos leva a afirmar que, tanto na produção quanto na recepção do texto, o autor e o leitor estão em processo de interação, o que nos leva a afirmar que a produção e a recepção de um texto envolve um processo de produção de sentido que requer elementos constitutivos da textualidade, ou seja, os princípios de construção textual do sentido.

Sobre o texto como processo de interação, Beaugrande e Dressler (1981), apresentam sete critérios de textualidade que são denominados, atualmente, de Princípios de Construção Textual do Sentido (KOCH, 2018). A Figura a seguir demonstra esses critérios.

Figura 1: Princípios de Construção Textual do Sentido



Fonte: Figura elaborada pela autora

P

ara cada

a critério centrado no usuário, os autores estabeleceram um equilíbrio preciso, no sentido de garantir a textualidade. A *Situacionalidade* pode ser da situação comunicativa para o texto ou do texto para a situação comunicativa. Da situação para o texto, podemos considerar um conjunto de fatores que tornam um texto relevante para uma determinada situação comunicativa em curso ou passível de ser reconstruída. A segunda diz respeito ao mundo textual e ao mundo real. Nesse

sentido, o texto tem reflexos importantes sobre a situação, visto que o mundo textual não é idêntico ao mundo real.

A *Informatividade* implica pensar na mensagem/ informação a ser viabilizada por meio do texto, ou seja, não se trata apenas das unidades informacionais. Marcuschi (2008) explica que ninguém profere um texto para não dizer alguma coisa, no entanto, informação não é o mesmo que sentido e conteúdo no texto. A informação é um tipo de conteúdo que, quando apresentado ao leitor/ouvinte, assume um efeito de sentido. Assim, devemos entender a informatividade enquanto grau de expectativa e de conhecimentos que são expressos no texto. Isso indica que o interlocutor, ao produzir um texto, não somente se atém ao conteúdo a ser transmitido, mas também reflete sobre a escolha do grau de novidade, de saberes a serem partilhados, do que é óbvio e do que não o é, do que já faz parte dos conhecimentos dos leitores/ouvintes ou não.

Outro fator de natureza sociodiscursiva importante na constituição de um texto é a *Intertextualidade*. Para Koch (2014), esse é o critério que parte do princípio de que todo texto sempre remete a outro texto ou a vários, embora nem sempre podemos prever historicamente qual texto surgiu primeiro, ou mesmo distinguir numa relação o que já foi dito ou será dito. Nesse sentido, podemos afirmar que “todo texto faz remissão a outro (s) efetivamente já produzido (s) e que faz (em) parte da memória dos leitores”. (KOCH; ELIAS, 2014b, p. 101). Esse fator confirma a ideia de que não existe um texto puro no sentido da originalidade. Todo texto traz consigo vestígios dos discursos presentes em textos a ele preexistentes.

A *Intencionalidade* consiste basicamente na intenção do produtor do texto. Marcuschi (2008) diz que em um texto reside um objetivo ou finalidade que deve se captada pelo leitor. Esse é conscientemente criado pelo autor na produção escrita. Por isso se torna recorrente o fato de sempre questionarmos, em várias situações de interpretação de textos, o que o autor quer transmitir? O que ele pretende? O que ele quis dizer com isso? Para o autor, esse critério de textualidade se articula com os aspectos de natureza conceitual e linguística. Isto porque

A intencionalidade, no sentido estrito, é a intenção do locutor de produzir uma manifestação linguística coesiva e coerente, ainda que essa intenção nem sempre se realize na sua totalidade, especialmente na conversação usual. (MARCUSCHI, 2008, p. 127).

Se a Intencionalidade diz respeito à disposição do locutor/produtor do texto, o que ele pretende com sua construção linguística e discursiva, a *Aceitabilidade* está centrada no receptor, o que o recebe enquanto texto coerente e coeso, compreensível, dotado de significado, por isso, interpretável. Para Antunes (2010) tanto a intencionalidade quanto a aceitabilidade dizem respeito ao escritor/falante e receptor/ouvinte, respectivamente, e não ao texto.

Vemos assim que os princípios de construção textual do sentido centrados no usuário estão diretamente ligados à situação comunicativa, à contextualidade (MARCUSCHI, 2008), considerando que a compreensão de um texto, em grande parte, depende desses princípios. Quanto aos princípios centrados no próprio texto, a Coerência e a Coesão, podemos afirmar que são princípios que se referem à configuração linguística do texto, por meio da explicitação dos conhecimentos linguísticos.

Falar da Coerência é falar de sentido e de interpretação. Em um estudo bem detalhado, Koch e Travaglia (2001) buscam caracterizar a coerência por meio de análises de textos, o que os leva a afirmar que

A coerência está diretamente ligada a possibilidade de se estabelecer um sentido para o texto, ou seja, ela é o que faz com que o texto faça sentido para os usuários, devendo, portanto, ser entendida como um princípio de interpretatividade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido de um texto. Este sentido, evidentemente, deve ser do todo, pois a coerência é global. (KOCH; TRAVAGLIA, 2001, p. 21).

Conforme os autores, a coerência está centrada no sentido do texto, considerando que todo texto é um ato de comunicação e, desse modo, deve fazer sentido para quem envia a mensagem e para quem a recebe. É o chamado nexos, a conexão entre fatos e ideias, fundamental para a coerência textual.

O critério da Coesão engloba os recursos da língua utilizados para a construção material do texto. São os mecanismos gramaticais e lexicais, envolvendo a concordância, a correlação entre os tempos e modos verbais, a utilização adequada dos conectivos, conforme o sentido a ser expresso nas sentenças, dentre outros recursos que “expressam relações não só entre uma frase, mas também entre frases e sequências de frases dentro de um texto.” (COSTA VAL, 2006, p. 6).

Para Koch (2013), coesão e coerência são fenômenos distintos, entretanto, existem zonas mais ou menos amplas de imbricação entre eles, tornando assim

impossível estabelecer uma separação nítida entre um e outro fenômeno. A autora conceitua coesão como

[...] o fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se encontram interligados entre si, por meio de recursos também linguísticos, formando seqüências veiculadoras de sentidos (KOCH, 2013, p. 45).

Já Fávero (2009, p. 9) define coesão como

[...] um conceito semântico referente às relações de sentido que se estabelecem entre os enunciados que compõem o texto; assim, a interpretação de um elemento depende da interpretação de outro. O sistema linguístico está organizado em três níveis: o semântico (significado), o léxico-gramatical (formal) e o fonológico ortográfico (expressão). Os significados estão codificados como formas e estas, realizadas como expressões.

Essas expressões marcam o encadeamento do texto, sejam orações, sejam períodos ou parágrafos que expressam algum tipo de relação semântica entre as partes. Tais relações podem ser de causa, de tempo, de condição, de oposição, de adição, entre outras que vão sinalizando a direção que pretendemos dar para aquilo que dizemos.

Costa Val (1999, p. 7) vem acrescentar que:

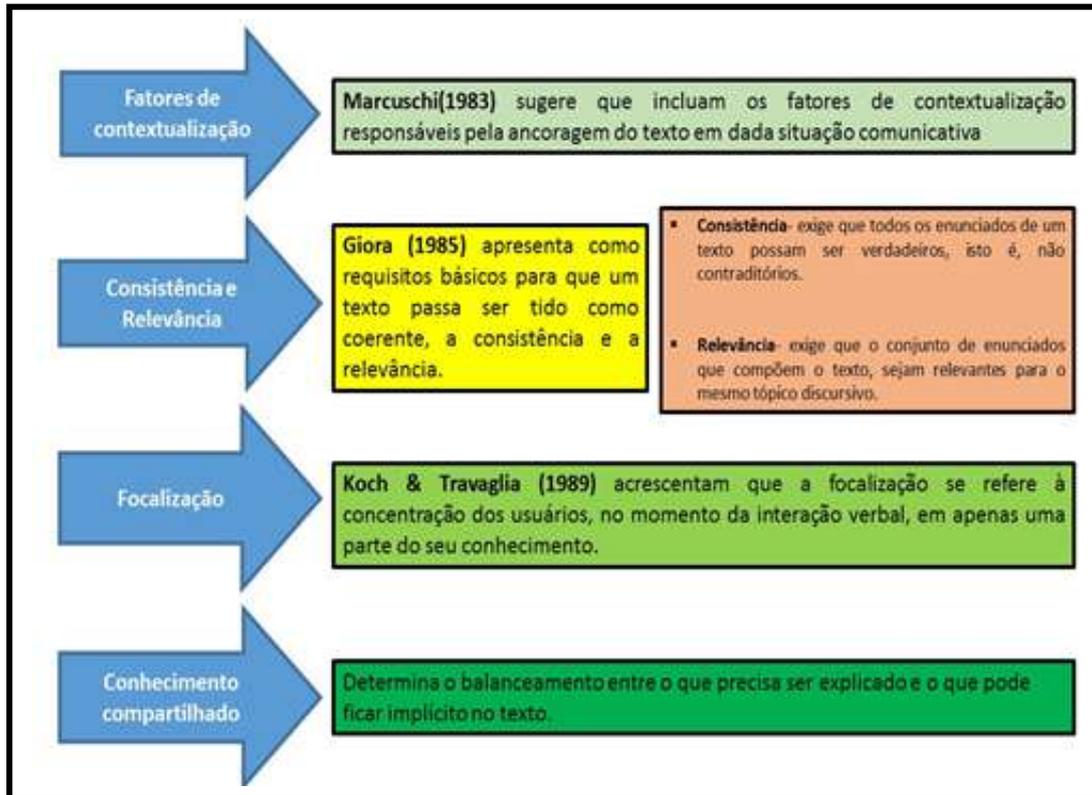
A coerência e a coesão têm em comum a característica de promover a inter-relação semântica entre os elementos de discurso, respondendo pelo que se pode chamar de conectividade textual. A coerência diz respeito ao nexos entre os conceitos e a coesão, à expressão desse nexos no plano linguístico.

Em vista disso, podemos afirmar que a Coesão diz respeito à utilização de estruturas que conferem uma linearidade a qual facilita a leitura e constroem um sentido interno ao texto, garantindo uma harmonia e possibilitando ao leitor perceber a conexão entre as partes do texto e a forma com que as ideias são expostas.

Isso posto, entendemos que coesão e a coerência são fatores importantes para a construção de um texto com sentido, no estabelecimento da comunicação, por isso pontuamos que esses mecanismos são interdependentes na seara textual, ou seja, eles estão interligados na formação dos textos.

Com o avanço dos estudos sobre o texto, os critérios de textualidade propostos por Beugrande e Dressler (1981) foram ampliados e outros aspectos sobre o texto passaram a ser considerados, entre os quais, ressaltamos os seguintes, pontuados na Figura 2.

Figura 2: Outros Aspectos da Textualidade



Fonte:

Figura elaborada pela autora

F

D

ess
e
mo
do,
fica
evid
ent

e que, na abordagem interacional de base sociocognitiva, o texto se constitui uma realização que envolve sujeitos, seus objetivos e conhecimentos com propósito interacional. Uma vez que “[...] esses sujeitos são situados sócio-histórica e culturalmente e que os conhecimentos que mobilizam são variados, é fácil supor que o texto ‘esconde’ muito mais do que revela a sua materialidade linguística” (KOCH; ELIAS, 2016, p. 32).

Como bem colocam as autoras, a materialidade do texto, de fato, não revela tudo que o texto contém. Daí afirmarmos que a perspectiva interacional do texto se liga a outra, à dialógica, que implica, metodologicamente, segundo Brait (2016), três aspectos que são constitutivamente conectados entre si:

- o da *materialidade* – sem o qual a vida do texto estaria impossibilitada e que, necessariamente, advém de linguagens socialmente organizadas e reconhecidas, caso do sistema linguístico, por exemplo, mas não exclusivamente dele;
- o da *singularidade* – que define o texto como único, configurado por seu inexorável pertencimento a uma situação, a um contexto, a uma cadeia histórico-discursiva, fator que delinea sua natureza enquanto forma viva e responsiva;
- o da condição advinda dessa *combinatória* – que possibilita o estabelecimento de *relações dialógicas* com outros textos, no sentido de propiciar, provocar e convocar diálogos, abrindo espaços para respostas,

para novos textos, para circulação e produção de discursos sociais, culturais, históricos (BRAIT, 2016, p. 14).

Esses aspectos, mas sobretudo o terceiro, o das relações dialógicas propriamente ditas, coadunam-se com nossa pesquisa, que está voltada à investigação do fenômeno da coesão textual no âmbito das cenas da aforização, cuja natureza é a de uma cadeia de textos interconectados por meio de destacamentos fortes e fracos. Isto porque cada texto se conecta a conhecimentos diversos (de língua, de textos, de interação, do mundo), razão pela qual os princípios de textualidade são compreendidos

[...] como as mais importantes formas de conectividade, que possibilitam múltiplas conexões não só dentro de um texto, mas também o texto e os contextos humanos nos quais ele ocorre, determinando que conexões são relevantes (KOCH; ELIAS, 2016, p. 34).

Os textos são, pois, construtos sociais, frutos de uma determinada instância comunicativa em que tanto o locutor quanto o interlocutor e os conhecimentos que eles têm acerca do assunto são muito importantes para o processamento de informações co(n)textuais que visam à composição do universo textual e à construção dos sentidos.

Embora entendamos que coesão e coerência não são mecanismos textuais dicotômicos entre si, o enfoque nesta pesquisa é para a coesão textual, ou seja, para o encadeamento das ideias presentes nos textos e das funções proporcionadas pelas cenas da aforização como recursos coesivos no estabelecimento dos sentidos do texto. Como bem nos diz Marcuschi (2002, p.88): “o texto é a unidade máxima de funcionamento da língua”, e não importa o seu tamanho; o que faz um texto ser um texto é um conjunto de fatores, acionados para cada situação de interação, que determinam a coerência dos enunciados.

2.3 A Coesão referencial na construção do (s) sentido (s) do texto

Entendemos por coesão, o uso dos elementos responsáveis pelo entrelaçamento e a conexão de palavras e enunciados que compõem o texto. Assim, a interpretação de um elemento depende da interpretação de outro. Logo, podemos dizer que o sistema linguístico está organizado em três níveis, segundo Fávero

(2012): o semântico, o léxico-gramatical e o fonológico-ortográfico. Desse modo, a coesão é obtida parcialmente por meio da gramática e do léxico.

Halliday e Hasan (1976, p.23) afirmam que

O conceito de coesão pode ser “complementado” pela noção de registro, desde que os dois juntos efetivamente definam um texto. Um texto é uma passagem do discurso que é coerente: em relação ao contexto da situação, sendo consistente em registro e, em relação a si mesmo, sendo coesivo.

Na visão dos autores, para um texto ser coerente, é necessário que seja consistente em registro e seja coesivo. Podemos dizer, assim, que a coesão é uma relação semântica entre um elemento do texto e algum outro elemento fundamental para a sua interpretação que ao estabelecer relações de sentido, diz respeito ao conjunto de recursos semânticos por meio dos quais uma sentença se liga com a sua antecessora. Portanto, os elementos de coesão “são aqueles que dão conta da sequenciação superficial do texto, isto é, os mecanismos formais de uma língua que permitem estabelecer, entre os elementos linguísticos do texto, relação de sentido” (MARCUSCHI, 1983, p. 38).

Koch (2013, p.45) afirma que a coesão

[...] diz respeito ao modo como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se encontram interligados entre si, por meio de recursos também linguísticos, formando sequências veiculadoras de sentidos.

Nessa perspectiva, temos a coesão como um conjunto de estratégias de sequenciação, a partir de constituintes articulados que ponderam o que diz respeito à disposição e às escolhas das palavras no texto para que estas formem uma sequência com sentidos. São os processos de coesão que dão conta da estruturação da sequência do texto, seja por recursos conectivos, seja por recursos referenciais, constituindo-se, portanto, “os padrões formais para transmitir conhecimentos e sentidos” (MARCUSCHI, 2008, p.99).

Neste tópico, tratamos da coesão textual estabelecida por recursos referenciais, um mecanismo que ocorre quando um componente do texto faz remissão a outro (s) elemento (s) do universo textual. Esse tipo de coesão, também chamada de remissão, está relacionada ao léxico, quando utilizado com a função de retomar referentes. Observemos o que fala Koch (2013, p. 28) sobre coesão referencial:

Chamo, pois de coesão referencial aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro (s) elemento (s) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual. Ao primeiro denomino forma referencial ou remissiva e ao segundo, elemento de referência ou referente textual

Ressaltamos que a maneira como as palavras são dispostas no texto interfere na construção de sentidos. Isto porque as informações semânticas contidas no texto se distribuem em duas partes: “o dado e o novo” (KOCH, 2015). A informação dada diz respeito ao que já foi dito no decorrer do texto, algo de que o leitor tenha conhecimento que está na consciência dos interlocutores. Essa informação dada serve de suporte para novas informações. Contudo, existem formas coesivas referenciais nas quais o referente não está expresso, e precisa ser entendido a partir do conhecimento de mundo do leitor através de suas inferências.

A retomada da informação que já foi dada no decorrer do texto é realizada por meio da remissão ou referência textual, construindo, assim, as cadeias coesivas, que colaboram para a organização do texto, bem como produzem sentido, conforme a intenção do autor do texto. No entanto, essas cadeias coesivas também podem vir expressas no texto (escrito) e não somente na memória dos interlocutores que, por sua vez, são “ativadas” a partir de pistas deixadas no texto. Depois de encontradas as pistas, o interlocutor reativa seus conhecimentos e faz inferências sobre o que leu tendo como suporte às informações dadas. Podemos afirmar que a coesão referencial se realiza por meio de um processo cíclico, conforme demonstrado na Figura 3:

Figura 3: Processo cíclico da coesão referencial



Fonte: Elaborada pela autora, baseada em Koch (2015, p.97)

Esse movimento cíclico da coesão referencial pode ser assim explicado, com base em Koch (2015): a **ativação** acontece quando introduzimos um referente textual ainda não mencionado, o qual passa a preencher um nódulo na rede conceptual; a **reativação**, por sua vez, diz respeito à reativação na memória de curto termo, por intermédio de alguma forma referencial, de um nódulo já introduzido, fazendo com que o referente permaneça em foco; por fim, a **de-ativação** consiste em ativar um novo nódulo e desativar o que, antes, estava em foco. Isso, contudo, não significa um apagamento por completo, pois “este continua a ter endereço cognitivo (locação) no modelo textual, podendo a qualquer momento ser novamente ativado” (KOCH, 2015, p. 97).

Para melhor compreendermos o processo cíclico da coesão referencial, tomemos como exemplo o seguinte texto:

O bicho

Manuel Bandeira

*Vi ontem um [1] bicho
Na imundície do [2] pátio
Catando [3] comida entre os [4] detritos.*

*Quando [5] Ø achava alguma coisa,
[6] Ø Não examinava nem cheirava:
[7] Ø Engolia com voracidade.*

*O [8] bicho não era um [9] cão,
Não era um [10] gato,
Não era um [11] rato.*

O [12] bicho, meu [13] Deus, era um [14] homem.

Fonte: Disponível em: <<https://www.escritas.org/pt/t/4828/o-bicho>>.

O referente “bicho” é introduzido no texto e mantém-se em foco durante todo o texto, por uma questão de natureza temática, graças a processos referenciais de retomada, conforme demonstrado no quadro a seguir:

QUADRO1: Descrição dos mecanismos referenciais

[1] 1ª menção: ativação referencial no texto.	[8] retomada do referente [1].por repetição
[2] introdução de novo referente.	[9]]
[3] introdução de novo referente.	[10]]
[4] introdução de novo referente.	[11]]
[5]]	[12] retomada do referente [1] por repetição.
[6]]	[13] introdução de novo referente.
[7]]	[14] retomada do referente [1] por anáfora

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Vemos assim que

[...] quanto mais um objeto é, na sequência do texto, referido – quer dizer, é reativado – mais aumenta a possibilidade de a expressão linguística que o representa estar diretamente ligada à continuidade temática do texto. Outra vez, fica evidenciada a função que a reiteração (incluindo, a repetição literal de uma palavra) pode assumir para criar e sinalizar a coesão do texto (ANTUNES, 2017, p. 98-99).

Os referentes são constituídos por meio do processo de remissão deixado como sinalizações no texto, podendo ser apresentadas pela primeira vez ou já ter sido explicitadas, as quais são consideradas continuidades referenciais, chamadas anáforas. Isto porque “Todo processo referencial é viabilizado por um dispositivo remissivo, uma propriedade de apontar para um dado objeto reconhecível a partir de pistas muito diversificadas” (CAVALCANTE, 2015, p.46).

Convém ressaltar que as pistas deixadas no texto para reativação como elemento coesivo correspondem aos referentes que são realizados por meio de anáfora e de catáfora. Segundo Koch (2015, p. 46),

Esse tipo de remissão pode ser efetuada por meio de recursos de ordem “gramatical” – pronomes pessoais de terceira pessoa (retos e oblíquos) e os demais pronomes (possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos, relativos), os diversos tipos de numerais,

advérbios pronominais (como aqui, aí, lá, ali) e os artigos definidos; ou por intermédio de recursos de natureza lexical, como sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos, descrições definidas; ou ainda por reiteração de um mesmo grupo nominal ou parte dele; e, finalmente, por meio da elipse.

Essas formas de coesão estabelecidas por meio de elementos gramaticais não fornecem ao texto qualquer instrução de sentido apenas estabelecem conexão entre os termos no texto. Essas formas gramaticais, segundo Koch (2015), podem ser presas ou livres.

As formas referenciais gramaticais presas são classificadas com este termo por estarem relacionadas estritamente com os modificadores que, no texto, pertencendo ou não à classe gramatical dos artigos, exercem tal função. Os artigos indefinidos são articulados no texto como elementos catafóricos, isto é, remetem a informações subseqüentes, e os artigos definidos funcionam como anafóricos, pois fazem referência a termos já mencionados no texto. Há também os pronomes adjetivos e os numerais cardinais e ordinais que, assim como os artigos, funcionam como formas gramaticais presas.

Para melhor compreendermos as formas gramaticais presas, vejamos os seguintes exemplos:

Exemplo 1: *A mãe levou seu filho ao cinema. O menino adorou a programação.*

Exemplo 2: *Era uma vez **uma** doce menina que...*

No exemplo 1, o artigo “o” na segunda sentença é definido, pois o *menino* e o *filho* são a mesma pessoa. Sendo assim, o artigo funciona como forma referencial gramatical presa, nesse caso, anafórica, pois faz referência a um outro termo presente no mesmo enunciado. No exemplo 2, a função do artigo indefinido “uma” é introduzir uma informação nova no discurso que ainda não foi referenciada. Nesse caso, o artigo desempenha a função de forma referencial gramatical presa, sendo que, catafórica, visto que remete à informação nova ao termo: *doce menina*.

As formas referenciais gramaticais livres, ao contrário das referenciais gramaticais presas, não estão relacionadas com nenhum nome dentro das classes gramaticais, pois são usadas para fazer a referenciação anafórica ou catafórica na construção textual. Para esse elemento coesivo, temos a classe gramatical dos pronomes pessoais de terceira pessoa: ele, ela, eles e elas. Sendo dado, através deles, uma instrução de conexão ao leitor sobre a qual elemento de referência está se reportando, conforme observamos o exemplo a seguir:

*Espere criança! De nada adiantou o apelo do irmão. **Ela** não o escutou.*

No exemplo apresentado, temos, na terceira sentença, o pronome pessoal “ela” fazendo referência ao substantivo “criança” na primeira sentença. Em outras palavras, temos a remissão de um termo já dito anteriormente. Desse modo, a presença de uma forma gramatical livre com referenciação anafórica.

Vejamos outro exemplo:

*E lá estava **ele**, instaurando-se silenciosamente: o maior golpe político da história.*

Nesse exemplo, é possível notar que o termo “ele” faz referência a uma outra expressão que aparece posteriormente na sequência do enunciado: “o maior golpe político”. Há, portanto, uma conexão lógico-semântica entre as partes do enunciado, em virtude da forma gramatical livre de referenciação catafórica.

Convém destacar que os referentes de ordem gramatical, conforme Koch (2015, p. 40-48), são: elipse, pronomes substantivos, numerais, advérbios pronominais, expressões adverbiais do tipo: *acima, abaixo, a seguir, assim, desse modo*; formas verbais remissivas.

A coesão referencial lexical promove no texto conexões entre as palavras e orações, como também remete a algo além dos termos, estabelecendo efeito de sentido, conforme a intenção do autor. Esse tipo de coesão, segundo Koch (2015, p. 40-48), pode ser estabelecida por meio de: a) expressões ou grupos nominais definidos; b) nominalização; c) expressões sinônimas ou quase sinônimas; d) hiperônimos ou indicadores de classe.

Para ilustrar o que estamos dizendo sobre coesão referencial lexical, observemos o seguinte enunciado:

***Luciano Huck** finalmente decidiu seu futuro político. **O apresentador** vai disputar a presidência do Brasil.*

O enunciado apresenta a expressão “o apresentador”, na segunda sentença com sentido de sinônimo para se referir a um termo mencionado anteriormente, no caso, "Luciano Huck". Temos, nesse exemplo, a presença da coesão referencial lexical, uma vez que algumas substituições favorecem a não repetição de palavras.

Ainda sobre a coesão referencial, Koch (2015) enfatiza a sequenciação parafrástica que consiste na repetição já utilizada no interior do texto. Essa estratégia remissiva pode ocorrer de algumas maneiras, como: a) recorrência de termos no texto, que são repetidos com o objetivo de enfatizar a ideia central; b) recorrência de estruturas como o paralelismo; c) recorrência de conteúdos semânticos, nos quais são apresentados os mesmos conteúdos semânticos com formas estruturais diferentes; d) recorrência de tempo e aspecto verbal, que consistem em como os verbos são empregados no interior do texto em virtude de forma comunicativa, perspectiva e consideração sobre o que são as informações primárias e secundárias no texto.

A título de exemplificação, vejamos um texto em que a coesão referencial se estabelece por meio de recorrência,

*Uma jovem estava caminhando quando **viu** um outdoor anunciando um show de sua banda preferida, **ficou** com vontade de ir, então **pediu** dinheiro para o seu pai para que assim pudesse comprar o ingresso. O dia tão esperado chegou me arrumei, mas o caminho era longo. Ao chegar no estádio me surpreendi com a multidão.*

Percebemos inicialmente que o personagem da narrativa é uma menina e ela é o sujeito dos verbos *viu*, *ficou* e *pediu* flexionados no pretérito perfeito do indicativo. Logo em seguida, por meio dos verbos pronominais *me arrumei* e *me surpreendi*, também flexionados no pretérito perfeito do indicativo, a personagem do texto passa a ser a própria narradora, troca que representa a recorrência de tempo e aspecto verbal, que consistem em como os verbos são empregados no texto.

Outra autora que trata da coesão referencial é Fávero (1991). Para essa autora, a coesão referencial é

[...] um conceito semântico referente às relações de sentido que se estabelecem entre os enunciados que compõem o texto; assim, a interpretação de um elemento depende da interpretação de outro. O sistema

linguístico está organizado em três níveis: o semântico (significado), o léxico gramatical (formal) e o fonológico ortográfico (expressão). Os significados estão codificados como formas e estas, realizadas como expressões. Desse modo, a coesão é obtida parcialmente através da gramática e parcialmente através do léxico. (FÁVERO, 1991, p.9).

Na visão da autora, a coesão referencial se estabelece por meio de palavras da língua as quais não têm sua interpretação semântica por si só; é necessário fazer referência a alguma coisa para que tenha sua significação. A referência, no entanto, é abstrata, encontra-se no cognitivo do leitor e pode ser relacionada a tal coisa de acordo com o meio em que vive esse leitor. Isto porque a referência é observada isoladamente e não representa nenhum significado, antes da alusão proporcionada pelos referentes.

Convém ressaltar que a coesão referencial também se estabelece pela recategorização dos referentes em meio ao contexto, pois o mesmo objeto pode ser caracterizado de várias formas, dependendo do meio de interação no qual está inserido.

Nesse sentido, Blikstein (*apud* KOCH, 2015, p. 50)

[...] defende a tese de que o que julgamos ser a realidade não passa de um produto de nossa percepção cultural. [...] percebemos os objetos tal como previamente definidos por nossas práticas culturais: a “realidade” é fabricada por toda uma rede de estereótipos culturais, que condicionam a própria percepção e que, por sua vez, são garantidos e reforçados pela linguagem, de modo que o processo de conhecimento é regulado por uma interação contínua entre práxis, percepção e linguagem.

Feitas estas considerações, podemos dizer que os referentes não são apenas pontuais no texto, eles vão além, estão ligados e dependem de elementos cognitivos do leitor que possam remeter a algum tipo de conhecimento. Em outras palavras, a compreensão de uma expressão anafórica não significa apenas pontuar elementos linguísticos já mencionados, mas também fazer relação com a memória discursiva do leitor.

3 A ANÁLISE DO DISCURSO EM INTERFACE COM A LINGUÍSTICA TEXTUAL

Neste capítulo, propomos uma discussão sobre a interface entre Análise do Discurso e Linguística Textual, duas áreas de estudo do campo da Linguagem, muitas vezes colocadas em relação de oposição. Pensamos que o diálogo entre as duas áreas consiste no fato de que os pressupostos teóricos da Linguística Textual permitem estabelecermos a organização textual, ou seja, as manobras argumentativas que levam à determinada estruturação do texto.

Por sua vez, os regimes enunciativos da Análise do Discurso contribuem para a compreensão da organização textual, a qual não é aleatória, uma vez que está inserida num contexto de determinações e restrições discursivas. Não se trata de defender que uma seja anterior à outra, ou que uma seja mais completa que a outra no que se refere aos estudos da linguagem. Trata-se, antes, de tentar estabelecer uma relação de proximidade entre elas, sem desconsiderar as especificidades que as diferenciam, buscando, assim, uma abordagem mais detalhada em relação à análise linguístico-discursiva das cenas da aforização como recursos coesivos em textos da Rede Social Facebook. Para tanto, apresentamos a seguir uma breve trajetória das fases que compuseram a Análise do Discurso e logo em seguida, a relação de proximidade entre Análise do Discurso e Linguística Textual, na visão de Maingueneau (2010, 2011, 2014, 2015).

3.1 A Análise do Discurso: percursos teóricos e epistemológicos

No início dos anos 60, a França foi palco de inúmeros debates realizados pelos intelectuais sobre diversos assuntos, principalmente em torno do estruturalismo e do marxismo, duas correntes importantes para a compreensão da Análise do Discurso, doravante AD. De acordo com Maingueneau (2011), foram os formalistas russos que abriram espaço para a entrada dos estudos linguísticos do discurso, ao operarem com o texto. Todavia, foram os trabalhos do linguista americano Z.H. Harris, o qual realiza uma análise sistemática do texto, de R. Jakobson e de E. Benveniste sobre a enunciação que serão decisivos para a constituição da AD.

Mazière (2007) afirma que é pela transferência de métodos linguísticos americanos para as análises lexicais sociopolíticas tradicionais na França que a AD é composta. A autora destaca também o papel de Dubois que transporta para a linguística estrutural o discurso que passa a ser organizado pelo conceito de língua e pelos métodos distribucionais e pela ideologia. Contudo, não se funda ainda uma nova prática disciplinar, pois eram necessários contextos epistemológicos e os momentos políticos combativos que permitiram o desenvolvimento institucional da linguística no seio das universidades no fim dos anos 60, na França.

O termo “análise do discurso” é introduzido por Jean Dubois, professor da Universidade de Paris X-Nanterre, possibilitando, então, o desenvolvimento da “Escola Francesa da Análise do Discurso”. Entre 1969 a 1972, surge a “Escola de Nanterre”, primeiro círculo de pesquisadores em AD com a publicação de teses e com trabalho sobre textos políticos.

A publicação do livro *Analyse Automatique du Discours* em 1968 do filósofo Pêcheux é apontada por Mazière como a porta de entrada para a segunda corrente fundadora da AD. Há duas grandes vertentes que vão influenciar a AD e sobre as quais Pêcheux vai elaborar e postular seus conceitos de modo que o linguístico e o sócio-histórico se aliem. De um lado, temos a ideologia postulada por Althusser, e de outro, o discurso de Foucault.

Outro elemento que constitui a AD em seu nascimento é a psicanálise lacaniana. Lacan faz uma releitura de Freud e, apoiado no estruturalismo linguístico, afirma que o inconsciente se estrutura pelo cruzamento de diversos discursos e é pela linguagem que ocorre a percepção do discurso do Outro.

A AD é marcada por deslocamentos, principalmente na forma de concebermos língua e discurso. Essas mudanças acabam por dividi-la,

didaticamente, em três fases: AD1, AD2 e AD3. Visto que essas épocas não se definem precisamente pela divisão cronológica, não nos detemos em datas.

A primeira fase, AD1, surge no período áureo do estruturalismo que vigorou na Europa. Embora seu surgimento tenha provocado rupturas com o estruturalismo, a AD, ao propor o uso da gramática gerativa, pela análise transfrástica, ainda apresenta continuidade dessa corrente teórica.

Quanto aos procedimentos de análise, Mussalim (2004) nos apresenta as seguintes etapas: a) A primeira etapa inicia-se com a seleção do *corpus*, cuja preferência se dá por textos impressos tipologicamente marcados, como os discursos políticos teórico-doutrinário do Partido Comunista; b) Em seguida, ocorre a análise linguística na qual se considera a construção sintático-lexical do *corpus*; c) Nesta terceira etapa, contempla-se uma dimensão discursiva em que o analista questiona o uso de determinadas palavras por meio da substituição e da paráfrase; d) Por fim, o analista utiliza as relações de sinonímia e paráfrase para verificar se ambas decorrem de uma mesma estrutura geradora de sentido do processo discursivo. Nessa fase, tem-se a exploração da noção de “maquinaria discursiva” na qual o discurso é considerado homogêneo e fechado em si mesmo.

A AD2, que corresponde à segunda fase, surge com a noção de formação discursiva, (daqui em diante, FD), advinda da obra *Arqueologia do Saber* de Foucault (1969) que consiste em

um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa.(FOUCAULT,1969, p.86)

Esse conceito faz com que a noção de maquinaria discursiva da AD1 vá se diluindo, pois se verifica, segundo Fernandes (2007, p.88), “que uma formação discursiva constitui-se de outras formações discursivas, de elementos que vêm de seu exterior, ao que Pêcheux denominou de pré-construído”.

É a FD que determina o que pode e deve ser dito, fazendo com que o sujeito utilize as palavras relacionadas às condições históricas. Junto a esse conceito, surge a noção de formação ideológica que consiste na perspectiva de mundo de uma determinada classe social. Considerando-se que não existem ideias desvinculadas da linguagem, essa visão de mundo também não existe fora da linguagem. Assim, para cada formação ideológica existe uma formação discursiva.

Os procedimentos metodológicos de análise permanecem praticamente os mesmos da AD1, porém a visão do *corpus* se modifica: o analista se encarrega de

verificar os espaços “invadidos” por outras formações. Surge a noção de sujeito em dispersão, devido a inúmeras funções e papéis exercidos em diferentes espaços discursivos. Esse sujeito, porém, não é livre porque sua enunciação é controlada pelas diversas formações.

Na terceira fase, denominada AD3, ocorrem as seguintes transformações: a noção de maquinaria discursiva é totalmente desconstruída, pois os discursos que compõem uma formação discursiva não são independentes uns dos outros, mas se encaixam no interior de um interdiscurso. Esse novo conceito, que prioriza a relação interdiscursiva, elimina a análise feita por etapas e com ordem fixa. A noção de homogeneidade atribuída à noção de condições de produção é abandonada; a sintaxe não é mais considerada neutra na construção de sentidos; a noção de enunciação e heterogeneidade passam a ser abordadas e o sujeito, por sua vez, apresenta-se também como um ser dividido e heterogêneo.

Apesar dessas reformulações pelas quais a AD passou, ela mantém alguns princípios que lhe são sólidos. Mazière (2007, p.48) nos aponta alguns:

- a AD leva em conta a língua, situando-a em um espaço-tempo;
- a AD leva em conta a gramática, as sintaxes e os vocabulários de línguas particulares;
- a AD analisa *corpora* heterogêneos;
- sua interpretação leva em conta dados de língua (s) e história, inclusive a capacidade lingüística do sujeito falante, recusando, assim, o sujeito enunciador individual.

No Brasil, a AD chegou em 1980, após a abertura política que só foi possível com o fim da ditadura militar; enquanto, na França, ela estava passando por reformulações, conforme expomos. Mesmo após a morte de Pêcheux em 1983, a AD continuou a se renovar, graças às contribuições teóricas de Maingueneau (AD3) que nortearão nossa pesquisa.

3.2 Análise do Discurso e Linguística Textual: especificidades e possibilidade de diálogo

Para estabelecermos uma relação de proximidade entre Análise do Discurso e Linguística Textual, vamos buscar em Maingueneau (1997) os fundamentos epistemológicos dessa relação, pois falar de texto para o teórico implica falar de condições de produção do discurso, ou seja, das condições sócio-históricas que determinam a produção, recepção e interpretação de enunciados. Essas condições

não são analisadas a *posteriori*, como se fossem instanciais. Para a Maingueneau (1984), o texto é uma das manifestações do discurso, com o contexto ou as condições de produção sendo também importantes para a constituição de sentido (s).

Maingueneau (1997, p.26) afirma que a AD

[...] não estuda de maneira imanente os enunciados para, em seguida, os relacionar com diversos parâmetros “exteriores”, situacionais: a análise esforça-se, pelo contrário, por considerar o discurso como uma atividade inseparável desse “contexto”. O sentido constrói-se, então, nas relações interdiscursivas, a partir de cadeias intertextuais, o que pressupõe o diálogo com textos que antecedem o momento da interação enunciativa. Mesmo considerando estes elementos anteriores à produção e recepção dos textos, a AD defende que o sentido vai se constituindo à medida que se constitui o próprio discurso.

Nesse sentido, podemos afirmar que não existe o sentido em si, ele vai se constituindo nas relações interdiscursivas, a partir de cadeias intertextuais que vão sendo construídas, à proporção que se constitui o próprio discurso. Em outras palavras, o sentido não preexiste, mas sim as condições de produção que resultam em tal sentido. Assim, segundo Maingueneau (2010, p.9), “poucas pessoas hoje contestariam a ideia de que o texto constitui a única realidade empírica com a qual o linguista lida: unidades como a frase ou a palavra são necessariamente retiradas de textos”. E os textos, por sua vez, remetem a gêneros de discurso que funcionam como quadros de referência para toda a comunicação pensável numa dada formação sócio-histórica.

Desse modo, Maingueneau (2010) mobiliza o termo “gênero do discurso” para atividades como o debate televisivo, a interação em redes sociais, chats, plataformas digitais, entre outros. Todavia, a assunção de que o texto é a unidade básica de estudo não é imune a questionamentos quando o que investigamos são as práticas discursivas da mídia, esfera de comunicação em que abundam enunciados curtos, geralmente constituídos de uma única frase e que circulam fora do texto.

Segundo Maingueneau (2008, p. 68), há dois tipos de enunciados: os destacados e os destacáveis. Os enunciados destacados dizem respeito àqueles passíveis de serem autônomos, como é o caso das fórmulas filosóficas⁶.

⁶ Por fórmula filosófica, compreendemos que são as “asserções generalizantes que enunciam um sentido completo do texto”. (MAINGUENEAU, 2008, p.77)

Todavia, esse destaque também é identificado de várias outras maneiras.

- 1- Ao utilizarmos o enunciado para elaborar um título ou intertítulo;
- 2- Ao enunciado estar localizado em uma posição relevante (normalmente inicial ou final);
- 3- Ao receber um valor genérico, generalizante;
- 4- Por apresentar em sua estrutura, significados que vão além do sentido literal, a partir da: simetria; silepse; metáfora e quiasmo;
- 5- Por ser conferido ao enunciado um papel-chave. (MAINGUENEAU, 2008, p.72).

O segundo tipo de enunciados, o de estar localizado em uma posição relevante, diz respeito aos fragmentos destacáveis, aqueles formatados pelo autor do texto para uma possível retomada citacional. Esse é “um ato de pôr em evidência que se opera em relação ao resto dos enunciados que são atribuídos, sem mais, ao locutor” (MAINGUENEAU, 2008, p.80).

Com base nessas particularidades, Maingueneau (2010) entende o texto como um conjunto de frases interligadas segundo regras específicas, a exemplo: ditados, slogans, máximas, manchetes, títulos, subtítulos, legendas de fotografias, comentários em redes sociais da web. Essas frases são dotadas de certas propriedades que facilitam sua memorização e, conseqüentemente, sua circulação, que podem vir a ser bastante intensa.

Nesse viés, provérbios ou adágios, frases de celebridades publicadas em blogs, postagens e comentários postados em redes sociais da web são exemplos de enunciados para além de um gênero, conhecidos como regimes enunciativos. Diante disso, o autor afirma que há dois tipos de enunciação: a textualizante e a aforizante, conforme citado no livro *Discurso e Análise do discurso* (2015), obra de sua autoria:

[...] preferimos pensar que este fenômeno não é periférico, mas que revela uma dimensão constitutiva da enunciação, a saber, que ela pode funcionar segundo duas modalidades: por meio de textos ou por meio de frases sem texto, quer estas sejam autônomas por natureza, “primárias” – como o slogan ou o provérbio –, quer sejam “secundárias”, isto é, extraídas de textos. Adotando esta perspectiva, somos levados a distinguir entre uma enunciação “textualizante”, a dos gêneros de discurso e da conversação, e uma enunciação “aforizante”, a das frases sem texto (MAINGUENEAU, 2015, p.132).

Dessa forma, podemos associar a enunciação textualizante aos conhecidos gêneros discursivos e a enunciação aforizante às frases que possuem propriedades enunciativas sem estarem presas às estruturas textuais. Para compreender essa

distinção entre os enunciados, é necessário elencarmos algumas diferenças propostas pelo autor.

A primeira diferença apresentada diz respeito à interação, característica comum para os gêneros discursivos. A enunciação textualizante apresenta posições definidas de produção e de recepção, por exemplo, professor/aluno, orador/auditório, entre outros. Já a segunda não pressupõe interação entre protagonistas situados no mesmo plano. Não há um alocutário específico, pois não existe “interação direta” entre os participantes da enunciação. “O aforizador fala a uma espécie de auditório universal, para além do destinatário instituído por esse ou aquele gênero do discurso” (MAINGUENEAU, 2015, p.133).

Outra diferença está pautada no fato de que a primeira enunciação se fundamenta em diferentes atividades (explicar, argumentar, narrar, entre outros). Diferente deste, a enunciação aforizante apresenta um interesse único: expressar o pensamento. O locutor está no centro do discurso com o intuito de enunciar uma verdade, uma convicção. O objetivo dessa enunciação é expressar um pensamento da fonte enunciativa, uma afirmação, tese ou proposição tida por essa fonte como verdade. Nas palavras de Maingueneau (2010, p.14),

Um texto é uma rede de pensamentos articulados por meio das restrições de jogos de linguagem de diversas ordens: argumentar, narrar, responder a uma pergunta, maldizer... na aforização, o enunciado pretende exprimir o pensamento de seu locutor, aquém de qualquer jogo de linguagem: nem resposta, nem narração, mas pensamento, dito, tese, proposição, afirmação soberana.

Essa característica está associada a outra distinção entre as enunciações: os planos enunciativos⁷. Os textos tendem a estratificar planos enunciativos, pois levam em consideração, por exemplo, as diferentes figuras do enunciadador (autocorreção, concessão...) e os diferentes status polifônicos (citação, paráfrase...). Já na aforização, o enunciado tende à homogeneidade, não há mudança de plano enunciativo.

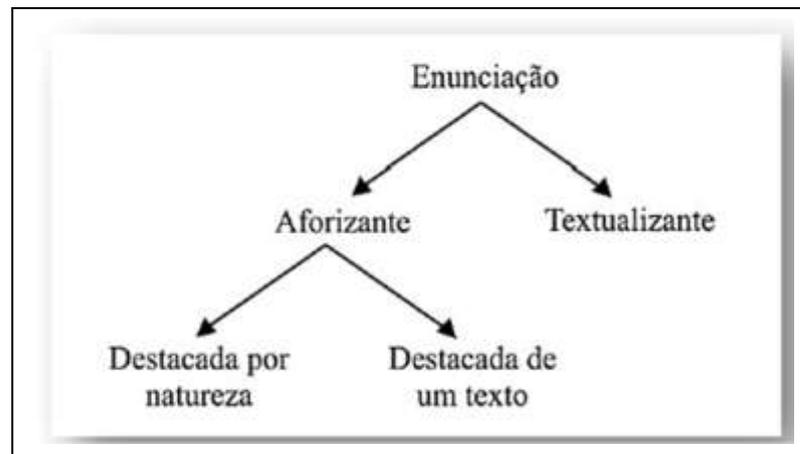
Outra diferença está no fato de que o texto resiste à apropriação pela memória. Para Maingueneau (2010, p.14), “é preciso ser ator ou bardo profissional para memorizar textos inteiros”. A enunciação aforizante, por sua vez, propõe o contrário, pois pretende ficar na memória. A aforização investe na “utopia de uma

⁷ Termo que compreende a intertextualidade, o vocabulário, os temas, o estatuto dos coenunciadores, a dêixis espaço-temporal, o modo de enunciação e o modo de coesão. (MAINGUENEAU, 2010)

fala viva e sempre disponível, que atualiza o ‘memorável’” (MAINGUENEAU, 2010, p.14).

Podemos afirmar, portanto, que só é possível identificar os enunciados segundo o seu “destaque” dentro de uma lógica do texto, pois sobressaem-se algumas características formais: “são curtos, bem estruturados, de modo a impressionar, a serem facilmente memorizáveis, e reutilizáveis” (MAINGUENEAU, 2008: 77). O autor se refere a um conjunto de características que classificam um enunciado como destacável ou passível de ser destacado. Esse conceito mais amplo da “destacabilidade” é de suma importância para que possamos compreender a Figura a seguir:

Figura 4: Enunciações Aforizante e Textualizante



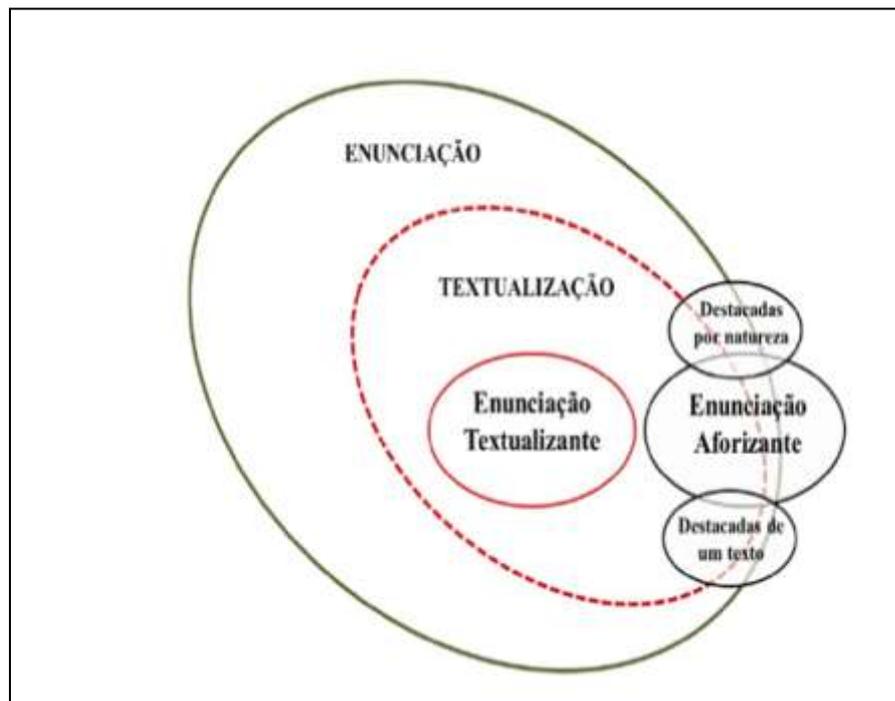
Fonte: Maingueneau (2015, p.16)

A Figura 4 nos permite observar dois diferentes planos enunciativos: um textualizante e outro aforizante. Contudo, a aparente oposição entre os planos não os inscrevem em dimensões opostas. Na verdade, ambos estão inscritos no horizonte de um gênero discursivo, uma vez que todo enunciado se materializa em um gênero, embora reconheçamos que as aforizações não estão presas aos gêneros. Elas precisam de um para existir, mas estão sempre em conflito com o plano textual que a acolhe, apontando para fora do texto. A leitura da Figura 4 nos

permite observar que os enunciados destacados perpassam (por) ou emanam (de) um processo de textualização que compreende a produção de um quadro genérico.

Os enunciados destacados compõem esse quadro (enunciação textualizante), fazendo parte da lógica do texto, ou o perpassam (enunciação aforizante), sem fazer parte dessa lógica, mesmo que sejam inseridos em um texto. Nossa compreensão pode ser exemplificada na adaptação da Figura 5:

Figura 5: Representação do funcionamento das enunciações Aforizante e Textualizante



Fonte: Adaptado de Maingueneau (2010, p.23).

O processo de textualização é necessário para a materialização de toda e qualquer enunciação, sua fonte discursiva. As enunciações aforizante e textualizante compõem seu próprio quadro genérico em que se manifestam. No entanto, as ocorrências das enunciações aforizante e textualizante são distintas porque existem a partir de duas lógicas também distintas: a lógica do texto e a lógica da citação⁸. Na lógica do texto, os enunciados compreendem o plano textual do quadro genérico, não há fugas aparentes e os enunciados pretendem ser originais, inéditos. Os enunciados nessa lógica do texto podem possuir características destacáveis; é “esta

⁸ Maingueneau (2010) trata a citação de forma bastante diferente, tanto da visada bakhtiniana, a qual se inscreve em suas problemáticas da filosofia da linguagem, quanto da abordagem discursiva de Authier-Revuz, em que a compreensão do Outro interdiscursivo que emerge ou se apaga nos fios discursivos dos sujeitos é bastante importante, pois, para esse autor francês, tratar da citação implica notar também a questão da destacabilidade de enunciados.

destacabilidade, que abre a possibilidade de uma destextualização⁹, integração de constituintes em uma unidade orgânica” (MAINGUENEAU, 2014, p.15).

Com base nas proposições de Maingueneau (2015), podemos afirmar que as enunciações textualizantes e aforizantes são textos, apesar de se diferenciarem pela maneira como lidam com a ordem do enunciável, do que pode e deve ser dito em uma determinada situação. Maingueneau (2008, p. 91) justifica esse entendimento, ao afirmar que “Através de seus enunciados, o discurso produz um espaço onde se desdobra uma voz que lhe é própria”. Para o autor, parte da legitimidade que atribuímos a um enunciado é obtida mediante a percepção de uma voz, que serve ao enunciatário como garantia da presença do corpo que enuncia. Dessa maneira, o modo de enunciação, compreendido como um dos planos enunciativos que participam do funcionamento discursivo, contribui, tanto quanto o conteúdo do discurso, à sua produção de sentido.

Em nossa pesquisa, tratamos apenas das enunciações aforizantes. Nesse viés, apresentamos no próximo capítulo como se dá a cena da aforização como recurso coesivo da referenciação, a partir da “*destacabilidade*”.

⁹ Segundo Maingueneau (2010), a destextualização caracteriza o processo de destacamento. Esse processo pode colocar em destaque enunciados que são ou não destacáveis, fazendo deles aforizações.

4 CENAS DA AFORIZAÇÃO COMO RECURSO COESIVO DA REFERENCIAÇÃO

Ao abordar a destacabilidade, Maingueneau (2006) aponta um grande número de enunciados que circulam na sociedade e que poderiam ser chamados, genericamente, de citações ou fórmulas. Esses enunciados destacados, que o autor nomeia de aforizações¹⁰ podem ser de dois tipos: aforizações primárias – as que são autônomas, como os provérbios e as máximas; aforizações secundárias – aquelas que são destacadas de um texto (MAINGUENEAU, 2012, p. 23). Neste trabalho, tratamos do segundo tipo de aforização, ou seja, das aforizações secundárias.

Desse modo, para Maingueneau (2012, p. 25), a aforização, sendo uma “pequena frase”, remete a um tipo de enunciação que obedece a uma lógica do texto. Do ponto de vista mais imediato, isso significa que ela é precedida e seguida de outras frases com as quais estaria ligada por relações de coesão, de modo a formar uma unidade textual, ancorada num gênero de discurso.

Cabe ressaltar ainda que as aforizações secundárias podem ser de dois tipos: por destacamento forte e por destacamento fraco. No primeiro tipo, os enunciados destacados rompem com o texto de origem; no segundo, os enunciados destacados são vizinhos do texto de origem. Portanto, no destacamento fraco, os enunciados mantêm um elo com o texto de origem, embora isso não implique uma fidelidade.

O destacamento de um enunciado de um texto-fonte não ocorre de forma aleatória e indiferenciada, pois “no texto do qual são extraídos eles já aparecem como fragmentos destacáveis, destinados a circular fora de seu texto de origem”

¹⁰ Para justificar o uso desse termo, Maingueneau (2012) admite ter-se inspirado no uso contemporâneo para o qual a noção de aforismo remete a uma frase sentenciosa que resume uma verdade fundamental, com a ressalva de que a aforização, tal como ele a entende, vai além dos enunciados sentenciosos e se aplica ao conjunto de “pequenas frases”.

(MAINGUENEAU, 2013, p. 226). Esse fenômeno foi chamado de sobreasseveração, pois, para Maingueneau (2014, p.16), “sobreasseverar é *antecipar o destacamento*”.

Em um texto, a sobreasseveração pode ser marcada de diferentes formas, conforme Maingueneau (2013, p.227):

- se o fragmento possui um valor generalizante;
- se está colocado em uma posição que o torna particularmente visível, sobretudo no início ou no fim de um texto; posições que frequentemente indicam a condensação do sentido do conjunto em questão;
- se sua enunciação mostra uma “amplificação” da figura do enunciador, que parece mais enfática, que mostra sua posição sobre um problema debatido;
- se sua organização interna é forte; isto torna o enunciado destacável mais atraente e mais facilmente memorizável, por exemplo, uma construção sintática simétrica, uma metáfora, um trocadilho, um paradoxo etc.;
- se esse comentário do enunciador acentua o estatuto privilegiado desse fragmento: “esta verdade essencial: ...”, “para mim, o ponto-chave, é...”

Vemos assim que são várias as formas de a sobreasseveração ser marcada em um texto, embora esse teórico também reconheça que não seja uma regra as frases destacadas serem sobreasseveradas. Ele mostra ainda que a sobreasseveração está associada a uma tomada de posição por parte do enunciador.

Após observar que o conceito de sobreasseveração não dava conta de descrever e analisar todos os enunciados destacados, Maingueneau (2006) refina a sua teoria e apresenta o conceito de aforização. Esses conceitos de sobreasseveração e aforização aparecem inicialmente em um dos textos do livro *Cenas da enunciação* (MAINGUENEAU, 2006). Nesse livro, o autor destaca a distinção entre a lógica da sobreasseveração e a lógica da aforização:

Parece-nos preferível não confundir uma lógica de sobreasseveração - que faz aparecer uma sequência sobre um fundo textual - e uma lógica de aforização (para ser exato, um destaque aforizante), que implica um tipo de enunciação totalmente diferente, uma outra figura do enunciador e do co-enunciador, do estatuto pragmático do enunciado. (MAINGUENEAU, 2006, p. 90)

Baronas (2014), ao se debruçar sobre os conceitos propostos pelo estudioso francês, acrescenta informações acerca da diferença entre esses termos e faz a seguinte afirmação:

Enquanto a sobreasseveração se dá no texto pela acentuação de uma sequência contra um fundo textual, a aforização extrai os enunciados do texto pondo-os a circular fora dele, em outras cenas de enunciação. Assim, a aforização ressignifica a citação, uma vez que não se trata mais de

representar a voz do Outro, mas sim de apresentar a *Verdade* ou a *Lei*, produzida alhures, a partir do contato com uma *Fonte Transcendente*, como se elas mesmas se apresentassem. (BARONAS, 2014, p.1124).

Assim, é necessário compreender que a aforização não é um simples destacamento de um texto, uma vez que esse enunciado se apresenta como autossuficiente, situado ao mesmo tempo no texto em que está inserido ou fora de qualquer texto como uma *cena*. (MAINGUENEAU, 2014, p.40).

Ao discutir o destacamento dos enunciados, Maingueneau (2008) introduz o conceito de “Cena da Aforização”, derivado da noção de aforisma, “frase de funcionamento sentencioso, que resume em algumas palavras uma verdade fundamental” (MAINGUENEUAU, 2008, p.159). Nesse sentido, entendemos que a cena da aforização estabelece um vínculo entre as palavras, as orações e as partes de um texto, contribuindo, em para a coerência textual.

No intuito de deixar um pouco menos abstrato o conceito de Maingueneau (2008) acerca da cena da aforização, tomemos como exemplo, o seguinte enunciado:

“O Brasil é o segundo maior importador de azeite. O produto é comumente utilizado na culinária do país.”

Fonte: <<https://aleituranota10.blogspot.com/>>

No exemplo dado, temos enunciado-fonte e enunciado contíguo. “*O Brasil é o segundo maior importador de azeite*” é o enunciado-fonte e “*O produto é comumente utilizado na culinária do país*”, enunciado contíguo. Temos “azeite” e “produto”, termos que possibilitam a repetição de sentido presente nesse texto como um dos demarcadores da cena da aforização. Pois, conforme Maingueneau (2010), as cenas da aforização se inscrevem na ordem do enunciado-fonte, *o texto em si* e na ordem do enunciado contíguo, termos que criam no texto condições para sua progressão com possibilidade de ocorrência de retomadas textuais.

Convém destacar que vários fatores contribuem para a ocorrência da cena da aforização num texto. Nessa perspectiva, Maingueneau (2014, p.15), apresenta alguns deles:

- 1- Por uma posição saliente, principalmente o *incipit* ou o *fecho* de uma unidade textual (no escrito: parágrafo; seção; capítulo...);
- 2- Pelo metadiscurso;
- 3- Pelas retomadas categorizantes (“esta verdade essencial”) ou de conectores de reformulação (“em outras palavras”, “enfim”, “digamos”...);

4-Por enunciados entre aspas, em negrito, caixa alta, fonte itálica...

5- Por uma estrutura pregnante do seu significante (simetria; silepse...) e/ou do significado (metáfora; quiasmo...);

Para melhor explicar a citação de Maingueneau (2014, p.15), vejamos o exemplo a seguir:

Infelizmente o Governo Federal não acompanha às ordens da OMS. “EM OUTRAS PALAVRAS, PRESIDENTE ESTÚPIDO”.

Fonte: <https://m.facebook.com/eu.fernandes.9?pn_ref=friends_search>

No exemplo, o enunciado-fonte é marcado pelo *metadiscorso* (MAINGUENEAU, 2014), evidenciado pelo conector de reformulação, “EM OUTRAS PALAVRAS”. Notamos também, que a *cena da aforização* está visivelmente expressa por um *destacamento em caixa alta e entre aspas*. O termo Governo Federal é o referente do termo PRESIDENTE ESTÚPIDO, que o retoma possibilitando a repetição de sentido presente no enunciado-fonte.

Desse modo, atentamos para o fato de que a cena da aforização pode se referir a outro elemento presente no texto, levando o autor a fazer retomadas de um termo antecedente, estabelecendo, dessa forma, os sentidos do texto por meio da *referenciação*.

Portanto, para compreendermos o processo de referenciação e sua importância para os estudos das cenas da aforização, faz-se necessário considerar, antes de tudo, que a nossa memória discursiva¹¹ é construída nas interações sociais. Isso posto, vale lembrar que o termo *referenciação*, em si, foi cunhado por Mondada (1994), a partir de sua tese de doutorado intitulada *Verbalisation de l'espace et fabrication du savoir: Approche linguistique de la construction des objets-de-discours (Verbalização do espaço e fabricação do saber: abordagem linguística da construção de objetos-de-discurso)*. Por meio dessa tese, a referenciação tornou-se uma questão fundamental para os estudos do texto e do discurso, dentro e fora do Brasil, a partir da perspectiva interacional-discursiva, trazida pela pesquisadora, proporcionando uma melhor compreensão desse fenômeno da língua/linguagem

¹¹ Empregamos o termo “memória discursiva” compreendendo-o como “um conjunto de representações que os interlocutores constroem de si mesmos, dos temas, de conhecimentos socioculturais compartilhados, de suas finalidades argumentativas quando interagem por meio de um texto” (ver: CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO, BRITO, 2014, p. 153).

Neste trabalho, como já o dissemos, investigamos *as cenas da aforização como recursos coesivos em textos da rede social Facebook* sob o viés sociocognitivo-interacionista-discursivo, partindo do pressuposto de que esse fenômeno da textualidade se configura como uma prática discursiva, posição já defendida por Mondada (1994, 1995, 2016), Cavalcante (2011, 2012), Koch (2014, 2015, 2017), dentre outros estudiosos do assunto. Partimos, portanto, da concepção de referenciação “concebida como uma construção colaborativa de objetos de discurso – quer dizer, os objetos cuja existência é estabelecida discursivamente, emergindo de práticas simbólicas e intersubjetivas” (MONDADA; DUBOIS, 2016, p. 35).

Embora as terminologias “*objetos do discurso*” e “*objetos de discurso*” sejam por vezes utilizadas de modo equivalente, Mondada (1994, 1995) faz opção pela segunda (objetos “de” discurso), salientado que a primeira (objetos “do” discurso) se restringe a reenviar ao objeto tratado pelo discurso, isto é, ao objeto a que o discurso faz referência; ao passo que a segunda forma de dizer traduz um objeto que é constitutivamente discursivo, sendo construído por intermédio de processos linguísticos. Logo, “os objetos referidos em um texto podem ser de natureza diversa: mais ou menos individualizados, mais ou menos salientes; mais ou menos concretos e até abstratos” (CAVALCANTE, 2012, p. 101).

No texto, existem diferentes formas de referenciar um objeto do mundo real, a depender do que pretendemos discursivamente em cada momento de interação. Isso derruba a ideia da língua (gem) como “espelho” da realidade, em função de seu poder de reelaborar os eventos que aí são vivenciados, experimentados (CAVALCANTE, 2012), porque, nas interações comunicativas,

[...] as expressões com que nos referimos às coisas do mundo são designativas, mas também carregam um peso ideológico, ou certo viés de valoração, conforme a percepção cultural de quem, em certa circunstância, recorre a elas (ANTUNES, 2017, p. 96).

E mais, o postulado fundamental da referenciação reside no fato de que

[...] os eventos ocorridos, as experiências vividas no mundo não são estáveis, não são estáticos. Eles sempre são reelaborados a fim de que façam sentido. Falar na reelaboração da realidade pela linguagem não significa dizer que o papel da linguagem é ludibriar, é maquiar a realidade, é disfarçar a verdade, claro que não, porque, no fundo, não há uma verdade absoluta, não há algo “normal”, “fiel” que precise ser entendido. “Significa apenas que é uma função inerente à linguagem a (re)elaboração das

práticas sociais, e, se isso é usado para fins mais ou menos lícitos, é algo que, pelo menos em princípio, escapa ao estudo da linguagem nessa perspectiva” (CAVALCANTE, 2012, p. 105).

A partir desse pensamento – com o qual concordamos –, fica consignado que a ideia de estabilidade absoluta na produção de objetos de discurso é epistemologicamente inconsistente, uma vez que o ato de referir é um processo dinâmico, cujos resultados influenciam sobremaneira na produção de sentido (s) do texto, que são provenientes da interação das pessoas umas com as outras, e com o mundo que existe à volta delas. Os sentidos construídos na interação resultam de “nossa capacidade de conferir aos dados e fatos do mundo um lugar ou função no território – físico, social, moral, cultural etc. – em que nos situamos e no qual nos movimentamos” (MATOS, 2018, p. 36).

Partindo desse ponto, Matos (2018) propõe uma das mudanças emergentes das pesquisas mais recentes em torno do processo de referenciação: a transição da noção de “cadeias referenciais¹²” para a noção de “redes referenciais”. Nas abordagens clássicas, as *cadeias referenciais* são concebidas apenas como elos coesivos atrelados exclusivamente às expressões referenciais presas aos encadeamentos superficiais do texto, o que se mostra uma visão reducionista do fenômeno complexo que é a referenciação.

Em oposição a essa visão referencialista da língua/linguagem, Matos (2018), em seu artigo intitulado *Em defesa da noção de redes referenciais na construção do texto*, fruto de seu trabalho de tese, afirma que

[...] refletir sobre a formação dessas tessituras significa ultrapassar a análise do sistema léxico-gramatical da língua, muito embora a organização desse sistema tenha a devida influência sobre a análise sociocognitivo-discursiva da referência. Advogamos, pois em defesa da observação de uma multiplicidade de fatores de construção do referente, sob pena de nos cerrarmos em critérios ineficientes para examinar, em profundidade, as formas de elaboração e compreensão do texto (MATOS, 2018, p. 2).

¹² Explica Roncarati (2010) que é pela progressão referencial (da sequencialidade) que vai se desenvolver uma cadeia referencial, “a partir da introdução, preservação, continuidade, identificação e retomada de referentes textuais” (p. 89). Tal noção, já desenvolvida por Halliday e Hasan (1976) e também por Chastain (1975) e Corblin (1995), foi atualizada por Roncarati, que considera, junto com estes últimos, haver possibilidade de ativação de um referente por procedimentos não só exclusivamente linguísticos, mas também por operações cognitivo-inferenciais. Assim também Koch e Elias (2010, p. 144) compreendem o fenômeno, ao dizerem que as cadeias referenciais podem ser construídas com base em elementos presentes no texto ou que podem ser ativados a partir deles.

Portanto, a noção de *redes referenciais* ora apresentada converge para a ideia defendida por Mondada (2017), da qual somos signatários, cuja premissa é a de que a referência não pode ser considerada um problema estritamente linguístico,

[...] mas um fenômeno que concerne simultaneamente à cognição e aos usos da linguagem em contexto e em sociedade, há hoje em dia uma multiplicidade de quadros teóricos diferentes disponíveis para apreendê-la. De uma parte, estão as abordagens cognitivas que remetem a gestão das atividades de referência a saberes compartilhados dos quais dependem as escolhas das expressões referenciais adequadas, e, a estados cognitivos que caracterizam não apenas o locutor, mas também seu interlocutor e a maneira pela qual são apreendidos pelo primeiro e, portanto, podem centrar-se quer no sujeito, quer no estabelecimento de uma intersubjetividade – seja ela tratada em termos de “memória discursiva”, seja de “cognição distribuída”. De outra parte, a alternativa às abordagens cognitivas é constituída pelas abordagens interacionistas, *decididamente* centradas muito mais no que é *publicamente* manifestado pelos participantes – aquilo que é tornado pertinente, reconhecido, inteligível por ele (*accountable*) – que em processos mentais internos aos sujeitos (MONDADA, 2017, p. 12).

Nesse sentido, compreendendo as práticas de referência realizadas na interação social, não podemos tratar os referentes daí decorrentes como sendo preexistentes a elas, “mas como instaurados na realização e no desenrolar da atividade referencial, pela maneira mesmo como esta é reconhecidamente organizada” (MONDADA, 2017, p. 12).

Isso posto, apresentamos aqui dois pontos pertinentes aventados por Matos (2018), para justificar sua defesa por uma noção de *redes referenciais* na construção do texto:

[...] as construções das redes de referentes não decorrem somente da edificação das unidades lexicais que os designam, mas também se constituem de diversos fatores contextuais de construção dos referentes chegando a dispensar, em frequentes casos, a explicação da própria nomeação das entidades, vista sob uma superfície textual em linearidade;
[...]
as relações entre os referentes não são apenas léxico-semânticas, mas podem ser diversas, sobretudo, sociocognitivas e discursivas, de modo que, nestas duas últimas, situa-se a essência de nossa abordagem evolutiva do referente construído pelas redes [...] (MATOS, 2018. p. 7)

No campo teórico da referência, esse pensamento mostra-se bastante inovador, uma vez que, ao introduzir a noção de *redes referenciais*, a autora não só refuta as restrições impostas pelas análises pautadas exclusivamente no sistema léxico-gramatical, como também sinaliza para outras possibilidades de análise, as quais podem contribuir significativamente para a ampliação da noção de coerência e de construção de sentido(s), mostrando que as tramas do texto têm muito mais a

revelar, se buscarmos investigar profundamente a forma como são tecidas ou mesmo de que forma podemos acessar os referentes produzidos discursivamente.

Nessa ordem, Cavalcante (2016, p.106) afirma:

A Linguística Textual dialoga com a Análise do Discurso a medida em que pressupõe princípios caros à AD, como a noção de interdiscurso. Mas, embora a Análise Textual dos Discursos pressuponha que as unidades de análise do texto sofram o condicionamento das relações interdiscursivas, ela não se ocupa em explicá-las como finalidade última, e o investimento maior dessa perspectiva teórica do texto se encontra nos níveis ou planos da análise textual sempre relacionados aos gêneros do discurso.

Assim, considerando as diversas possibilidades linguístico-discursivas de que os indivíduos dispõem para construir referentes nas interações sociocomunicativas, e que “a realidade é submetida à reelaboração por parte dos sujeitos que se envolvem na interação, sendo que uma mesma realidade pode dar origem a referentes distintos” (CAVALCANTE, 2012, p. 108), apresentamos a seguir, no intuito de deixar um pouco menos abstrato os conceitos citados, as cenas da aforização¹³ como recurso coesivo da referenciação a partir dos principais processos referenciais.

Começamos pela *Anáfora Direta* que na visão clássica tem o papel exclusivo de reativar referentes previamente introduzidos no texto, parecendo existir uma correspondência semântica ou de identidade referencial entre a anáfora e o elemento por ela retomado, como se essa fosse um subproduto de seu antecedente, num processo essencialmente correferencial. Esse processo incide em questões gramaticais, como, por exemplo, a concordância de gênero e número, principalmente, quando há mais de um antecedente referencial (MARCUSCHI, 2017). É importante esclarecermos que não é preciso haver necessariamente correferencialidade, ou melhor, que uma nova expressão tenha de representar precisamente um referente já construído no texto. Embora pareça incomum, no processo de referenciação, uma anáfora pode introduzir um novo elemento no discurso (CAVALCANTE, 2012). Isto porque

Essa visão clássica e linear da anáfora não considera o problema da referenciação textual em toda sua complexidade, pois nem sempre há congruência morfossintática entre a anáfora e seu antecedente; nem toda anáfora recebe uma interpretação no contexto de uma atividade

¹³ As cenas de aforização revelam as relações intertextuais que são estabelecidas na produção de um texto, considerando que todo texto dialoga com outros textos. Nesse caso, podemos afirmar que as cenas de aforização são processos intertextuais.

de simples atribuição de referente. Mesmo no caso da *Anáfora Direta* não se requer identidade de significação nem identidade estrita entre anáfora e antecedente. Ao contrário do que se postula, o caso da anáfora correferencial não é paradigmático das anáforas em geral e o pronome não é uma classe de palavras tipicamente anafórica. Inexiste uma classe de palavras funcionalmente definida como anafórica. Na sua essência, a anáfora é um fenômeno de semântica textual de natureza inferencial e não simples *clonagem referencial* (MARCUSCHI, 2017, p. 55).

Por meio dessa explicação, o autor reitera que a função anafórica transcende os aspectos estritamente correferenciais, mesmo em se tratando da *anáfora direta*, ressaltando seu caráter semântico-inferencial. Podemos melhor compreender observando a Cena da Aforização por *Anáfora Direta* em sua realização textual. Para tanto, propomos o exemplo a seguir:

A Nação Facebook tem um comandante supremo que atende pelo nome de Mark Zuckerberg, um americano obstinado e malvestido de 27 anos. “Essa nação” agora possui novas regras que Zuckerberg classifica como inovações.

Fonte: VEJA, 05 de outubro de 2011, p.95

De acordo com o exemplo, o enunciado-fonte é marcado pelo *metadiscorso* (MAINGUENEAU, 2014). Notamos também, que a *cena da aforização* está visivelmente expressa por um *destacamento entre aspas*. Observamos, que o termo *Nação Facebook* é o referente do termo *Essa nação*, que o retoma possibilitando a repetição de sentido presente no enunciado-fonte. Logo, *Essa nação* é identificada como uma cena da aforização por Anáfora Direta, como já fora explicitado.

Convém destacar que existem outras possibilidades de realização dos dispositivos referenciais anafóricos. Começamos apresentando as *Anáforas Recategorizadoras* que exercem funções remissivas, ao mesmo tempo em que promovem a evolução dos objetos de discurso. Segundo Cavalcante (2011, p.90),

a recategorização é um fenômeno cognitivo-discursivo que corresponde à evolução natural que todo referente sofre ao longo do desenvolvimento do texto; ele se dá abstratamente, na mente dos interlocutores, podendo ou não realizar-se no cotexto por meio de termos anafóricos. Para essa evolução, concorrem não somente as expressões referenciais que manifestam explicitamente as transformações do objeto de discurso, mas também um conjunto de pistas contextuais que, acionando informações socio-historicamente compartilhadas, ajudam os participantes da enunciação a (re)construírem a referência.

Para demonstrar essa propositura sobre a recategorização a partir do viés cognitivo-discursivo, apresentamos o seguinte exemplo,

Aconteceu em Minas: uma mulher traída cortou o cabelo da amiga... Pois é, foi assim mesmo. Uma descobriu que a outra tava saindo com o marido da uma. Complicado? Na verdade, não... se fosse só a clássica história de traição não teria nada demais. Mas a mulher traída, era uma pessoa que queria (e sabia como) se vingar. Sabendo que o ponto fraco feminino são as melenas, não contou tempo: cortou tudo! Isso mesmo, fez com que a “amiga” fosse pra casa careca. As mulheres sabem como se vingar... mas a história não acaba aqui. A careca entrou na justiça e processou a “CABELEIREIRA LOUCA” em 4 mil e 800 reais. Sim, e mais 600 reais pela peruca... Pois

Fonte: <<http://www.psicologoneurotico.blogspot.com.br>>

No texto, o enunciado-fonte é marcado pelo destacamento em itálico. Nele, um mesmo objeto de discurso, estabelecido pelas expressões sublinhadas, apresenta-se sob formas referenciais que modificam (recategorizam) seu status ao longo do texto, o que configura um processo de recategorização lexical. No enunciado contíguo, temos a cena da aforização, identificada pela expressão entre aspas e em caixa alta, “CABELEIREIRA LOUCA”, numa função remissiva ligada ao referente *uma mulher traída*. Desse modo, temos uma cena da aforização por Anáfora Recategorizadora.

Outra possibilidade de realização dos dispositivos anafóricos é a *Anáfora Indireta*, um tipo de anáfora que tem como principal característica o “fato de não existir no cotexto um antecedente explícito, mas, sim, um elemento de relação que se pode denominar de *âncora* e que é decisivo para a interpretação” (KOCH, 2010, p. 128). Logo, constitui um processo de referenciação implícito. Também são características da anáfora indireta a presença de expressões nominais definidas, indefinidas e pronomes na sua realização, e a inexistência de relação de correferência entre a anáfora e sua âncora, havendo apenas uma estreita relação conceitual. Para melhor explicar esse tipo de anáfora, vejamos o exemplo a seguir:

*Há alguns anos, as pichações que passaram a borrar casas, edifícios e monumentos de São Paulo – e de outras grandes cidades brasileiras – começaram a ganhar características novas. Pode-se questionar se políticas apenas repressivas são a melhor forma de enfrentar o problema – ainda que nesse quesito, elementar, o poder público pareça complacente, já que, conforme a reportagem, “**as gangues** reúnem-se semanalmente com hora e local marcados. Merecem apoio iniciativas que possam, de forma positiva, atrair os pichadores pra atividades menos predatórias”.*

Fonte: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz0107200303.htm>>

Nesse exemplo, o enunciado-fonte é marcado por uma posição saliente, “*Há alguns anos*” (MAINGUENEAU, 2014). Notamos também, que a *cena da aforização* está visivelmente expressa por um destaque em negrito (**as gangues**), no enunciado contíguo, entre aspas: “**as gangues** *reúnem-se semanalmente com hora e local marcados. Merecem apoio iniciativas que possam, de forma positiva, atrair os pichadores pra atividades menos predatórias*”. Por outro lado, a cena da aforização, “as gangues”, é uma expressão nominal definida que desempenha o papel de anáfora indireta, por não apresentar um antecedente explícito no cotexto. Com isso, a expressão “as gangues” estabelece uma relação indireta com sua âncora, representada pela palavra “pichações”. Como podemos perceber, o cálculo de sentido feito para que possamos estabelecer essa relação não é imediato, o que ocorre é um processo de referenciação implícito. Mesmo não havendo uma relação explícita da anáfora com seu antecedente, existe um vínculo coerente, ou seja, somos levados a estabelecer uma relação entre *pichações e as gangues*.

Ampliando essa ideia, Koch (2015) postula que as *anáforas indiretas* são *anáforas associativas*, ou seja, que fazem parte de uma configuração discursiva na qual temos um anafórico sem precedente literal explícito, podendo ser este reconstruído, inferencialmente, a partir do contexto que o precede.

Além dos dispositivos referenciais anafóricos apresentados, temos ainda a *Anáfora Encapsuladora*, um tipo especial de anáfora percebida dentro do princípio de que toda *Anáfora Indireta* deve ancorar-se em elementos cotextuais, sem descartar a possibilidade de remeterem, respectivamente, a elementos extralinguísticos e aos resultantes do conhecimento compartilhado (CAVALCANTE, 2011). Nesse sentido, chegamos à conclusão de que

[...] toda anáfora encapsuladora é uma espécie de anáfora indireta, por também introduzir e mencionar no cotexto uma expressão referencial nova, apresentada como se fosse dada, por resumir conteúdos textuais anteriores e/ou posteriores (CAVALCANTE, 2011, p. 74).

No texto, a identificação das anáforas encapsuladoras geralmente pode se dá partir do emprego de pronomes demonstrativos, como “isso”, “isto”, “esse”, entre outros, mas também é possível identificá-las em sintagmas nominais, os quais “fornecem [...] instruções sobre como o destinatário deve interpretar a unidade semântica encapsulada, traçando uma espécie de roteiro para o entrelaçamento das ideias conduzidas no texto” (CAVALCANTE, 2011, p. 77).

Outro aspecto importante a ser ressaltado sobre o encapsulamento anafórico é o fato de configurar-se como um recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumitiva de uma porção precedente do texto. “O sintagma nominal anafórico é construído com um nome geral como núcleo lexical e tem uma clara preferência pela determinação demonstrativa “ (CONTE, 2016, p. 177).

Além desse aspecto resumitivo, Cavalcante e Mesquita (2011, p. 1) destacam outras funções importantes da *Anáfora Encapsuladora*:

- Coesiva, porque marca a articulação de ideias que vêm sendo desenvolvidas no texto e porque organiza tópicos textual-discursivos, colaborando para a continuidade e para a progressão temática;
- Metadiscursiva, porque a seleção da expressão encapsuladora revela a atitude reflexiva do locutor ao voltar-se para o seu próprio dizer; e
- Argumentativa, porque contribui efetivamente para a persuasão elaborada pelo enunciador.

Para melhor compreendermos a cena da aforização por *Anáfora Encapsuladora*, observemos o seguinte exemplo:

“Precisa-se estimular a economia do município. O prefeito disse que o valor destinado à obra é de 20 milhões. Existem moradores na cidade que vivem em situações desumanas, passam fome, não têm moradias decentes. São faces da população que muitos desconhecem, outros fingem que não veem ESSA SITUAÇÃO”.

Fonte: <<http://www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2012>>

A partir do exemplo, observamos que a expressão “ESSA SITUAÇÃO” retoma a lista de problemas por que passam os moradores do município, ou seja, instaura um referente abstrato. Os aspectos da pobreza dos cidadãos são recategorizados como “ESSA SITUAÇÃO”. O novo referente atua como responsável pela coesão e, ao mesmo tempo, pela apreciação do locutor. Nessa lógica, o exemplo citado nos apresenta um enunciado-fonte marcado pelas aspas e logo observamos a cena da

aforização por Anáfora Encapsuladora expressa pelo destacamento, em caixa-alta “ESSA SITUAÇÃO” e por sua posição saliente (MAINGUENEAU, 2014).

Não menos importante que os demais processos referenciais, temos a *Dêixis*, um fenômeno linguístico-discursivo cuja função passa, como propõe Cavalcante (2011, 2012), pela compreensão de que, na relação entre língua e práticas sociais, os referentes não são uma entidade inerte, ou, usando o próprio termo da autora, não são uma entidade “congelada”. Pelo contrário, os referentes fazem parte de um processo indeterminado e instável de referenciação. Dessa forma, dependendo da maneira como concebemos a *Dêixis*, é possível percebermos as introduções referenciais e as anáforas como sendo “dêíticas” e “não-dêíticas”.

As funções individuais desses dois processos são as seguintes: à *anáfora* cabe retomar um referente (objeto de discurso), de forma *direta*, *indireta* ou por *encapsulamento* – quando resume uma porção do texto, como já fora visto aqui; já à *dêixis* cabe mostrar a situação de enunciação, o que é “definido pela sua relação com o locutor (*eu*), com o lugar (*aqui*) e com o tempo (*agora*) do enunciado” (DUBOIS, 2014, p. 158). Vejamos o exemplo a seguir:

Quem de Nós Dois

Caetano Veloso

EU e VOCÊ

Não é assim tão complicado

Não é difícil perceber

Quem de nós dois

Vai dizer que é impossível

O amor acontecer

[...]

Fonte: < <https://www.lettras.mus.br/caetano-veloso/1397341/>>.

Nesse excerto do Caetano Veloso, temos um enunciado-fonte marcado por uma posição saliente incipit, (MAINGUENEAU, 2014), “**EU e VOCÊ**”. Notamos, também, que a cena da aforização por *Dêixis* Pessoal está visivelmente expressa por um destacamento em negrito e caixa alta, “**EU e VOCÊ**”, identificando os

interlocutores na situação de comunicação, por meio de pronomes pessoais explícitos (*EU* e *VOCE*), os quais também podem vir elípticos.

Em relação à dêixis espacial, podemos afirmar que “demonstra o lugar de onde se enuncia ou sobre o que se enuncia” (MELO, 2015, 43). Nesse caso, são usados os advérbios de lugar (aqui, aí, lá, acolá, ali...) por meio dos quais o locutor indica o espaço referido sem citar o nome ou sem o repetir, caso já tenha aparecido no texto. Vejamos o exemplo,

FUI À ESCOLA, “BRINQUEI LÁ FORA E FIZ MEU DEVER DE
CASA”. ESTOU EXAUSTO.

Fonte: <<https://redes.moderna.com.br/tag/leila-lauar-sarmento>>

Observamos um enunciado-fonte marcado pelo destaque em caixa-alta. Em seguida, a cena da aforização por Dêixis Espacial, claramente expressa entre aspas, “BRINQUEI LÁ FORA E FIZ MEU DEVER DE CASA”, contendo um dêitico espacial (o advérbio de lugar *lá*).

A dêixis temporal diz respeito à utilização do momento da enunciação como marco de referência para a localização temporal. O tempo, tal como o concebemos através da linguagem, é de natureza dêitica: presente, passado e futuro não são noções absolutas, são relativas ao momento da enunciação. Desse modo, “nem toda expressão que indique tempo é necessariamente dêitica: somente se, a fim de o referente temporal ser identificado, for preciso conhecer o tempo em que se encontra o falante” (CAVALCANTE, 2011, p. 99). A interpretação semântica de advérbios temporais como “hoje, ontem, amanhã”, ou de tempos verbais como “estou, estive, estarei”, pressupõe uma prévia identificação pragmática do momento de enunciação.

Nesse sentido, vejamos o seguinte exemplo:

É bem isso: “por aqui passou gente famosa”.

Fonte: <<https://redes.moderna.com.br/tag/leila-lauar-sarmento>>

Tratamos de um enunciado-fonte, marcado por um destaque em itálico. A cena da aforização por Dêixis Temporal está evidente entre aspas, “*por aqui passou gente famosa*”. Na cena em questão, as expressões «por aqui» e «passou» têm função dêitica, porque marcam a localização espacial e temporal do estado de

coisas representado pelo enunciado, tendo por coordenada o momento da enunciação.

Diante disso, mesmo que assumam papéis distintos dentro da realidade textual, em certos contextos, é possível um ponto de contato entre esses dois processos referenciais, ou seja, em algum momento, pode haver uma concomitância na função dêitica, como esclarece Cavalcante (2017, p.126):

[...] para um processo referencial ser considerado dêitico, ele precisa fazer apelo ao ponto de origem em que se situa o falante, ou o co-enunciador. Assim sendo, se elegermos como critério primário a retomada de referentes no discurso, podemos aceitar que a dêixis pode cruzar o caminho da anáfora e da introdução referencial, não as excluindo, mas inserindo nessa intercessão uma soma de subjetividades.

Vemos, assim, que os processos referenciais, em seu conjunto, têm um papel fundamental para a *progressão ou continuidade referencial* que se refere “à introdução, preservação, continuidade e retomada de referentes textuais, correspondendo às *estratégias de designação de referentes* e formando o que se pode denominar *cadeia referencial*” (MARCUSCHI, 2008, p. 141 – grifos do autor). Assim sendo, a continuidade referencial acontece a partir da repetição cíclica dessas operações, que possibilitam a criação de um “modelo textual”, continuamente (re) elaborado e modificado por intermédio de novas referenciações (KOCH, 2015).

Diante do exposto, e em defesa da produção de um conhecimento linguístico epistemologicamente mais consistente sobre o fenômeno das cenas da aforização como recurso coesivo da referenciação, pontuamos que os processos referenciais precisam ser considerados em suas funções específicas, sem deixarmos de observar os pontos de intersecção entre eles, os pontos convergentes, afinal, a função de determinado processo referencial pode cruzar a função de outro, como o caso da relação entre *anáfora* e *dêixis* aqui abordado. A própria forma como é concebido o texto nas atuais abordagens da Linguística Textual nos impõe a isso.

5 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

A metodologia deste trabalho busca responder à seguinte questão norteadora: *De que modo as cenas da aforização funcionam como recursos coesivos em textos na rede social Facebook?* Desse modo, partimos do viés fenomenológico, cujo discurso “não deve omitir nenhum dos aspectos que realmente integram a estrutura significativa do fenômeno” (REZENDE, 1990, p.20-21). Antes disso, neste capítulo, procuramos situar o fenômeno abordado, descrevendo a Região de Inquérito desta pesquisa.

5.1 O Facebook como Lócus da Pesquisa

A evolução das ferramentas de comunicação on-line permitiu a interação entre pessoas em tempo real. Tal interação intensificou-se com o uso das redes

sociais que se popularizam como plataformas de trocas comunicacionais, principalmente a rede social Facebook. Para as pessoas que acompanham as notícias do mundo das tecnologias digitais, essa rede social constitui-se como um dos veículos de comunicação de maior valor econômico.

O seu criador Mark Zuckerberg transformou essa rede social em uma das empresas mais admiradas do Vale do Silício (MILITELLO, 2011). Ele conseguiu centralizar diversas atividades e prender o usuário na sua página. Como uma rede social, o Facebook consiste em um website lançado no ano de 2004, desenvolvido para fins de criar um espaço on-line para universitários realizarem trocas de informações na Universidade de Havard. Esta prática se expandiu para outras universidades. Em 2005, o Facebook expande-se para as escolas do ensino médio e de outros países. Em 2010, esta rede possuía cerca de 600 milhões de usuários ativos (ARIMA; MORAES, 2011).

Enquanto algumas redes sociais, como o *Orkut*, o *MSN*, o *MySpace*, entre outras ficaram obsoletas, o *Facebook* mantém-se como um dos principais espaços de interação-comunicação na Internet. E uma das explicações para esse fato está na possibilidade de adaptação dessa rede social às sugestões de seus usuários, como afirma Paiva (2016, p.68):

O FB é também um sistema adaptativo, pois está em constante processo de mudança e de adaptação. O sistema é sensível a feedback. Os participantes aprendem uns com os outros e reagem a retornos. Assim, o sistema aprende, muda, se adapta.

O Facebook apresenta um caráter multifacetado, uma vez que, dentre outros aspectos, possibilita aos usuários a conexão com sites externos, por meio de suas interfaces. Segundo Barton e Lee (2015, p.59),

O Facebook apresenta uma justaposição de espaços online, enquanto uma série de formas síncronas e assíncronas tradicionais de interação CMC7 ocorre em um mesmo espaço. Além das atualizações de status, há um recurso de comentário que, por vezes, age como um site para minifóruns de discussão. [...] O Facebook é um dos melhores representantes da cultura de convergência. Os usuários podem facilmente se conectar a sites externos, por exemplo, um artigo de jornal, clicando no botão “curtir”. Isto cria conexões intertextuais entre textos disponíveis online.

Essas características peculiares ao Facebook têm chamado a atenção de estudiosos que se dedicam à investigação dos usos da língua(gem), nas interações via Web, como afirma Paiva (2016, p.66):

O FB tornou-se objeto de pesquisa em várias áreas e, a cada dia, aparecem mais estudos sobre essa fascinante rede social. Em 2 de maio de 2014, o sistema do Portal da Capes registrava 181.528 textos nos quais constava a palavra Facebook e em 11 de abril de 2015, 217.818, o que demonstra o alto interesse pelo tema.

Vemos assim que o Facebook possibilita ao pesquisador da linguagem elementos de pesquisa, como os textos produzidos pelos sujeitos interagentes nesse espaço digita. Seu *layout* e suas funcionalidades passaram por vários ajustes ao longo do tempo. Na atualidade, o recurso de atualização de *status*, por exemplo, já comporta conteúdo multimodal, como fotos, vídeos, dentre outros, o que nos leva a afirmar que essa rede social pode ser considerada “Um sistema alinear, reticular de conexões (*links*) entre unidades de informação” (SANTAELLA, 2007, p. 294).

Para melhor caracterizar o *Facebook* como *lócus* da pesquisa, procuramos ilustrar a página do *Perfil* que consideramos significativa para nosso trabalho, uma vez que foi dessa página, mais especificamente da Linha do Tempo, que capturamos os textos para a construção do *corpus* da pesquisa. Ressaltamos que, dadas as frequentes atualizações por que passa a referida rede social, achamos necessário enfatizar que essa página foi capturada entre março e maio de 2021.

Figura 6: A Rede Social Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/tecendotextos.construindosaberes>

Escolhemos a Linha do Tempo para a coleta dos dados, considerando ser um local onde as interações e inúmeras postagens relacionadas a temas variados são mais frequentes, propiciando uma produção textual colaborativa, cuja escrita é sua forma de materialização mais usual. Isto porque “no Facebook, todos podem ser editores, criadores de conteúdo, produtores e distribuidores. Os clássicos papéis da velha mídia estão sendo desempenhados por todos” ((KIRKPATRICK, 2011, p.17)

5.2 A Trajetória Metodológica da Pesquisa

Nessa busca de caminhos para responder à questão norteadora da pesquisa, optamos pela Fenomenologia como trajetória metodológica, por reconhecermos que uma pesquisa qualitativa fundada na Fenomenologia possibilita uma aproximação maior do fenômeno “*Cenas da Aforização como Recursos Coesivos na Rede Social Facebook*”, cujos textos foram produzidos por sujeitos historicamente situados. Isto porque,

Na abordagem fenomenológica, o objeto de estudo é intencionado pela consciência do pesquisador, que vive e interroga as coisas do mundo, o que significa “ter uma interrogação e andar em torno dela, em todos os sentidos, sempre buscando todas as suas dimensões e, andar outra vez e outra ainda, buscando mais sentido, mais dimensões, e outra vez...” (MARTINS, 1992, p. 24).

Assim, a Fenomenologia se constrói sob a perspectiva do mundo vivido, propondo a descrição e compreensão dos fenômenos que se apresentam à consciência. Dessa forma, a experiência do outro se articula com a nossa própria experiência de pesquisador: é um existir com-o-outro, em que sujeito e objeto não existem dicotomicamente, pois a forma como compreendemos o mundo deriva do

[...] sentido que aparece na intercessão de minhas experiências e na intercessão de minhas experiências com o outro, pela engrenagem de uma sobre as outras. Ele é, pois, inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que fazem em sua unidade pela retomada de minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 49).

Para que o pesquisador percorra a trajetória metodológica, é necessário “ter uma interrogação e andar em torno dela, em todos os sentidos, sempre buscando todas as suas dimensões e, andar outra vez e outra ainda, buscando mais sentidos, mais dimensões, e outra vez...” (MARTINS, 1992, p. 24). No entanto, para responder

a essa interrogação, ele, como pesquisador, deve assumir uma “intencionalidade operante” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 16), técnica que mobiliza esforços para desvelar a estrutura do fenômeno, fazendo-o aparecer, num movimento cuja realização é recortada pela situacionalidade do momento, com o pesquisador vivenciando três etapas: a descrição, a redução fenomenológica ou epoché e a compreensão/interpretação. Essas etapas não estão rigidamente delimitadas, mas representam um processo gradativo de intuição da essência do fenômeno a ser iluminado/desvelado.

A primeira etapa é a **Descrição**, momento em que o pesquisador busca a constituição originária do fenômeno, realizando “um retorno ao mundo da vida” (HUSSERL, 2000). Esse retorno se torna possível por meio da experiência perceptiva, visto que

A experiência da percepção nos põe em presença do momento em que se constituem para nós as coisas, as verdades, os bens; que a percepção nos dá um logos em estado nascente, que nos ensina, fora de todo dogmatismo, as verdadeiras condições da própria objetividade; que ela nos recorda as tarefas do conhecimento e da ação (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 63).

Nessa etapa da pesquisa, nós fomos ao encontro dos textos produzidos por interagentes na rede social Facebook, considerando que esses textos se referem às experiências desses interagentes. Esses textos estão sendo considerados as Descrições dos sujeitos da pesquisa.

A segunda etapa é a **Redução Fenomenológica ou epoché**. É o momento em que o pesquisador procura situar-se diante dos dados da pesquisa, no sentido de buscar entender em sua essência o fenômeno pesquisado. É o momento de mudança de atitude, ou seja, a passagem da atitude natural-ingênua à atitude fenomenológica. Nesse momento, o pesquisador procura

[...] determinar, selecionar quais as partes da descrição que são consideradas essenciais e aquelas que não são. Em outras palavras, deseja-se encontrar exatamente que partes da experiência são verdadeiramente partes da nossa consciência, diferenciando-as daquelas que são simplesmente supostas. (MARTINS, 1992, p.59)

Essas partes das Descrições que o pesquisador considera essenciais são chamadas de Unidades de Significado. No momento da redução fenomenológica, o pesquisador, num investigar cuidadoso, vai ao encontro do fenômeno, sempre interrogando e procurando ver além das aparências. Esse é um movimento de aproximação e afastamento que o pesquisador realiza, empregando a *variação*

imaginativa, técnica que “consiste em refletir sobre as partes da experiência que nos parece possuir significados cognitivos, afetivos e conativos e, sistematicamente, imaginar cada parte como estando presente ou ausente na experiência”. (MARTINS, 1992, p.60).

Através da comparação e eliminação do que não é considerado expressivo, o pesquisador torna-se capacitado a reduzir a descrição do que é essencial para elucidar o fenômeno. Isto porque, segundo Ricoeur (2005), o que a fenomenologia busca é uma constituição do sentido de um vivido e só atingimos esse sentido no seu correlato objetivo, pois o sentido é a objetividade que faz frente à consciência.

Assim, de posse das Descrições selecionadas do corpus que construímos por meio da captura dos textos produzidos na Linha do Tempo do Facebook, conforme já referido anteriormente, retomamos a questão norteadora da pesquisa e destacamos as Unidades de Significado de cada Descrição, procurando ir à coisa mesma (HUSSERL, 2000) e realizando a explicitação dessas Descrições, por meio da Análise Ideográfica.

O terceiro momento é a **Compreensão/Interpretação**, a qual representa a “resposta a uma espécie de distanciamento associada à plena objetivação do texto” (RICOEUR, 1996, p. 86). Essa etapa caracteriza-se na busca pela representação do significado que advém dos dois momentos anteriores: descrição e redução fenomenológica, desvelando, em termos de possibilidade, os aspectos convergentes, divergentes e idiossincráticos que permeiam as proposições significativas das Descrições.

Considerando que a compreensão/interpretação é o desenvolvimento de possibilidades projetadas na forma de compreender o fenômeno investigado, o pesquisador tenta desvelar o fenômeno no sentido em que esse desvelamento é possível, chegando, assim, a uma meta-compreensão do fenômeno investigado, atribuindo sentido ao universo simbólico entranhado na experiência dos sujeitos. Esse momento permite ao investigador interpretar as convergências e as idiossincrasias reveladas a partir da confluência das Unidades de Significado identificadas na Análise Ideográfica, procuramos estabelecer a convergência das Descrições, dando, início, assim, a um novo movimento de apreensão da realidade, por meio da Análise Nomotética, para identificação das categorias abertas, entendidas como “possibilidades abertas, possíveis de circunscrever a

situacionalidade do fenômeno, sem, no entanto, impedir sua transcendência” (SANTOS, 1997, p. 45).

Ressaltamos que foi essa trajetória que percorremos, na perspectiva desenvolvida por Paul Ricoeur, para quem a Fenomenologia se constitui “numa interpretação da vida do ego” (RICOEUR, 1991, p.64) e se caracteriza como uma Fenomenologia Hermenêutica, pois toma o sentido como elemento de fundamental importância no ato filosófico de pesquisar, tornando temático o que era operatório, fazendo, assim, aparecer o sentido como sentido.

É este gesto filosófico que a hermenêutica prolonga na região que é sua, a das ciências históricas e, mais amplamente, a das ciências do espírito. O “vivido” que ela procura trazer à linguagem e levar ao sentido é a conexão histórica, mediatizada pela transmissão dos documentos escritos, das obras, das instituições, dos monumentos que tornam presente para nós o passado histórico. (RICOEUR, 1991, p.67)

Assim, ao assumirmos a Fenomenologia Hermenêutica como método de apreensão da realidade, reconhecemos a necessidade de termos atitude e mente aberta, sem conceitos preconcebidos diante dos fenômenos com os quais nos deparamos, compreendendo, pois, que “é necessário ir além das manifestações imediatas para captá-los e desvelar o sentido oculto das impressões imediatas. O sujeito precisa ultrapassar as aparências para alcançar a essência dos fenômenos” (CHIZOTTI, 1995, p. 80).

5.3 Procedimentos Metodológicos

Tendo como princípio de coleta de dados a construção de um corpus (CHIZZOTTI, 1995), para essa construção, baseamo-nos em Bauer e Aarts (2002, p. 51), para quem um corpus “deve incluir um suficiente espectro de texto dentro da população alvo, onde esta é compreendida como significando uma coleção de materiais demarcada, isto é, rigidamente definida”.

Também nos apoiamos em Barthes (1992), o qual enfatiza que um corpus pressupõe rigor tanto na construção quanto na análise, pois esse procedimento situa a legitimidade da pesquisa na esfera pública, “isto é, de um lado, nada acrescentar-lhe no decurso da pesquisa, mas também esgotar-lhe completamente a análise, sendo que qualquer fato incluído no corpus deve reencontrar-se no sistema” (BARTHES, 1992, p.104).

Para a construção do *corpus*, tomamos a questão norteadora da pesquisa:
De que modo as cenas da aforização se manifestam como recursos coesivos em textos na rede social Facebook?

Dado o caráter público dos perfis do Facebook e o fato de, segundo Recuero (2014), se constituírem em conversações, optamos por não construir nenhum grupo de sujeitos para capturarmos os textos que compuseram o *corpus* para análise. Dessa forma, o *corpus* foi construído com os textos/discursos produzidos na Linha do Tempo do Facebook, a partir de uma seleção entre os perfis de amigos que possuímos na referida rede social.

Acreditamos que o fato de os interagentes não saberem que as suas conversas estavam sendo capturadas nos daria uma margem maior de segurança para analisar, da forma mais fidedigna e espontânea possível, as nuances dessas interações, o que contribui para a credibilidade da pesquisa.

Para responder à questão norteadora, procuramos criar critérios de seleção do *corpus* para coleta dos dados da pesquisa. Esses critérios foram os seguintes:

1º critério: os textos devem ser produzidos em perfis públicos¹⁴ do Facebook, mais especificamente na *Linha do Tempo*;

2º critério: os perfis devem ser de interagentes, professores da educação básica e/ou do ensino superior;

3º critério: os textos devem apresentar destacamentos que se caracterizam como cenas da aforização;

Definidos os critérios de seleção do *corpus*, buscamos capturar os textos no Facebook. Assim, a partir de setembro de 2019, iniciamos a construção do *corpus* de nossa pesquisa. Nesse movimento, capturamos 84 textos, utilizando como procedimento a realização de *print screens*, os quais foram arquivados em pasta de computador, para posterior seleção.

Para esta pesquisa, selecionamos 6 (seis) textos do *corpus* construído para análise. Esses textos estão numerados em ordem crescente de 1 a 6 e estão sendo considerados as Descrições dos sujeitos da pesquisa, conforme já referido no tópico

¹⁴ [...] é a versão da plataforma para pessoas físicas que, a princípio, foi o seu público principal. Os perfis públicos, funcionam como uma “ficha” dentro do Facebook porém aberta à visitação, independente se o usuário faz parte da sua rede de amigos e contém informações pessoais, como: locais de estudo e trabalho, rede de amigos (limitada), dados de contato e uma linha do tempo que permite o compartilhamento de fotos, vídeos e mensagens. (KIRKPATRICK, 2015).

5.2. No subtópico 6.2.1, encontramos os *print screens* desses textos, momento em que realizamos a análise fenomenológico-hermenêutica dos dados da pesquisa.

Ressaltamos que dos textos apresentados no exame de Qualificação, analisamos apenas 2 (dois), que estão identificados como Descrições 1 e 2, pois os demais textos foram substituídos, visto que, após uma releitura criteriosa para a construção da nossa Dissertação, observamos que as Descrições apresentadas não se encaixavam no segundo critério para a seleção do nosso corpus, ou seja, não eram textos de professores da educação básica.

6 DESCRIÇÃO DAS CENAS DA AFORIZAÇÃO NO FACEBOOK: uma abordagem fenomenológico-hermenêutica

Neste Capítulo, buscamos desvelar o fenômeno que está sendo investigado. Para isso, retomamos nossa questão norteadora, “*De que modo as cenas da aforização se manifestam como recursos coesivos em textos na rede social Facebook?*”, no intuito de elucidar os sentidos que permeiam as Descrições dos sujeitos da pesquisa, considerando que essa linguagem se constitui objetivações da experiência dos sujeitos, manifestas por meio de “formas de expressão que se oferecem simultaneamente à observação exterior e à reflexão de sentido”. (RICOEUR, 2005, p.44). Antes, porém, consideramos importante demonstrarmos como foram tratados os dados da pesquisa.

6.1 Tratamento dos Dados

No tratamento dos dados de uma pesquisa fundada na Fenomenologia, o sujeito investigador vivencia uma aproximação e interpretação do real em que a possibilidade do conhecimento é subordinada às possibilidades existenciais. Dessa forma, “Podemos falar numa postura fenomenológica, isto é, numa consciência de ser que dispõe o pensar e o próprio existir, ou ser-no-mundo, em sua historicidade” (CRITELLI, 1996, p.31). Em nossa pesquisa, essa historicidade é revelada gradativamente durante a trajetória fenomenológica, cujos movimentos de apreensão do real nos possibilitam desvelar, revelar, testemunhar e autenticar (CRITELLI, 1996) as cenas da aforização como recursos coesivos em textos da rede social Facebook.

Para os propósitos dessa pesquisa, o sentido é uma questão fundamental e, optando pela Fenomenologia Hermenêutica, volvemos o nosso olhar para a manifestação da linguagem, “a estruturação da vida significativa” (RICOEUR, 1989, p.12), buscando compreender o discurso, fazendo assim aparecer o sentido, considerando que

É este gesto filosófico que a hermenêutica prolonga na região que é sua, a das ciências históricas e, mais amplamente, a das ciências do espírito. O “vívido” que ela procura trazer à linguagem e levar ao sentido é a conexão histórica, mediatizada pela transmissão dos documentos escritos, das obras, das instituições, dos monumentos que tornam presente para nós o passado histórico (RICOEUR, 1991, p. 67).

Iniciamos a análise das Descrições dos sujeitos da pesquisa, aplicando a *Varição Imaginativa*, técnica de pesquisa própria da Fenomenologia. Procuramos refletir sobre a experiência vivida, dando início à redução fenomenológica, uma vez que, segundo Ricoeur (1989, p.20), “pela redução, aparece um domínio do sentido, um parecer para, em que o sentido remete apenas para outro sentido e para a consciência a fim de haver sentido”.

Em seguida, organizamos as Descrições selecionadas para análise, atribuindo-lhes uma numeração de 1 a 6, antecedida pela palavra Descrição, conforme explicitado no item 5.2. Nos *print screens* de cada Descrição, o nome dos sujeitos participantes da conversa foi substituído por um “S” acompanhado de um número cardinal, correspondente à própria descrição. Esse procedimento foi tomado

com vistas a proteger a identidade dos referidos sujeitos e facilitar a análise dos textos, no sentido de compreendermos as cenas da aforização como recursos coesivos.

Definidas as Descrições, procedemos à análise fenomenológico-hermenêutica dos dados da pesquisa. Vivenciamos dois momentos: a *Análise Ideográfica*, por meio da identificação das Unidades de Significado e explicitação dos textos/descrições dos sujeitos; *Análise Nomotética*, momento em que realizamos a convergência dos textos/descrições para identificação e análise das categorias abertas.

Para identificação das Unidades de Significado, procuramos deslocar o olhar do mundo natural para o sentido do mundo (RICOEUR, 1989), buscando uma aproximação maior do fenômeno por meio da explicitação do texto, pois a “passagem pela expressão linguística apresenta a vantagem de se apoiar nas objectivações da experiência no discurso, isto é, em formas que se oferecem simultaneamente à observação exterior e à reflexão de sentido” (RICOEUR, 1989, p. 12).

Diante do exposto e levando em consideração a importância de pesquisarmos a língua/linguagem em espaços de escrita on-line, a análise dos dados foi realizada com os textos capturados da Linha do Tempo da rede social Facebook, por meio da *Varição Imaginativa*, técnica utilizada em uma pesquisa fenomenológica já explicitada no tópico 5.2.

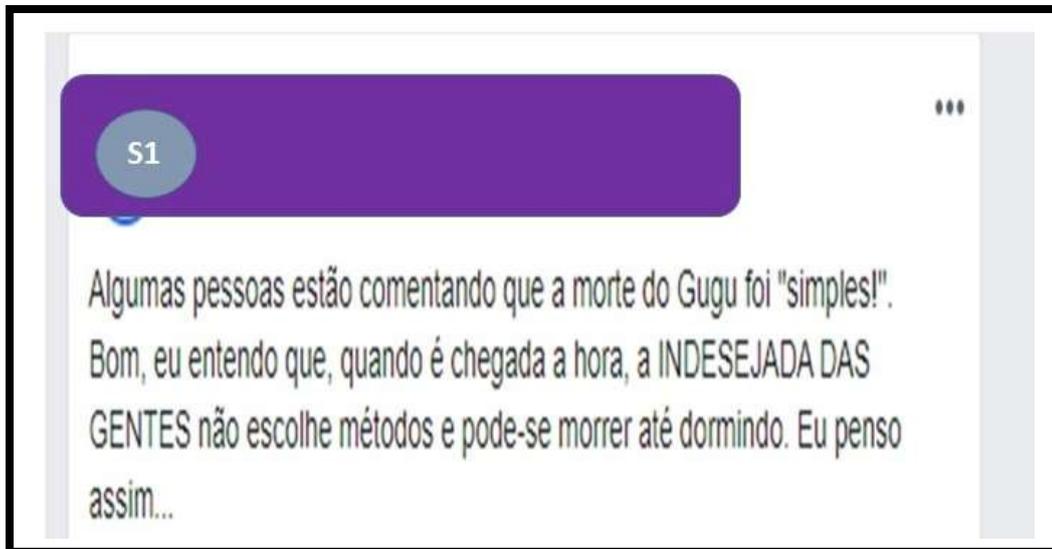
6.2 Análise Fenomenológico-Hermenêutica dos Dados

Selecionadas as Descrições para análise, retomamos mais uma vez nossa questão norteadora “*De que modo as cenas da aforização se manifestam como recursos coesivos em textos na rede social Facebook?*” e realizamos um primeiro movimento, o da Análise Ideográfica, momento em que procuramos identificar as Unidades de Significado, por meio da *Varição Imaginativa*, técnica que nos possibilitou refletir sobre as partes da experiência dos sujeitos que possuem significado para o desvelamento do fenômeno de nossa investigação. Identificadas as Unidades de Significado, procuramos explicitar cada Descrição. Esse primeiro movimento constitui o subtópico 6.2.1, descrito a seguir.

6.2.1 Análise Ideográfica: Identificação das Unidades de Significado e Explicitação dos Textos/Descrições dos Sujeitos

Ao iniciarmos o movimento de análise objetiva das estruturas das Descrições selecionadas, para a apropriação do sentido, tomamos essas Descrições como “um texto aberto ao mundo que o pesquisador redescreve e refaz” (SANTOS, 2006, p.194). Esse movimento tem início com a Descrição 1.

Descrição 1



Nessa descrição, o sujeito da pesquisa foi identificado como S1 e estabelece interação com os usuários da rede social Facebook por meio de uma postagem na Linha do Tempo dessa rede social. Destacamos, dessa Descrição, as seguintes Unidades de Significado:

Algumas pessoas estão comentando que a morte do Gugu foi “simples”

(D1-1)

[...] quando é chegada a hora, a INDESEJADA DAS GENTES não escolhe métodos [...] (D1-2)

Dessas Unidades de Significado, destacamos “simples” (D1-1) e INDESEJADA DAS GENTES (D1-2). A expressão “**simples**” (D1-1) se trata de um adjetivo retomando um termo antecedente, a expressão *morte*, o qual instaura uma

relação anafórica por associação. Essa retomada estabelecida pela nominalização do adjetivo “**simples**” funciona como um constituinte de continuidade referencial.

Demonte (2009, p.48) afirma que o adjetivo, como uma categoria gramatical, “tem a capacidade de modificar objetos atribuindo-lhes propriedades que contribuem para a sua definição, identificação e classificação, como é o caso dos qualificativos e dos relacionais”, embora o autor reconheça que essa função modificadora não se processa de igual forma com todos os adjetivos.

Em D1-1, o destacamento ocorreu por meio do processo referencial, com a cena da aforização evidenciada entre aspas, um sinal de pontuação empregado normalmente para enquadrar citações. Nesse sentido, Maingueneau (2015, p.66) afirma que “colocando palavras entre aspas, o enunciador contenta-se, com efeito, em atrair a atenção do receptor, deixando-o compreender porque chama sua atenção”, em outras palavras, as aspas podem, portanto, tomar significações muito variadas. Na Descrição 1, esse sinal, ao destacar o adjetivo simples, atribui sentido ao enunciado-fonte proferido por S1. A coesão do texto foi estabelecida pelo processo de referenciação anafórica por associação, por meio da nominalização de um adjetivo.

A expressão INDESEJADA DAS GENTES, identificada em D1-2, faz referência ao trecho de um verso do poema "Consoada", de Manuel Bandeira “indesejada das gentes”, no qual o poeta representa a morte como a "indesejada das gentes", ou seja, o que todas as pessoas não desejam. Essa expressão também faz referência à expressão *morte* que se encontra no enunciado-fonte, revelando um caso de referência textual por anáfora indireta, uma vez que a expressão INDESEJADA DAS GENTES é a interpretação de um termo a partir de outro anunciado anteriormente. Corroborando com esse entendimento, o uso da expressão INDESEJADA DAS GENTES, identificada em D1-2, evidencia que, no processo discursivo, os interlocutores constroem referentes de acordo com sua intenção e o contexto em que estão inseridos, levando-os, inclusive, a ativarem conhecimentos adquiridos por meio de outros textos, revelando, assim, relações intertextuais que são estabelecidas na construção dos textos. É o que acontece com a expressão INDESEJADA DAS GENTES, a qual faz referência a um dos versos do poema “Cansoada”, de Manuel Bandeira, que diz: “Quando a Indesejada das gentes chegar”.

Segundo Marcuschi (2014), o delineamento das anáforas indiretas não se dá apenas pela referência em sentido estrito com a reativação de referentes. Muitas vezes, essa delimitação é lacunosa e não remete somente a referentes pontuais, o que exige, em alguns casos, a ativação de conhecimentos comuns, partilhados, situacionais, para que o interlocutor processe a interpretabilidade do texto, como ocorre com a expressão INDESEJADA DAS GENTES.

Essa expressão se encontra no enunciado contíguo e se revela como cena da aforização destacada em caixa alta. Ressaltamos que a utilização de caixa alta em espaços de escrita on-line é interpretada por muitos interagentes como “uma explosão de emoções” no ciberespaço e seu uso pode ser interpretado como “exaltação da voz”, como ocorre na língua falada. Contudo a concepção de deselegância sobre a escrita em caixa alta, apesar de ainda ser visivelmente declarada pelos usuários das redes sociais da web, vem sendo desconstruída pela heterogeneidade de sentidos que os textos apresentam no espaço de escrita digital. Dessa forma, a caixa alta também é utilizada para “chamar a atenção” dos interagentes, sendo um recurso que pode ser utilizado em todo o texto da postagem, ou apenas como um fragmento de uma palavra ou frase que mereça destaque, vindo no início, no meio, ou no fim da postagem, a depender da vontade do emissor. Conforme assevera Maingueneau (2014, p.36), “no campo enunciativo-discursivo ao destacamento em caixa-alta também é atribuída a concepção de dar ênfase ou especial destaque ao enunciado ou parte dele”. Em outras palavras, nos espaços de escrita on-line, o uso do destacamento em caixa-alta é multifacetado.

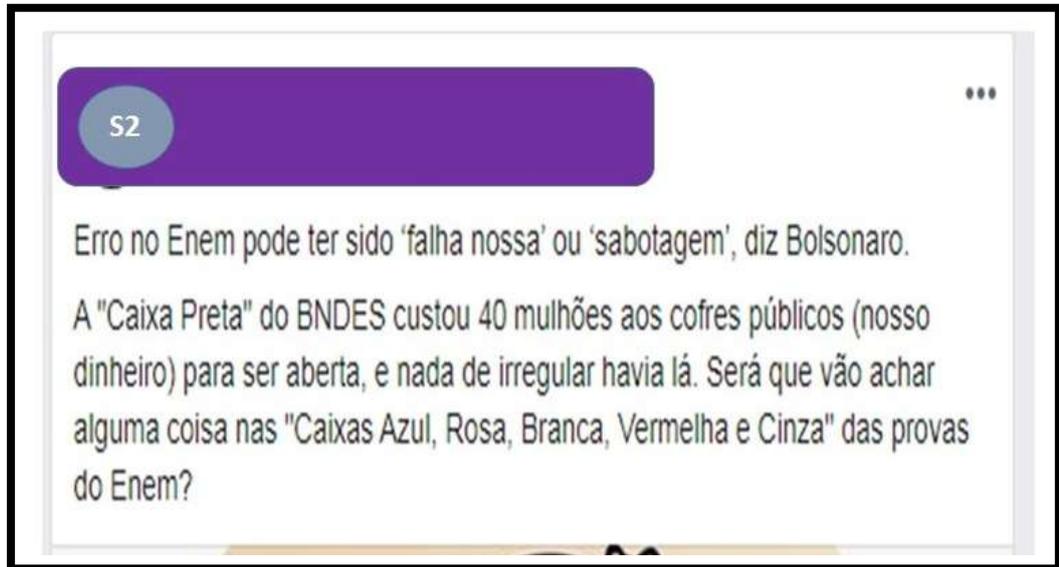
Convém destacar que a expressão INDESEJADA DAS GENTES revela a cena da aforização por meio de uma estrutura pregnante do seu significado (MAINGENEAU, 2014), a metáfora, “[...] uma espécie de comparação, porém uma comparação implícita, entre elementos semânticos (relativos ao significado) semelhantes entre as palavras ou expressões em questão” (MUNIZ, 2016, p.18). Ao ser empregada no texto para se referir à expressão *morte* que se encontra no enunciado-fonte, essa expressão estabelece uma comparação de forma indireta, porém prezando pela aproximação de uma característica semelhante pela referência de sentido.

Síntese da Descrição 1

Na Descrição 1, as cenas da aforização se manifestam por meio de:

- ✓ anáfora associativa destacada entre aspas;
- ✓ anáfora indireta destacada em caixa alta;
- ✓ metáfora.

Descrição 2



Dessa descrição, destacamos as seguintes Unidades de Significado:

Erro no Enem pode ter sido **“falha nossa”** ou **“sabotagem”** [...] (D2-1)
 A **“Caixa Preta”** do BNDES custou 40 milhões aos cofres públicos [...] (D2-2)
 Será que vão achar alguma coisa nas **“Caixas Azul, Rosa, Branca, Vermelha e Cinza”** das provas do Enem? (D2-3)

Nessas Unidades de Significado, percebemos a presença de elementos linguísticos que revelam cenas da aforização. Esses elementos linguísticos são: **“falha nossa”** e **“sabotagem”** (D2-1); **Caixa Preta”** (D2-2) e **“Caixas Azul, Rosa, Branca, Vermelha e Cinza”** (D2-3).

Voltando nosso olhar para as Unidades de Significado, destacamos as expressões **“falha nossa”** e **“sabotagem”**(D2-1). Essas expressões retomam anaforicamente o referente *Erro no Enem*, operando uma recategorização por expressão nominal definida. São expressões que podem “acrescentar informações que particularizam o referente, ou destacar pontos de vista do enunciador sobre a entidade referida, ou as duas estratégias ao mesmo tempo” (CAVALCANTE, 2015, p.110). Nesse sentido, podemos afirmar que as expressões **“falha nossa”** e

“**sabotagem**” (D2-1) evidenciam uma renomeação do referente textual *Erro no Enem*, visto que as estratégias de produção de sentidos do texto são diversas e consistem na construção e reconstrução de objetos de discurso.

Continuando nossa análise, observamos que a expressão “**Caixa Preta**” (D2-2) diz respeito a algo secreto do *BNDS*, a certas informações escondidas a que poucas pessoas têm acesso. Podemos dizer que os sentidos dessa expressão se expressam de modo metafórico. Notamos em seguida que as expressões “**Caixas Azul, Rosa, Branca, Vermelha e Cinza**” (D2-3), também, condizem a informações sigilosas, porém fazem referência **às cores** das provas do *Enem*. Nesse sentido, é possível observar que as expressões “**Caixas Azul, Rosa, Branca, Vermelha e Cinza**” (D2-3) correferem-se à expressão “**Caixa Preta**” (D2-2), evidenciando, dessa forma, a configuração de uma relação por anáfora correferencial cossignificativa, ou seja, a cena da aforização está expressa por esse tipo de anáfora, pois o referente, identificado pela expressão “**Caixa Preta**” (D2-2), é retomado pelas expressões “**Caixas Azul, Rosa, Branca, Vermelha e Cinza**” (D2-3), revelando uma expressão referencial sinônima, sem alteração de sentido.

Cavalcante (2015) afirma que o uso das palavras em contexto nos prova o fato de não existir sinônimos perfeitos. Sempre haverá entre os sinônimos traços distintivos que, mesmo de forma sutil, em algum contexto, impeçam a simples substituição de uma palavra por outra, mantendo a informação inalterada.

Ressaltamos que, assim como a expressão “**Caixa Preta**” (D2-2) foi empregada metaforicamente, as expressões “**Caixas Azul, Rosa, Branca, Vermelha e Cinza**” (D2-3) também revelam a presença da Metáfora, pois foram expressas por uma estrutura pregnante do seu significante, como afirma Maingueneau (2015). Dessa forma, reiteramos que na Descrição 2, a presença da Metáfora se revela conforme já justificado em D1.

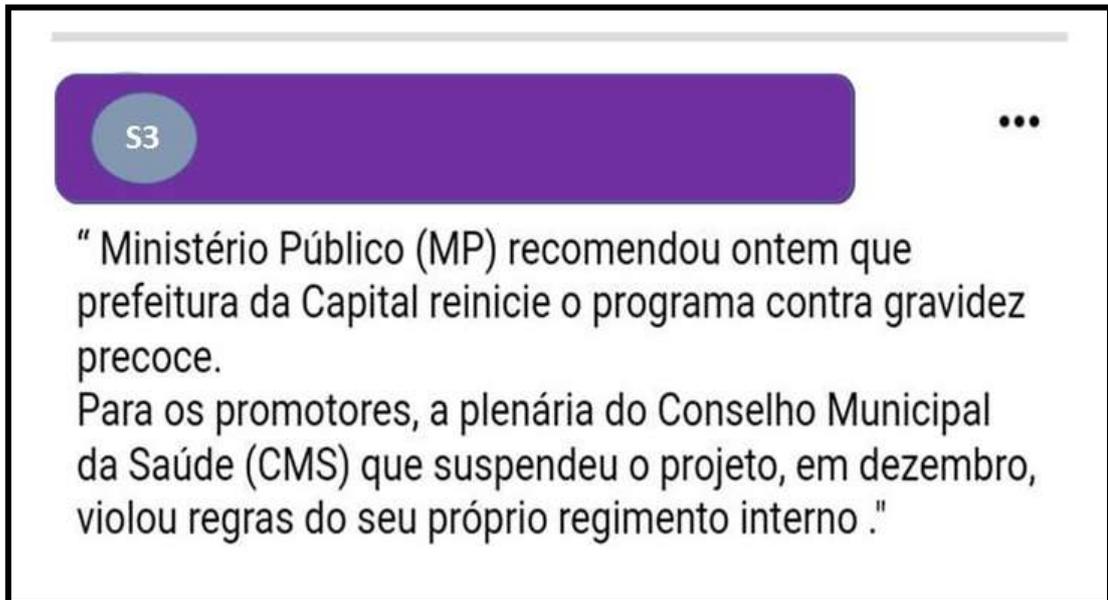
Ressaltamos, também, que as cenas da aforização presentes na Descrição 2 estão destacadas entre aspas, o que nos leva a afirmar que a relevância e função das aspas em D2 é consoante à análise do uso dessa pontuação feita na Descrição 1.

Síntese da Descrição 2

Na Descrição 2, as cenas da aforização se manifestam por meio:

- ✓ da anáfora recategorizadora destacada entre aspas;

- ✓ da anáfora correferencial cossignificativa destacada entre aspas;
- ✓ da metáfora.



Descrição 3

Nessa Descrição, o Sujeito da pesquisa S3 interage na rede social com uma postagem em que o enunciado-fonte é a própria cena da aforização. Vale lembrar que, segundo Maingueneau (2015), as cenas da aforização podem ser evidenciadas no enunciado, não só pelo uso das aspas em expressões isoladas, como vimos nas Descrições 1 e 2, mas também no início e no final do enunciado-fonte, como está destacado em D3. Visto que não existe uma regra no que se refere à posição das aspas no enunciado, em outras palavras, a cena da aforização pode ser respectivamente o enunciado-fonte ou partes dele. Nessa perspectiva, reafirmamos a relevância e a função das aspas em D3 como elementos de construção de sentidos das cenas da aforização.

Prosseguindo nossa trajetória de atribuição de significado, destacamos da Descrição 3 as seguintes Unidades de Significado:

“**O Ministério Público** (MP) recomendou ontem que a prefeitura da Capital reinicie o programa contra gravidez precoce. (D3-1)
Para **os promotores**, a plenária do Conselho Municipal da Saúde (CMS) que suspendeu o projeto, em dezembro, violou regras do seu próprio regimento interno”. (D3-2)

Voltando o nosso olhar para essas Unidades de Significado, podemos dizer que a construção de sentidos da cena da aforização em D3 releva-se a partir de destacamentos que operam como elos semânticos. Nas Unidades de Significado destacadas, a expressão **O Ministério Público (MP)** (D3-1) é retomada no texto pela expressão **os promotores** (D3-2), apresentando, assim, a mesma carga conceitual, ou seja, a especificação referencial de ambas as expressões é a mesma. Segundo Marcuschi (2012, p. 55), o termo anáfora é “usado para designar expressões que, no texto, se reportam a outras expressões, enunciados, conteúdos ou contextos textuais (retomando-os ou não), contribuindo assim para a continuidade tópica e referencial”.

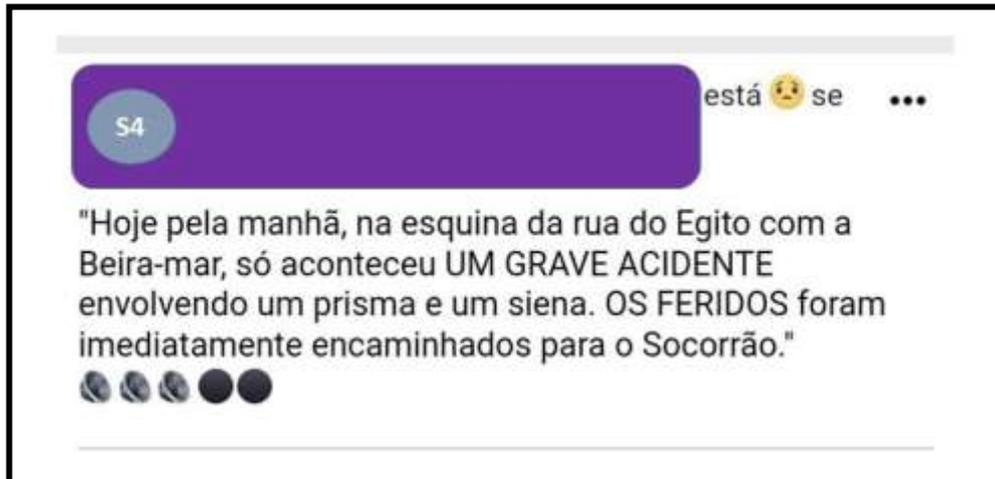
Nesse sentido, ao observarmos a expressão **os promotores** (D3-2), entendemos que essa expressão desempenha o papel de anáfora direta, pois correferente e coespecifica o seu antecedente, no caso, a expressão **O Ministério Público (MP)** (D3-1). A anáfora direta “[...] é uma operação discursiva de correferência, logo há a ativação e a reativação de referentes na superfície textual com perfil direto” (CAVALCANTE, 2015, p.57).

Nesse movimento de atribuição de sentido à cena da aforização presente em D3, observamos também que as expressões destacadas evidenciam a presença da metáfora de orientação, uma vez que a expressão **os promotores** (D3-2), se sobrepõe e substitui a expressão de origem **O Ministério Público (MP)** (D3-1), ou seja, “[...] as metáforas de orientação derivam quando a origem de uma é o alvo de outra, e vice-versa”. (LAKOFF; JHONSON, 1980, p. 26).

Síntese da Descrição 3

Na Descrição 3, as cenas da aforização se manifestam por meio:

- ✓ do enunciado-fonte destacado entre aspas;
- ✓ da anáfora direta;
- ✓ da metáfora de orientação.



Descrição 4

Na descrição 4, o sujeito da pesquisa S4 estabelece interação com os usuários da rede social Facebook por meio de uma postagem na Linha do Tempo. Apesar de S4 utilizar o emoticon como uma *representação gráfica de emoção*, em sua postagem, em nossa pesquisa não consideramos a análise de caracteres tipográficos.

Destacamos, dessa Descrição, a seguinte Unidade de Significado:

"Hoje pela manhã, na esquina da rua do Egito com a Beira-mar, só aconteceu UM GRAVE ACIDENTE envolvendo um prisma e um siena. OS FERIDOS foram imediatamente encaminhados ao Socorrão" (D4-1)

Em D4-1, a cena da aforização se constitui do enunciado- fonte num todo. Essa forma de destacamento da cena da aforização em D4 está consoante à análise realizada em D3, por isso reafirmamos a relevância e a função das aspas em D4 como elementos de construção de sentidos das cenas de aforização.

Continuando nossa trajetória de atribuição de sentido, apontamos as expressões UM GRAVE ACIDENTE e OS FERIDOS, as quais se manifestam em D4-1 como elos semânticos. A expressão OS FERIDOS não apresenta nenhum antecedente, porém está ancorado, de imediato reativado, pela expressão UM GRAVE ACIDENTE. Em outras palavras, a expressão UM GRAVE ACIDENTE representa o referente da expressão OS FERIDOS, configurando, portanto, um destacamento a partir de uma relação referencial por anáfora associativa.

Sobre essa relação, vale ressaltarmos que

As anáforas associativas são parte substantiva das anáforas indiretas, que constituem relações referenciais produzidas por sintagmas nominais definidos, verbos, adjetivos, pronomes ou até mesmo por orações que não retomam pontualmente ou explicitamente elementos anteriormente (ou posteriormente) presentes na superfície do texto. Tais anáforas ancoram em elementos do discurso, da situação cognitiva ou de outros para ativar ou introduzir um referente novo como se fosse dado. (MARCUSCHI, 2015, p. 53)

Prosseguindo a compreensão do texto, na cena da aforização em D4-1, as expressões UM GRAVE ACIDENTE e OS FERIDOS revelam destacamentos em caixa alta. Conforme já explicitado nas descrições 1 e 2, o destaque em caixa alta é utilizado para chamar a atenção dos interagentes, sendo um recurso que pode ser utilizado em todo o texto da postagem, ou em apenas um fragmento de frase que o autor queira dar destaque.

Assim sendo, as expressões UM GRAVE ACIDENTE e OS FERIDOS além de se realçarem como essenciais para a construção de sentidos da Descrição 4, não deixam de se configurar como a própria cena da aforização, visto que se encontram inseridas no interior do enunciado-fonte destacado pelo uso das aspas (MAINGUENEAU, 2014), que também é uma cena de aforização.

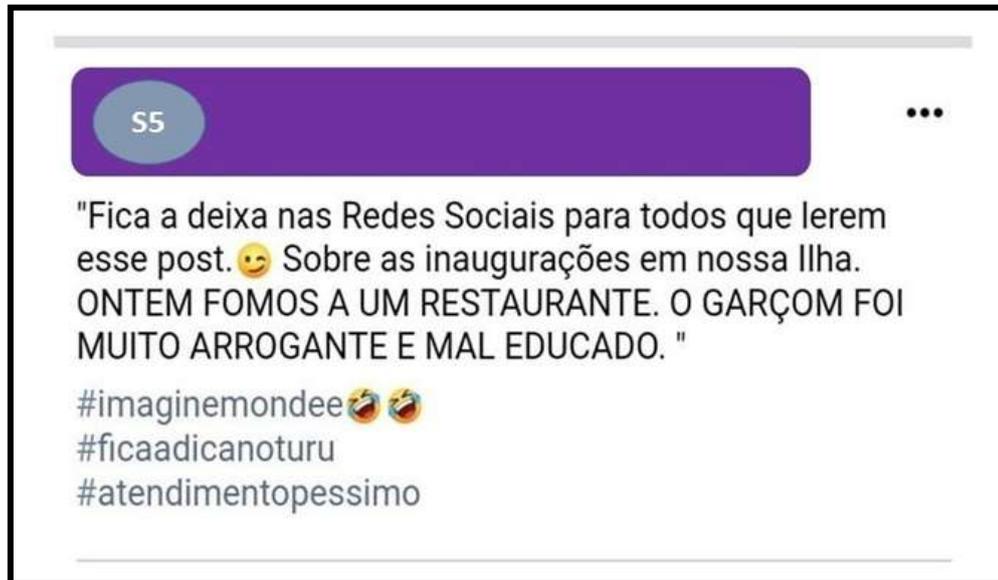
Convém ressaltar que as expressões UM GRAVE ACIDENTE e OS FERIDOS também são destacamentos que evidenciam a presença da metáfora de semelhança. Nesse sentido, concordamos com Lakoff e Johnson (1980, p.3) quando afirmam que a metáfora é, portanto, “parte do nosso sistema de organização do pensamento”, gerada por uma correlação de conceitos e representação cognitiva, uma vez que “também está interligada à memória discursiva do interlocutor” (MUNIZ, 2016, p.34).

Síntese da Descrição 4

Na Descrição 4, as cenas da aforização se manifestam por meio:

- ✓ do enunciado-fonte destacado entre aspas;
- ✓ da anáfora associativa destacada em caixa alta;
- ✓ da metáfora de semelhança.

Descrição 5



Nessa descrição, identificamos o sujeito da pesquisa fazendo uso de hashtags e emoticons em sua postagem. Ressaltamos que os fenômenos linguísticos nos espaços de escrita on-line são diversos, porém nossa pesquisa está voltada para as cenas da aforização, motivo pelo qual outros fenômenos não serem tratados aqui, como a comunicação paralinguística.

Buscando atribuir sentido à D5, observamos que a cena da aforização apropria-se do enunciado-fonte como um todo. O que nos leva a essa afirmação é o uso das aspas no início e no final do referido enunciado, como uma forma de chamar a atenção do interlocutor. Essa forma de destaque da cena da aforização em D5 está consoante à análise realizada em D3, que também se faz presente em D4, por isso reafirmamos a relevância e a função das aspas em D5 como elementos de construção de sentidos das cenas de aforização.

Ressaltamos, no entanto, que, enunciado-fonte, outros destaques são importantes para construção de sentidos desse enunciado. Nesse sentido, destacamos da descrição 5, a seguinte Unidade de Significado:

ONTEM FOMOS A UM RESTAURANTE. O GARÇOM FOI MUITO ARROGANTE E MAL EDUCADO. (D5-1)

Dessa Unidade de Significado, consideramos as expressões UM RESTAURANTE e O GARÇOM elementos de significação. Ao buscarmos atribuir sentidos a essas expressões, deparamo-nos com O GARÇOM, expressão que se revela como um referente novo no enunciado-fonte, porém, conhecido, pois está ancorado ao seu antecedente UM RESTAURANTE, dessa forma reativando-o. Nesse sentido, mesmo não havendo uma retomada direta da expressão UM RESTAURANTE pela expressão O GARÇOM, as duas expressões nos levam ao mesmo domínio de referência, sendo estabelecida tanto a continuidade temática como a coerência. Diante disso, concordamos com Cavalcante (2014, p.31), para quem a coerência

[...] se constrói a partir do cotexto e dos contextos, numa dada situação comunicativa, na qual o leitor, com base em seus conhecimentos sociocognitivos e interacionais e na materialidade linguística, confere sentido ao que lê

Ainda analisando as expressões UM RESTAURANTE e O GARÇOM, observamos que esses destacamentos configuram uma relação referencial por meio da anáfora indireta, pois além de estabelecerem pontos comuns no enunciado, fazem parte do mesmo universo textual. Nessa perspectiva, Marcuschi (2015, p. 61-67), corrobora afirmando que “as anáforas indiretas são essencialmente processuais, porque introduzem referentes novos ligados a âncoras contextuais e a diversos modelos cognitivos”.

Nesse movimento de atribuição de sentido, observamos também que as expressões UM RESTAURANTE e O GARÇOM, presentes em D5-1, são destacamentos que evidenciam a presença da ‘metáfora de semelhança’, ou seja, “[...] as metáforas de semelhança possibilitam a compreensão dos valores subjacentes às representações de objetos sociais como situações, interações, grupos, instituições, localidades, indivíduos em dado momento”. (GRADY, 1997, p. 222).

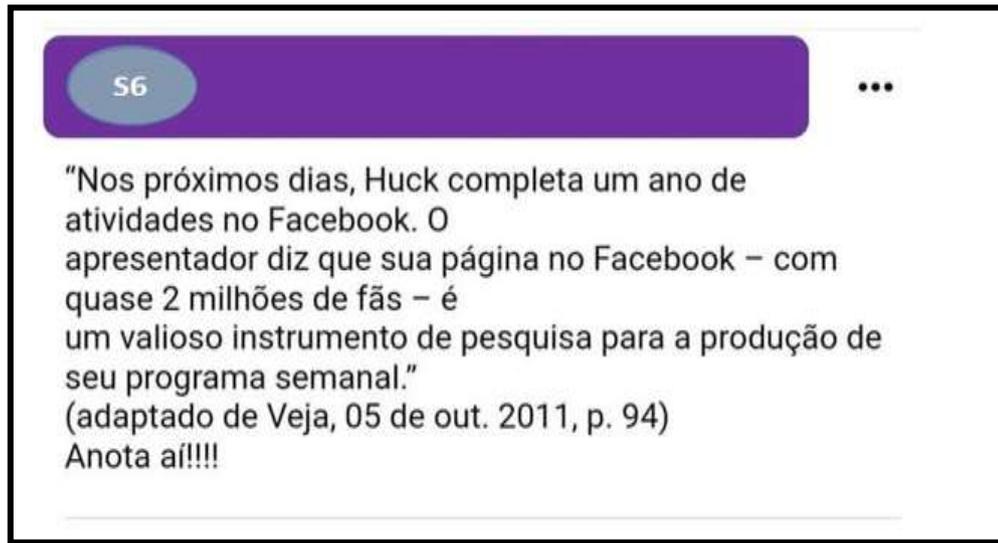
Observamos, ainda, que as expressões UM RESTAURANTE e O GARÇOM revelam destacamentos em caixa alta. Essa forma de destaque da cena de aforização em D5 está consoante à análise realizada em D1 que também se faz presente em D4, por isso reafirmamos a relevância e a função do uso da caixa alta em D5 como um recurso de construção de sentidos das cenas de aforização.

Síntese da Descrição 5

Na Descrição 5, as cenas da aforização se manifestam por meio:

- ✓ do enunciado-fonte destacado entre aspas;
- ✓ da anáfora indireta destacada em caixa alta;
- ✓ da metáfora de semelhança.

Descrição 6



Nessa Descrição, o sujeito da pesquisa S6 põe em destaque sua postagem na rede social Facebook, quando faz o uso das aspas no início e no fim do enunciado- fonte. Dessa forma, a cena da aforização em D6 é evidenciada do mesmo modo que em D3, em D4 e em D5: destacada entre aspas, revelando-se como elementos de construção de sentidos das cenas da aforização e, portanto, da descrição 6.

Destacamos da Descrição 6 a seguinte Unidade de Significado:

“Nos próximos dias, **Huck** completa um ano de atividades no Facebook. **O apresentador** diz que sua página no Facebook-com quase 2 milhões de fãs- é um valioso instrumento de pesquisa para a produção de seu programa semanal.” (D6-1)

Da Unidade de Significado destacada, apontamos as expressões **Huck** e **O apresentador** como elementos de significação.

Analisando a relação entre **Huck** e **O apresentador**, notamos que a expressão **O apresentador** retoma o referente **Huck**. Essa retomada é contextual por anáfora recategorizadora, uma construção anafórica “que exerce função remissiva, ao mesmo tempo em que promove a evolução dos objetos de discurso”

(CARDOSO, 2019, p.36). Desse modo, podemos afirmar que a expressão **O apresentador** está ancorada na expressão **Huck**, através da ativação de elementos discursivos e conhecimentos compartilhados por S6, uma vez que Huck é apresentador de programa semanal, na televisão brasileira.

Cavalcante (2011, p.90) afirma que

[...] a recategorização é um fenômeno cognitivo-discursivo que corresponde à evolução natural que todo referente sofre ao longo do desenvolvimento do texto; ele se dá abstratamente, na mente dos interlocutores, podendo ou não realizar-se no cotexto por meio de termos anafóricos. Para essa evolução, concorrem não somente as expressões referenciais que manifestam explicitamente as transformações do objeto de discurso, mas também um conjunto de pistas contextuais que, acionando informações socio-historicamente compartilhadas, ajudam os participantes da enunciação a (re)construírem a referência.

Na D6, embora a recategorização do referente **Huck** tenha sido realizada no contexto, corroboramos com a autora, ao afirmar que esse fenômeno cognitivo-discursivo pode se manifestar no texto por meio de pistas contextuais a serem acionadas pelos interlocutores no processo de interação.

Convém destacar que as expressões **Huck** e **O apresentador** estão correlacionadas metaforicamente no enunciado-fonte, dessa forma, revelando uma cena da aforização por meio de uma estrutura pregnante do seu significado (MAINGENEAU, 2014), a metáfora. Nesse viés, Lakoff e Johnson (1980) afirmam ser a metáfora não apenas uma figura de linguagem, no sentido de desvio do sentido literal, mas um recurso cognitivo que estrutura o discurso na medida em que relaciona algo novo com o que já é familiar. Validamos essa assertiva, quando mais uma vez voltamos o nosso olhar para a expressão **O apresentador**, destacada da Unidade de Significado D6-1.

Síntese da Descrição 6

Na Descrição 6, as cenas da aforização se manifestam por meio:

- ✓ do enunciado-fonte destacado entre aspas;
- ✓ da anáfora recategorizadora;
- ✓ da metáfora.

6.2.2 Análise Nomotética: Identificação e Interpretação das Categorias Abertas

Esse momento consiste na convergência dos textos/descrições, a partir das Unidades de Significado extraídas das seis Descrições analisadas. É o momento em que realizamos um movimento de aproximação e afastamento em relação ao fenômeno, na tentativa de identificar as convergências e as idiossincrasias dos sentidos já constatados pela Análise Ideográfica.

Por meio das confluências das Unidades de Significado, identificamos as *Categorias Abertas*, que são analisadas com a intenção de fazer aparecer os encadeamentos de sentido possibilitados pelas Descrições dos sujeitos da pesquisa.

6.2.2.1 Identificação das Categorias Abertas

Concluída a explicitação dos textos/descrições dos sujeitos, as Unidades de Significado foram cruzadas entre si e convergiram para as Categorias Abertas. Nossa proposta não é criar novas invenções ou recriar categorias novas, mas, sim, retornar aos sentidos que já foram explicitados na Análise Ideográfica. Assim, procuramos nos situar diante do fenômeno de nossa investigação e, a partir do movimento sincrônico do aspecto individual para o geral que realizamos, identificamos as seguintes categorias abertas: **CONSTRUÇÕES REFERENCIAIS ANAFÓRICAS** e **CONSTRUÇÕES METAFÓRICAS**. O Quadro a seguir demonstra esse movimento.

QUADRO 02: Quadro de Convergência das Descrições e Identificação das Categorias Abertas

CATEGORIAS ABERTAS	UNIDADES DE SIGNIFICADO	DESCRIÇÕES
	Algumas pessoas estão comentando que a morte do Gugu foi “simples”	D1

<p>CONSTRUÇÕES REFERENCIAIS ANAFÓRICAS</p>	<p>[...] quando é chegada a hora, a INDESEJADA DAS GENTES não escolhe métodos [...]</p> <p>Erro no Enem pode ter sido “falha nossa” ou “ sabotagem” [...]</p> <p>A “Caixa Preta” do BNDS custou 40 milhões aos cofres públicos [...]</p> <p>Será que vão achar alguma coisa nas “Caixas Azul, Rosa, Branca, Vermelha e Cinza” das provas do Enem?</p> <p>“O Ministério Público (MP) recomendou ontem que a prefeitura da Capital reinicie o programa contra gravidez precoce.</p> <p>Para os promotores, a plenária do Conselho Municipal da Saúde (CMS) que suspendeu o projeto, em dezembro, violou regras do seu próprio regimento interno”.</p> <p>"Hoje pela manhã, na esquina da rua do Egito com a Beira-mar, só aconteceu UM GRAVE ACIDENTE envolvendo um prisma e um siena. OS FERIDOS foram imediatamente encaminhados ao Socorrão"</p> <p>ONTEM FOMOS A UM RESTAURANTE. O GARÇOM FOI MUITO ARROGANTE E MAL EDUCADO.</p> <p>“Nos próximos dias, Huck completa um ano de atividades no Facebook. O apresentador diz que sua página no Facebook-com quase 2 milhões de fãs- é um valioso instrumento de pesquisa para a produção de seu programa semanal.”</p>	<p>D1</p> <p>D2</p> <p>D2</p> <p>D2</p> <p>D3</p> <p>D3</p> <p>D4</p> <p>D5</p> <p>D6</p>
	<p>[...] quando é chegada a hora, a INDESEJADA DAS GENTES não escolhe métodos [...]</p>	<p>D1</p>

CONSTRUÇÕES METAFÓRICAS	<p>A “Caixa Preta” do BNDS custou 40 milhões aos cofres públicos [...]</p>	D2
	<p>Será que vão achar alguma coisa nas “Caixas Azul, Rosa, Branca, Vermelha e Cinza” das provas do Enem?</p>	D2
	<p>“O Ministério Público (MP) recomendou ontem que a prefeitura da Capital reinicie o programa contra gravidez precoce</p>	D3
	<p>Para os promotores, a plenária do Conselho Municipal da Saúde (CMS) que suspendeu o projeto, em dezembro, violou regras do seu próprio regimento interno”.</p>	D3
	<p>"Hoje pela manhã, na esquina da rua do Egito com a Beira-mar, só aconteceu UM GRAVE ACIDENTE envolvendo um prisma e um siena. OS FERIDOS foram imediatamente encaminhados ao Socorrão"</p>	D4
	<p style="text-align: center;">ONTEM FOMOS A UM RESTAURANTE. O GARÇOM FOI MUITO ARROGANTE É MAL EDUCADO.</p>	D5
<p>“Nos próximos dias, Huck completa um ano de atividades no Facebook. O apresentador diz que sua página no Facebook-com quase 2 milhões de fãs- é um valioso instrumento de pesquisa para a produção de seu programa semanal.”</p>	D6	

QUADRO 03: Quadro Ilustrativo de Convergência das Descrições

DESCRİÇÕES	D1	D2	D3	D4	D5	D6	TOTAL
CATEGORIAS							
CONSTRUÇÕES REFERENCIAIS ANAFÓRICAS	2	3	2	1	1	1	10
CONSTRUÇÕES METAFÓRICAS	1	2	2	1	1	1	8

6.2.2.2 Interpretação das Categorias Abertas

Conforme explicitado no item 6.2.2.1, o qual trouxe à luz as convergências das Descrições reveladas pelos textos escritos na Linha do Tempo da rede social Facebook, retomamos a Questão Norteadora que direcionou nossa trajetória metodológica: *De que modo as cenas da aforização se manifestam como recursos coesivos em textos na rede social Facebook?* E num movimento de reflexão e de compreensão para que o fenômeno se tornasse visível, a partir do olhar fenomenológico-hermenêutico, passamos a atribuir sentidos às categorias abertas.

Iniciamos, assim, a compreensão das duas categorias que emergiram das seis Descrições analisadas, aprofundando nossa compreensão em torno das *Cenas da Aforização como Recursos Coesivos em textos da Rede Social Facebook*. A partir dessas categorias, damos continuidade à leitura dos dados da investigação, aguçando nossa percepção para de novo adentrar no mundo do texto/discurso, pois, segundo Ricoeur (1991, p. 201),

A reconstrução do texto enquanto todo oferece, como consequência, um caráter circular, no sentido de que está implicado no reconhecimento das partes. E, reciprocamente, é, ao construir os pormenores, que reconstruímos o todo.

Neste novo adentrar no mundo do texto/discurso, volvemos a nossa consciência para refletir sobre as Categorias Abertas, extraídas de um horizonte de possibilidades, atribuindo sentido a cada uma delas, isoladamente, sem perder de vista a inter-relação que mantêm umas com as outras, visto que emergem

imbricadas. E assim, examinando os seus pormenores, buscamos estabelecer intersignificações, percorrendo a trilha teórico-metodológica delineada na pesquisa, bem como recorrendo a outros teóricos que se fizeram necessários para auxiliar o nosso percurso de compreensão.

A primeira Categoria Aberta a ser clarificada/significada é **CONSTRUÇÕES REFERENCIAIS ANAFÓRICAS**. Essa categoria se manifestou nas 6 (seis) descrições analisadas, a partir das Unidades de Significado a seguir:

Algumas pessoas estão comentando que a morte do Gugu foi “**simples**” (D1) [...] quando é chegada a hora, a **INDESEJADA DAS GENTES** não escolhe métodos [...] (D1)

Erro no Enem pode ter sido “**falha nossa**” ou “**sabotagem**” [...] (D2)

A “**Caixa Preta**” do BNDS custou 40 milhões aos cofres públicos [...] (D2)

Será que vão achar alguma coisa nas “**Caixas Azul, Rosa, Branca, Vermelha e Cinza**” das provas do Enem? (D2)

“O Ministério Público (MP) recomendou ontem que a prefeitura da Capital reinicie o programa contra gravidez precoce. (D3)

Para os promotores, a plenária do Conselho Municipal da Saúde (CMS) que suspendeu o projeto, em dezembro, violou regras do seu próprio regimento interno”. (D3)

"Hoje pela manhã, na esquina da rua do Egito com a Beira-mar, só aconteceu **UM GRAVE ACIDENTE** envolvendo um prisma e um siena. **OS FERIDOS** foram imediatamente encaminhados ao Socorrão". (D4)

ONTEM FOMOS A **UM RESTAURANTE. O GARÇOM** FOI MUITO ARROGANTE E MAL EDUCADO. (D5)

“Nos próximos dias, **Huck** completa um ano de atividades no Facebook. **O apresentador** diz que sua página no Facebook-com quase 2 milhões de fãs-é um valioso instrumento de pesquisa para a produção de seu programa semanal.” (D6)

A manifestação do fenômeno anafórico nessas Descrições comprova a importância da anáfora como construção referencial para as cenas da aforização produzidas pelos sujeitos interagentes da Rede Social Facebook. Ao retomarem anaforicamente objetos de discurso presentes no co (n) texto, esses sujeitos põem em operação um dos movimentos básicos da progressão referencial, a *reativação*, a partir da tríplice movimentação que costuma ocorrer, quando produzimos um texto: *ativação*, *reativação* e *desativação* (KOCH 2017; CAVALCANTE, 2015).

É importante lembrarmos que a construção de sentido (s) por meio de retomadas anafóricas, como asseveram Koch e Elias (2010), remete-se, continuamente, a referentes que já foram antes apresentados e, assim, introduzidos na memória do interlocutor; agregando informações novas que, por sua vez, passarão também a constituir suporte para outras informações. Nesse encadeamento de ideias, *as cenas da aforização*, identificadas nas Unidades de Significado como construções referenciais anafóricas, são capazes de estabelecer relações textuais, tanto explícitas, em nível contextual, quanto implícitas, na medida

em que são resgatadas pela memória discursiva, através de processos inferenciais, capazes de assegurar a mútua compreensão no fio discursivo tecido nas postagens da rede social Facebook.

Ressaltamos que o delineamento das construções referenciais anafóricas não se dá apenas pela referência em sentido estrito com a reativação de referentes. Muitas vezes, essa delimitação é lacunosa e não remete somente a referentes pontuais, o que exige, em alguns casos, a ativação de conhecimentos comuns, partilhados, situacionais, para que o interlocutor processe a interpretabilidade do texto, como ocorre com as expressões destacadas nas seguintes Unidades de Significado:

Algumas pessoas estão comentando que a morte do Gugu foi “**simples**” (D1) [...] quando é chegada a hora, a **INDESEJADA DAS GENTES** não escolhe métodos [...] (D1)
 "Hoje pela manhã, na esquina da rua do Egito com a Beira-mar, só aconteceu **UM GRAVE ACIDENTE** envolvendo um prisma e um siena. **OS FERIDOS** foram imediatamente encaminhados ao Socorrão". (D4)

Nessas Unidades de Significado, as cenas da aforização se revelam pela anáfora associativa. A interpretação referencial dessas construções referenciais anafóricas é feita por remissão, dado que estamos perante a introdução de um referente novo, mas, ainda assim relacionados com os antecedentes, em outras palavras, entre as expressões, morte / “**simples**” (D1) /**INDESEJADA DAS GENTES** (D1) e **OS FERIDOS** /**UM GRAVE ACIDENTE** (D4), há uma relação semântica, pré-construída no léxico, que existe independentemente das instâncias particulares instituídas pelo discurso, uma vez que a anáfora por associação, como afirma (CAVALCANTE,2012), configura um fenômeno cognitivo-discursivo que pode se manifestar no texto por meio de pistas contextuais a serem acionadas pelos interlocutores no processo de interação.

Nesse sentido, a categoria **CONSTRUÇÕES REFERENCIAIS ANAFÓRICAS** revela a anáfora associativa como um acontecimento que exige mecanismos não só remissivos, mas inferenciais e essa é uma condição sem a qual não é possível o seu estabelecimento.

Como bem afirma Cavalcante (2015, p.99),

A anáfora associativa é um fenômeno remissivo e inferencial porque utiliza operações lógicas e pode combiná-las possibilitando a existência de termos não realizados lexicalmente. Os cálculos

inferenciais podem apoiar-se em elementos textuais, situacionais, em crenças ou no saber presumidamente partilhado e, por isso, certas noções, invocadas habitualmente como as de "estereótipo" e relações "parte-todo" preestabelecidas, podem explicar um certo tipo de relações anafóricas, mas não se mostram suficientes para interpretar o fenómeno na globalidade.

Corroborando com Cavalcante (2015), a relação entre o elemento anafórico e o referente é de remissão e carácter inferencial. Essa relação é preferencialmente de base léxico-estereotípica, uma vez que a anáfora associativa pede que o referente novo seja interpretado como já conhecido e que esteja em relação indireta com o referente já mencionado, como observamos em D1 e D4.

Dentre outras condições que influenciam consideravelmente para a interpretação das construções referenciais anafóricas, podemos citar o uso de expressões que aparecem no texto pela primeira vez, contudo se apresenta “como já conhecido, em virtude de ser inferível por conta do processamento sociocognitivo do texto (CAVALCANTE, 2014, p.125), conforme evidenciamos nas seguintes Unidades de Significado:

[...] quando é chegada a hora, a **INDESEJADA DAS GENTES** não escolhe métodos [...] (D1)
 ONTEM FOMOS A **UM RESTAURANTE. O GARÇOM** FOI MUITO ARROGANTE E MAL EDUCADO. (D5)

Nessas Unidades de Significado, as cenas da aforização se manifestam, portanto, por meio da anáfora indireta, uma construção referencial anafórica que consiste não em localizar um antecedente ou um objeto específico no mundo, mas sim em estabelecer uma ligação com algum tipo de informação que se encontra na memória discursiva (KOCH, 2012). Isso acontece porque as relações semânticas e/ou informações conceituais, assim como o potencial inferencial que, por sua vez, permite a dedução de partes integrantes de um referente no modelo textual, são a base para a interpretação das anáforas indiretas, como afirma Koch (2012).

A categoria **CONSTRUÇÕES REFERENCIAIS ANAFÓRICAS** também se revela por meio de representações construídas pelo discurso, a partir da memória discursiva, ou seja, por meio de renomeação do referente textual, conforme as seguintes Unidades de Significado.

Erro no Enem pode ter sido “**falha nossa**” ou “**sabotagem**” [...] (D2)
 A “**Caixa Preta**” do BNDS custou 40 milhões aos cofres públicos [...] (D2)
 Será que vão achar alguma coisa nas “**Caixas Azul, Rosa, Branca, Vermelha e Cinza**” das provas do Enem? (D2)

“Nos próximos dias, **Huck** completa um ano de atividades no Facebook. **O apresentador** diz que sua página no Facebook-com quase 2 milhões de fãs- é um valioso instrumento de pesquisa para a produção de seu programa semanal.” (D6)

Essa renomeação evidenciada nessas Unidades de Significado estabelece um movimento de recategorização possibilitado pelo uso das expressões “**falha nossa**” e “**sabotagem**” (D2) e **Huck** e **O apresentador** (D6). As expressões “**falha nossa**” e “**sabotagem**” (D2) renomeiam o referente textual *Erro no Enem* e a expressão **O apresentador** (D6) retoma o referente **Huck**, a partir da ativação de elementos discursivos e conhecimentos compartilhados no texto por meio de pistas contextuais. Trata-se, portanto, da anáfora recategorizadora, um processo cognitivo-discursivo mais amplo, em que as modificações por que passa o objeto de discurso referido se revelam em variados índices co(n)textuais e podem, por meio deles, ser reconstruídas pelos interlocutores.

Como assegura Cavalcante (2015), os objetos de discurso podem ser renomeados, no decorrer do discurso, uma vez que estes não são estáticos e, por sua vez, podem ser construídos e reconstruídos na interação ou as duas estratégias ao mesmo tempo, adicionando informações que minuciam esses objetos, uma vez que destacam pontos de vista do enunciador sobre a entidade referida.

Cabe lembrar que o processo de recategorização, na perspectiva das expressões referenciais, é entendido como uma possibilidade a mais para as retomadas anafóricas correferenciais cossignificativas. Isto porque só pode ser recategorizado um referente que já foi anteriormente categorizado. Por outro lado, essa perspectiva pode ser ampliada, quando consideramos que a recategorização é também um fenômeno cognitivo-discursivo, como postula Tavares (2013, p.43), ao inferir que

[...] tanto as entidades referidas quanto os sentidos vão sendo, pouco a pouco, remodulados no discurso, não somente a partir de novos atributos que se acrescentam a um objeto já introduzido de determinada maneira, mas também a partir de novos predicados e das inferências que se geram de todas essas pistas juntas.

Desse modo, concordamos com Tavares (2013) ao sustentar que os processos de recategorização são essencialmente cognitivos e que as expressões referenciais com retomada de referentes, correferenciais ou não, apresentarão sempre uma (re) categorização em nível cognitivo, que pode ou não se refletir na manifestação lexical do fenômeno no co (n) texto.

Com base nesse pressuposto e em Cavalcante (2015), podemos afirmar que a retomada de referentes, pelo processo de recategorização constituem subcasos de anáforas diretas ou de anáforas indiretas (em sentido amplo). Afinal, “referente é uma entidade que se constrói mentalmente, é uma realidade abstrata, portanto, imaterial” (CAVALCANTE, 2015, p.123). Nesse sentido, revalidamos que as expressões “**Caixas Azul, Rosa, Branca, Vermelha e Cinza**” (D2) correferem-se à expressão “**Caixa Preta**” (D2), revelando uma relação anafórica por anáfora correferencial cossignificativa, melhor dizendo, a cena da aforização em D2, também está expressa pela anáfora correferencial cossignificativa, pois o referente, identificado pela expressão “**Caixa Preta**” (D2), é retomado pelas expressões sinônimas “**Caixas Azul, Rosa, Branca, Vermelha e Cinza**” (D2), sem alteração de sentido.

Nesse viés, concordamos com Koch (2014), quando sustenta que a anáfora correferencial cossignificativa é definida como uma remissão capaz de retomar fielmente o referente textual, quando há repetição, designação alternativa para referente ou sinonímia como explicitado em D2, em virtude de configurar-se no estabelecimento de uma relação léxico-semântica entre o referente textual e o elemento anafórico. No caso de repetição lexical, pode ou não resultar em manutenção dessa relação, se o termo repetido for utilizado com sentido diferente.

Continuando a análise da categoria **CONSTRUÇÕES REFERENCIAIS ANAFÓRICAS**, focamos nosso olhar para as seguintes Unidades de Significado:

“**O Ministério Público (MP)** recomendou ontem que a prefeitura da Capital reinicie o programa contra gravidez precoce. (D3)
Para **os promotores**, a plenária do Conselho Municipal da Saúde (CMS) que suspendeu o projeto, em dezembro, violou regras do seu próprio regimento interno”. (D3)

Nessas Unidades de Significado, as cenas da aforização se manifestam por meio da anáfora direta, revelada na expressão **O Ministério Público (MP)** (D3), retomada no texto pela expressão **os promotores** (D3), evidenciando o processo de referenciação. O sujeito da pesquisa, em sua postagem na rede social Facebook, reativa um referente previamente introduzido no texto, parecendo existir uma correspondência semântica ou de identidade referencial entre a anáfora e o elemento por ela retomado, como se essa fosse um subproduto de seu antecedente, num processo essencialmente correferencial.

Nesse sentido, segundo Koch (2014), a anáfora direta estabelece uma relação de correferência entre o elemento responsável pela retomada e seu antecedente. Ressaltamos, ainda, que a anáfora direta é uma operação textual, logo coesiva, em que se efetua o processo de (re) construção do referente textual. Ao ser ativado no texto, o referente passa a ocupar um endereço cognitivo para, em algum momento, ser reativado, com o fim de possibilitar a produção de sentidos do texto. Nessa perspectiva, continuamos nos respaldando em Koch (2014, p. 38), ao ratificar que “[...] a anáfora direta é responsável pela manutenção em foco, no modelo de discurso, de objetos previamente introduzidos, dando origem às redes referenciais ou coesivas, responsáveis pela progressão referencial do texto”.

Ressaltamos que a anáfora direta não é simplesmente uma básica operação discursiva de retomada de um referente anteriormente ativado no texto. É uma operação cognitiva muito significativa, pois, além de correferir, também coespecifica o seu antecedente, determinando a progressão semântica do texto e refletindo a heterogeneidade existente no discurso (MARCUSCHI, 2012). Desse modo, reiteramos que a expressão **os promotores** (D3), desempenha o papel de anáfora direta, pois correferre e coespecifica o seu antecedente, no caso, a expressão **O Ministério Público (MP)** (D3).

Um aspecto a considerar sobre a categoria **CONSTRUÇÕES REFERENCIAIS ANAFÓRICAS** diz respeito à forma de representação das cenas da aforização: umas apresentam destacamento em caixa alta, como é o caso de INDESEJADA DAS GENTES (D1), UM GRAVE ACIDENTE / OS FERIDOS (D4), UM RESTAURANTE / O GARÇOM (D5); outras se apresentam isoladas no enunciado pelo uso das aspas, como “**simples**” (D1), “**falha nossa**” ou “**sabotagem**” (D2), “**Caixa Preta**” (D2), “**Caixas Azul, Rosa, Branca, Vermelha e Cinza**” (D2). Também encontramos destacamento de todo o enunciado-fonte, como em D3, D4, D5 e D6, conforme podemos comprovar a seguir

Algumas pessoas estão comentando que a morte do Gugu foi “**simples**” [...] quando é chegada a hora, a INDESEJADA DAS GENTES não escolhe métodos [...] (D1)

Erro no Enem pode ter sido “**falha nossa**” ou “**sabotagem**” [...] A “**Caixa Preta**” do BNDS custou 40 milhões aos cofres públicos [...] Será que vão achar alguma coisa nas “**Caixas Azul, Rosa, Branca, Vermelha e Cinza**” das provas do Enem? (D2)

“**O Ministério Público (MP)** recomendou ontem que a prefeitura da Capital reinicie o programa contra gravidez precoce.

Para **os promotores**, a plenária do Conselho Municipal da Saúde (CMS) que suspendeu o projeto, em dezembro, violou regras do seu próprio regimento interno". (D3)

"Hoje pela manhã, na esquina da rua do Egito com a Beira-mar, só aconteceu **UM GRAVE ACIDENTE** envolvendo um prisma e um siena. **OS FERIDOS** foram imediatamente encaminhados ao Socorrão". (D4)

ONTEM FOMOS A **UM RESTAURANTE**. **O GARÇOM** FOI MUITO ARROGANTE E MAL EDUCADO. (D5)

"Nos próximos dias, **Huck** completa um ano de atividades no Facebook. **O apresentador** diz que sua página no Facebook-com quase 2 milhões de fãs- é um valioso instrumento de pesquisa para a produção de seu programa semanal." (D6)

Em relação ao uso da caixa-alta como um recurso de destacamento das cenas de aforização, podemos afirmar que pode ser utilizado em todo o texto da postagem, conforme evidenciamos em D5 ou apenas em um fragmento do enunciado-fonte, como uma palavra ou frase que mereça destaque, vindo no início, no meio, ou no fim da postagem, como em D1 e D4. Nesse sentido, concordamos com Maingueneau (2014), ao afirmar que o destacamento em caixa-alta é utilizado a depender da vontade do emissor, uma vez que, nos espaços de escrita on-line, o uso do destacamento em caixa-alta é multifacetado.

Corroborando e concordando com essa linha de pensamento, Freitas (2015) complementa, quando afirma que o destacamento em caixa alta, além de ser um recurso disponibilizado pela escrita on-line, revela uma intenção, um posicionamento assumido pelos sujeitos interagentes. A maneira como os sujeitos constroem suas postagens nas redes sociais da web dá origem aos fenômenos linguísticos a serem estudados em suas muitas extensões existentes.

Em relação ao uso das aspas como elemento de destacamento, podemos afirmar que não existe uma regra no que se refere à posição das aspas no enunciado, em outras palavras, a cena da aforização pode ser respectivamente o enunciado-fonte ou partes dele, como afirma Maingueneau(2015). Dessa maneira, ratificamos o uso das aspas nas Descrições D1, D2, D3, D4, D5 e D6 como um recurso de direcionamento do dizer, não um lapso. Authier-Revuz (2008) coloca as aspas a um patamar de heterogeneidade enunciativa, desviando o foco de um olhar meramente normativo como sinal de pontuação para um olhar sobre o jogo polifônico que elas evidenciam, analisando-as de um ponto de vista linguístico, ao mostrar que estas marcas têm a função de desempenhar uma reflexão metaenunciativa do dizer.

Nesse sentido, comungamos com os pressupostos de Authier-Revuz (2008), ao evidenciar que as aspas são marcas da presença da voz do outro que se faz manifesto no enunciado. Defendemos ainda que, ao recorrer ao uso das aspas, o locutor lança mão de estratégias textuais e discursivas para tornar o seu dizer mais persuasivo, ao mesmo tempo em que influencia o interlocutor em seu modo de ver, pensar e sentir (AMOSSY, 2017). Essa visão está em conformidade com a afirmação de Cavalcante (2016) de que as estratégias de referenciação são multifacetadas e se manifestam por vários recursos e elementos linguísticos no texto.

Sendo assim, podemos afirmar que, nas interações dos sujeitos no *Facebook*, a própria situação de comunicação possibilita a compreensão “do que é dito” e “sobre o que é dito” (CARDOSO, 2019). Quando alguém faz uma postagem nessa rede social, que permite interagir por meio da produção de textos, “isto imediatamente cria conexões intertextuais entre textos e recursos disponíveis *online*” (BARTON, LEE, 2015, p. 59). É por essa razão que concordamos com Cavalcante (2017, p. 145), quando afirma ser “imprescindível [...] que se atente para o papel preponderante da atividade do discurso em sua dimensão situacional, social e interacional”, visto que, “o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele, no decurso da interação”, Koch (2010, p. 30).

Na Categoria **CONSTRUÇÕES REFERENCIAIS ANAFÓRICAS**, explicitamos que o texto se apresenta como o lugar próprio da interação e, através dele, os sujeitos interagem, mobilizando os recursos linguísticos que a língua nos põe à disposição, os quais funcionam como estratégias instrutivas ou sinalizadoras na orientação do sentido. Nessa atividade, o processo de referenciação anafórico centra-se na orientação do discurso aos propósitos comunicativos, atuando como uma teia referencial instituída no texto.

Continuando a análise das categorias reveladas nos dados da pesquisa, vislumbramos a categoria **CONSTRUÇÕES METAFÓRICAS**. Embora possa parecer redundante expressarmo-nos assim, resolvemos nomear essa categoria dessa forma para expressarmos o quão perceptível é a utilização de expressões metafóricas na construção de sentido dos textos pelos sujeitos interagentes no *Facebook*.

Essa categoria está presente nas 6 descrições analisadas e se manifesta nas expressões destacadas nas seguintes Unidades de Significado:

[...] quando é chegada a hora, a **INDESEJADA DAS GENTES** não escolhe métodos [...] (D1)

A “**Caixa Preta**” do BNDS custou 40 milhões aos cofres públicos [...] (D2)

Será que vão achar alguma coisa nas “**Caixas Azul, Rosa, Branca, Vermelha e Cinza**” das provas do Enem? (D2)

“**O Ministério Público (MP)** recomendou ontem que a prefeitura da Capital reinicie o programa contra gravidez precoce. (D3)

Para **os promotores**, a plenária do Conselho Municipal da Saúde (CMS) que suspendeu o projeto, em dezembro, violou regras do seu próprio regimento interno”. (D3)

"Hoje pela manhã, na esquina da rua do Egito com a Beira-mar, só aconteceu **UM GRAVE ACIDENTE** envolvendo um prisma e um siena. **OS FERIDOS** foram imediatamente encaminhados ao Socorrão". (D4)

ONTEM FOMOS A **UM RESTAURANTE. O GARÇOM** FOI MUITO ARROGANTE E MAL EDUCADO. (D5)

“Nos próximos dias, **Huck** completa um ano de atividades no Facebook. **O apresentador** diz que sua página no Facebook-com quase 2 milhões de fãs- é um valioso instrumento de pesquisa para a produção de seu programa semanal.” (D6)

A categoria **CONSTRUÇÕES METAFÓRICAS** manifesta-se, sob a forma de *metáfora* representada pelas *expressões* **INDESEJADA DAS GENTES** (D1), “**Caixa Preta**”/ “**Caixas Azul, Rosa, Branca, Vermelha e Cinza**”(D2), **O Ministério Público/ os promotores** (D3), **UM GRAVE ACIDENTE/ OS FERIDOS** (D4), **UM RESTAURANTE/ O GARÇON** (D5), **Huck/O apresentador** (D6). A metáfora, conforme Menezes (2011), permite-nos flagrar os aspectos expressivos, avaliativos e afetivos na constituição dos referentes discursivos, possibilitando-nos uma compreensão dos valores subjacentes às representações dos objetos de discurso, uma vez que, para a construção de um texto com sentido, no estabelecimento da comunicação, pontuamos na seara textual a presença de elementos linguísticos interligados na formação dos textos (CAVALCANTE, 2012)

A metáfora é uma espécie de comparação, porém uma comparação implícita entre elementos semânticos, como enuncia a expressão **INDESEJADA DAS GENTES** (D1). Ao ser empregada no texto, essa expressão estabelece uma comparação de forma indireta, porém prezando pela aproximação de uma característica semelhante pela referência de sentido (MUNIZ, 2016).

A metáfora também pode ser entendida como um modelo de similaridade e associação, como assevera Muniz (2016). Nas expressões “**Caixas Azul, Rosa,**

Branca, Vermelha e Cinza” (D2), as cenas da aforização instituem uma relação metafórica com a expressão “**Caixa Preta**” (D2), revelando-se como uma cena da aforização referencial sinônima, sem alterar o sentido do seu referente.

Nessa perspectiva, a correlação entre as expressões “**Caixas Azul, Rosa, Branca, Vermelha e Cinza**” (D2), com a expressão “**Caixa Preta**” (D2) transcende os aspectos de similaridade e associação (CAVALCANTE, 2015), ou seja, faz parte de uma configuração discursiva na qual temos um objeto de discurso sem precedente literal explícito, podendo ser este reconstruído, inferencialmente, a partir do contexto que o precede.

As relações metafóricas também se estabelecem em virtude de um recurso cognitivo que estrutura o discurso, na medida em que relaciona algo novo com o que já é familiar (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Essas relações se fazem presentes em D6, uma vez que a expressão **Huck** (D6) está ancorada metaforicamente à expressão **O apresentador** (D6), configurando-se, portanto, como uma metáfora.

Nesse movimento de reflexão e interpretação da categoria **CONSTRUÇÕES METAFÓRICAS**, encontramos a metáfora de orientação nos dados de nossa pesquisa, revelada por meio das seguintes Unidades de Significado:

“**O Ministério Público (MP)** recomendou ontem que a prefeitura da Capital reinicie o programa contra gravidez precoce. (D3)
Para **os promotores**, a plenária do Conselho Municipal da Saúde (CMS) que suspendeu o projeto, em dezembro, violou regras do seu próprio regimento interno”. (D3)

Essa é uma possibilidade a mais de os sujeitos produzirem sentido em seus, ao interagirem sociocomunicativamente, como os interagentes da rede social Facebook. Em D3, a expressão **os promotores** (D3), se sobrepõe e substitui a expressão de origem **O Ministério Público** (D3), configurando a ‘metáfora de orientação’. Para Lakoff e Johnson (2012, p.47), “[...] a essência da metáfora é compreender uma coisa em termos de outra”. Nesse viés, em D3, a metáfora de orientação deriva quando a origem de uma expressão é o alvo de outra, dado que, segundo Cavalcante (2012) os referentes fazem parte de um processo indeterminado e instável de referenciação (CAVALCANTE, 2012).

Prosseguindo a interpretação dos dados da pesquisa, a categoria **CONSTRUÇÕES METAFÓRICAS** também se revela como metáfora da semelhança. Esse tipo de metáfora ocorre, segundo Menezes (2011), através do compartilhamento de traços entre um e outro elemento envolvido no enunciado,

contribuindo assim para a continuidade tópica e referencial das cenas da aforização. Nas descrições 4 e 5, esse fenômeno encontra-se presente nas seguintes Unidades de Significado:

"Hoje pela manhã, na esquina da rua do Egito com a Beira-mar, só aconteceu **UM GRAVE ACIDENTE** envolvendo um prisma e um siena. **OS FERIDOS** foram imediatamente encaminhados ao Socorrão". (D4)

ONTEM FOMOS A **UM RESTAURANTE**. **O GARÇOM** FOI MUITO ARROGANTE E MAL EDUCADO. (D5)

As expressões **UM GRAVE ACIDENTE/ OS FERIDOS** (D4) e **UM RESTAURANTE/ O GARÇOM** (D5) nos levam ao mesmo domínio de referência, sendo estabelecida a continuidade temática no enunciado. Nesse sentido, a metáfora de semelhança é gerada por uma correlação de conceitos e representação cognitiva (MUNIZ, 2016), uma vez que também está relacionada à memória discursiva do interlocutor.

Tendo em vista que as metáforas de semelhança são geradas pela percepção humana de semelhanças entre objetos de discurso; tendo em vista, também, que é a percepção humana a responsável pela escolha do material conceitual mapeado entre os elementos linguísticos que entram na composição desse tipo de metáfora, postulamos que essa construção metafórica corrobora na atribuição de sentidos das cenas da aforização.

A categoria **CONSTRUÇÕES METAFÓRICAS** evidencia que as cenas da aforização se manifestam como metáforas na construção de sentido dos textos produzidos pelos sujeitos interagentes no *Facebook*. Essas construções metafóricas têm em comum a característica de promover a inter-relação semântica entre os objetos de discurso, respondendo pelo que podemos chamar de conectividade textual. Dentro desta perspectiva, o texto se torna um evento constituído de elementos linguísticos selecionados e ordenados pelos sujeitos, de modo a permitir interação, não apenas na apreensão de conteúdos semânticos revelados pelo próprio texto. Assim sendo, as construções metafóricas se mostram como elos utilizados para a construção material do texto, em outras palavras, constroem um sentido ao texto, garantindo uma harmonia e possibilitando a conexão entre as partes do texto e a forma com que as ideias são expostas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao final de um caminhar que percebeu, intuiu, organizou e compreendeu os dados da experiência, com vistas a fazer aparecer a *Erlebnis* – o sentido da vida (RICOEUR, 1989), em que também visitamos alguns constructos teóricos já disponíveis sobre o nosso fenômeno de investigação; Nesse viés, voltamos, mais uma vez, à questão norteadora que nos guiou até aqui: “De que modo as cenas da aforização se manifestam como recursos coesivos em textos na rede social Facebook?”

Dessa forma, buscando responder à questão norteadora e alcançar nosso objetivo geral que foi o de “Investigar as cenas da aforização como recursos coesivos em textos produzidos na rede social Facebook”, tomamos como base o pressuposto de que: “a interpretação é, portanto, talvez o acto essencial do pensamento humano, na verdade, o próprio facto de existir pode ser considerado um processo constante de interpretação” (RICOEUR, 1997, p. 20). Assim, por meio dessa interpretação sensível, cautelosa acerca do pensamento humano, estabelecemos como base a *Análise Fenomenológico-Hermenêutica* dos dados.

Aliado a esse pensamento, a *Análise Fenomenológico-Hermenêutica* nos possibilitou um olhar atento, reflexivo que nos direcionou à necessidade de buscarmos caminhos, como a identificação e explicitação das *Unidades de Significado* por meio da *Análise Ideográfica*, a qual nos conduziu à *Análise*

Nomotética, pautada na convergência das descrições e identificação das categorias abertas, bem como o cruzamento dessas categorias abertas com sua interpretação de resultados encontrados.

Dado o caráter público dos perfis do Facebook e o fato de se constituírem em interações, optamos por não construir nenhum grupo de sujeitos para capturarmos os textos que compuseram o corpus da nossa pesquisa. Dessa forma, as observações e coleta de dados ocorreram com os textos/postagens produzidas na Linha do Tempo do Facebook, a partir de uma seleção entre os perfis de amigos que possuímos na referida rede social. Falamos dos perfis de professores da Educação Básica e Superior.

Foi essa caminhada metodológica que nos possibilitou olhar para as 6 (seis) descrições capturadas das postagens dos interagentes na Linha do Tempo do Facebook e relacionar a Linguística Textual com a Análise do Discurso, na busca por compreender as cenas de aforização como recursos coesivos em textos produzidos na rede social Facebook. As Unidades de Significado identificadas nas 6 (seis) descrições analisadas originaram 2 (duas) categorias abertas: *CONSTRUÇÕES REFERENCIAIS ANAFÓRICAS* e *CONSTRUÇÕES METAFÓRICAS*, já interpretadas no Capítulo 6.

Na primeira categoria aberta *Construções Referenciais Anafóricas*, constatamos que as cenas da aforização, presentes nos textos postados na Linha do Tempo da rede Social Facebook, se revelam como processos referenciais anafóricos, tendo em vista que a anáfora é um recurso coesivo referencial que permite estabelecer conexões significativas, a partir de seus mecanismos, os quais proporcionam ao texto uma sequencialização lógica e coerente de sentido. Desse modo, como resultado da pesquisa, podemos afirmar que a categoria *Construções Referenciais Anafóricas* comprova que as cenas da aforização, além de se manifestarem como recursos coesivos, são responsáveis pela articulação e progressão textual, visto que estão interligadas a uma rede referencial multifacetada, sendo, portanto, reconhecidas como elos de continuidade na construção dos sentidos do texto.

A segunda categoria *Construções Metafóricas* revela que o processo de referenciação no texto digital transcende a visão puramente referencialista da língua(gem), visto que as cenas da aforização se manifestam como metáforas na construção de sentido dos textos produzidos pelos sujeitos interagentes no

Facebook. Desse modo, podemos dizer que aspectos como o co(n)texto e a inferenciação são fundamentais para o ato de referir no texto digital, em razão da própria natureza da comunicação em *Rede* em que nem tudo é dito explicitamente, nem é necessário que o seja. Nessa perspectiva, as cenas da aforização como construções metafóricas se consolidam como um processo ainda mais dinâmico, negociado e instável de construção de referentes, confirmando aquilo que já foi apontado no nosso arcabouço teórico, como a noção de memória discursiva e redes referenciais, ou seja, do processo que se efetiva a partir de interconexões de sentidos na construção do texto.

Validamos, portanto, que as cenas da aforização como recursos coesivos se manifestam como elementos de textualidade em textos postados na Linha do Tempo da rede social Facebook, uma vez que estão fisicamente ancorados pelas relações textuais nos enunciados.

Nesse sentido, destacamos alguns pontos importantes, a partir dos resultados da nossa investigação, dentre eles, os seguintes:

1) Por meio da construção de textos na Linha do Tempo, os sujeitos interagentes da rede social Facebook realizam o ato de referir, construindo cenas da aforização enquanto objetos de discurso e acionando-as a processos referenciais anafóricos. Assim, a referenciação no texto digital se consolida como um processo ainda mais dinâmico, negociado e instável de construção de referentes, confirmando, dessa forma, aquilo que já foi apontado no nosso arcabouço teórico. Consolida-se, portanto, a partir “do processo que se efetiva de interconexões de sentidos na construção dos referentes, *em meio a uma multiplicidade de relações coesivas*, funcionalmente, adaptáveis em favor da construção de sentido do texto” (CAVALCANTE, 2016, p.28) e da promoção da coerência.

2) As cenas da aforização se manifestam como metáforas na construção de sentido dos textos produzidos pelos sujeitos interagentes no *Facebook*, uma vez que as construções metafóricas têm em comum a característica de promover a inter-relação semântica entre os objetos de discurso, respondendo pelo que podemos chamar de conectividade textual. Nesse sentido, as cenas da aforização, enquanto construções metafóricas, se revelam como elos semânticos utilizados para a construção material do texto, dando a ele (o texto) sentido.

3) As cenas da aforização apresentam-se com destacamento, um recurso que pode se manifestar no texto, a partir da intuição do produtor do texto. Os textos

produzidos na rede social Facebook revelaram o uso de aspas e caixa alta como um recurso de destaque. No uso das aspas pelos sujeitos interagentes, a cena da aforização foi destacada como o próprio enunciado-fonte ou partes dele, uma vez que não existe uma regra no que se refere à posição das aspas no enunciado. Dessa forma, as aspas podem, portanto, tomar significações muito variadas, contribuindo, assim, para a continuidade tópica e referencial dos textos postados na Linha do Tempo da rede social Facebook. Nas cenas da aforização destacadas em caixa-alta, podemos afirmar que esse recurso pode ser notado como elemento linguístico utilizado para chamar a atenção dos interagentes, auxiliando no processo de construção de sentido do texto, em espaços de escrita on-line.

4) A confluência que se revela no diálogo entre a Linguística Textual e a Análise do Discurso. A primeira, ao estabelecer a organização do texto, a partir dos processos da referenciação e a segunda, com as cenas da aforização na estruturação do texto. Essas duas áreas de estudos da linguagem compreendem que a organização do texto não é aleatória, uma vez que está inserida num contexto de determinações e restrições.

Destacados os pontos que consideramos importantes sobre o desvelamento de nosso fenômeno de investigação, apontamos ainda as seguintes contribuições deste trabalho: discussão e reflexão de questões pertinentes ao texto e à construção de sentido (s); aproximação de domínios do conhecimento linguístico e humano: a Linguística Textual, a Análise do Discurso, a Linguística da Internet e a Fenomenologia.

A discussão e reflexão de questões pertinentes ao texto e à construção de sentido (s) possibilita a realização de leituras mais aprofundadas sobre o lugar do texto, no âmbito das interações humanas, que são permeadas de significações, constituindo-se, portanto, em um campo fértil para pesquisas linguísticas das mais variadas naturezas. Isso porque, no sentido de aguçar o nosso olhar investigativo, assumimos a ideia de que um texto tem muito a revelar, se nos dispusermos a ultrapassar a sua superficialidade e enveredarmos na profundidade de suas tramas e tessituras.

A contribuição dessa pesquisa reside na possibilidade de somar-se às investigações de novas perspectivas acerca do texto e sua construção de sentidos, uma vez que, até o momento, pela ótica desta dissertação, as cenas da aforização como recursos coesivos não haviam sido analisadas à luz da confluência que se

revela no diálogo entre a Linguística Textual e Análise do Discurso, em corpus constituídos por textos escritos em ambiente digital. Esse fato contribui para um olhar *além das aparências*, aproximando desse modo sentido e referência, em vista de uma compreensão e interpretação dos sentidos mais profundos do texto.

Diante dessa ideia, reconhecemos a relevância de nossa pesquisa para o aprofundamento e amadurecimento dos estudos linguísticos em torno do texto, mas reconhecemos, também, que ainda há muito por desvelar em relação a esse fenômeno. O que fizemos aqui foi apontar algumas possibilidades de respostas à nossa questão norteadora, a partir do que os dados nos revelaram, tendo em mente que a incompletude de nosso trabalho não é um defeito, mas a certeza de que o campo está aberto para todos os que, como nós, se dispuserem a investigar, pois a ciência não cessa. Outrossim, reafirmamos a importância de pesquisas nessa direção, tanto para a análise e descrição do português brasileiro, quanto para investigação de mudanças evidenciadas no uso da língua, enquanto prática situada histórica e socialmente.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Luíza. **Português: língua e literatura**. São Paulo: Moderna, 2000.
- ADAM, Jean-Michel. O que é linguística textual? In: SOUZA, Edson Rosa Francisco de; PENAVEL, Eduardo; CINTRA, Marcos Rogério (Orgs.) **Linguística Textual: interfaces e delimitações: homenagem a Ingedore Grünfeld Villaça Koch**. São Paulo: Cortez, 2017.
- ADAM, Jean-Michel. **A linguística: introdução à análise dos discursos**. São Paulo: Cortez, 2008.
- _____. O que é Linguística Textual? In: SOUZA, Edson Rosa Francisco de; PENHABEL, Eduardo; CINTRA, Marcos Rogério (orgs.). **Linguística Textual: interfaces e delimitações: homenagem a Ingedore Grünfeld Villaça Koch**. São Paulo: Cortez, 2017.
- ALVES FILHO, Francisco; SANTOS, Eliane Pereira dos. **O tema da enunciação e o tema do gênero no comentário online**. Fórum Linguístico, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 78-90, abr./jun. 2013.
- AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. Trad. Eduardo Lopes Piris et al. São Paulo: Contexto, 2017.
- ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- ANTUNES, Irandé. **Análise de textos. Fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- ANTUNES, Irandé . **Textualidade: noções básicas e implicações pedagógicas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017
- ARIMA, Kátia; MORAES, Maurício. **O futuro da web está no Facebook?** Rev Info. Fev. 2011. São Paulo: Abril, 2011, p. 22-37.

AUSTIN, John L. Quando dizer é fazer. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
 AUTHIER-REVUZ, J. **Heterogeneidade(s) enunciativa(s)**. Caderno de Estudos Linguísticos, Campinas (SP), n.19, dez. 1990, p.25-42.

_____. Palavras incertas: as não coincidências do dizer. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1998.

_____. Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre/RS: EDIPUCRS, 2004.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Heterogeneidade (s) enunciativa(s)**. Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas: UNICAMP, n. 19: 25-42, jul; dez.2008.

BARONAS, Roberto Leiser. **Enunciação aforizante versus textualizante: notas sobre tensões estruturais e extratextuais**. In: ESTUDOS LINGUÍSTICOS, São Paulo, p. 1124, set-dez, 2014.

BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1992.

BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BENVENISTE, Émile. **Os níveis da análise linguística**. In: BENVENISTE, Émile. Problemas de Linguística Geral I. Campinas, SP: Pontes, 1966.

BERRENDONNER, Alain. **Pour une macro-syntaxe**. In: **Travaux de linguistique**, Paris, n. 21, p. 25-36, 1990.

BEUGRANDE, Robert de; DRESSLER, Wolfgang U. **Introduction to text linguistics**. Londres: Longman, 1991.

BRAIT, Beth. **Perspectiva dialógica. Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2016.

CARDOSO, Evaldo Carlos de Oliveira. **A referenciação e a construção de sentido(s) no texto digital: um olhar fenomenológico**. Dissertação (Mestrado em Letras). UFMA – São Luís, 2019).

CAVALCANTE, Magalhães, Mônica. **Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas**. Fortaleza: UFC, 2011.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; LIMA, Silvana Maria Calixto (orgs.). **Referenciação: teoria e prática**. São Paulo: Cortez, 2012.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2014.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; BRITO, Mariza Angélica Paiva. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Barnardete Biasi; CIULLA, Alena (orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2015.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas**. Fortaleza: Edições UFC, 2016.

CHASTAIN, C. Reference and Context. In: GUNDERSONK, K. Language, Mind and Knowledge. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1975.

CHIZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

- CORBLIN, F. **Les forms de reprise dans le discours –anaphores et chaînes de reference**. Renner: Presses de l'Université de Rennes, 1995.
- COSTA VAL, M^a da Graça. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e Textualidade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e Textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- CONTE, Maria Elisabeth. **La linguística textuale**. Milano: Feltrinelli, 1977.
- CRYSTAL, David. **A revolução da linguagem**. Trad. de Ricardo Quintana e Jorge Zahar. Rio de Janeiro: Editora Ltda, 2001. 55
- DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. **Leitura: Inferências e contexto sociocultural**. 2.ed. Série educador em formação. Belo Horizonte: Formato, 2001.
- DRESSLER, W. U. Einführung in die Textlinguistik. Tübingen: Niemeyer, 1972.
_____. Textlinguistik. Darmstad: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1977.
- DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- DUBOIS, Jean et alii. Dicionário de lingüística. São Paulo: Cultrix, 1973
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina; JACKS, Nilda. **Políticas de identidade e estudos de recepção: relatos de jovens e mulheres** Disponível em: Acesso em: 10 abr. 2005.
- FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e coerência textuais**. 11. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e coerência textuais**. 12 ed. São Paulo: Ática, 1995
- FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. São Paulo: Cortez, 1999.
- FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira ; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- FÁVERO, Lenor Lopes; KOCH, Ingedore G. Villaça. **Linguística textual: introdução**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2002
- FÁVERO, Leonor Lopes e; KOCH, Ingedore Villaça. **Linguística textual: uma introdução**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- FÁVERO, Leonor Lopes ; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Coesão e coerência textuais**. São Paulo: Ática, 2009.
- FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; & AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- GRADY, J.E. **Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes**. PhD Dissertation, University of California, Berkeley, 1997.
- GÜLICH, Wolfgang; RAÍBLE, W. **Linguistische Textmodelle**. Münch: W. Fink, 1977.

GULICH, Wolfgang; QUASTOFF, Uwe. **Story-telling in conversation Cognitive and Interactive aspects *Poeücs***, v 15, p 217 41, 1986.

GULICH, Wolfgang; KOTSCHI, T Reformulierungshandlungen als Mittel der Textkonstitution. In MÖTSCH, W (Ed) **Satz, Text, sprachliche Handlung Berlin de Gruyter**, 1987 p 199-261 (Studia Grammaüca, 25).

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **Language as social semiotic: The social interpretation of language and meaning**. Maryland. University Park Press, 1978.

HARRIS, Zellig Sabbeta. **Análise do discurso. In: Artigos em Estrutural e Transformacional. Linguística**. Holanda, D. Reidel Publishing Company, 1952.

HARWEG, Roland. **Pronomina und Textkonstitution** Münch W Fink, 1968.

HJELMSLEV, Louis. **Le langage**. [Trad. de Michel Olsen]. Paris, Minut, 1969.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa – Portugal: Edições 70, 2000.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein. 22 ed. São Paulo: Cultrix, 1970.

KIRKPATRICK, David. **O efeito facebook**. Tradução de Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

KOCH, Ingedore Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. Contexto, São Paulo: (2000).

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. O texto na linguística textual. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira (Org.). **O texto e seus contextos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

KOCH, Ingedor Grunfeld Villaça. **A Coesão Textual**. 22 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2015

KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

KOCH, Ingedore G. Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Texto e Coerência**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Maria Vanda. **Ler e escrever - estratégias de produção textual**. Contexto, São Paulo, 2009.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Maria Vanda. **Ler e escrever - estratégias de produção textual**. Contexto, São Paulo, 2011.

KOCH, Ingedore Villaça & Travaglia, L. C. (2001). **A coerência textual (13ª ed.)**. São Paulo: Contexto

KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. Contexto, São Paulo: 2002.

- KOCH, Ingedore Villaça. **As tramas do texto**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas de la vida cotiadana**. Cátedra: Teorema, 1980.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Marck. **Metáforas da vida cotidiana**. São Paulo: Mercado de Letras, 2012.
- LÉVY, Pierre. **As tec tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.
- LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 2011.
- MARCUSCHI, Luís Antônio. **Análise da Conversação**. São Paulo: Editora Ática, 1986
- MARCUSCHI, Luís Antônio. **Análise da Conversação**. 2 ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- MARCUSCHI, Luís Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARCUSCHI, Luís Antônio. **Linguística de texto: o que é e como se faz?** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análises do Discurso**. Tradução de Freda Indursky. 3. ed. Campinas, SP: Pontes; Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Trad. Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2006.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. POSSENTI, S.; SOUZA E SILVA, M. C. P. (orgs.). São Paulo: Parábola, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do Discurso**. São Paulo: Editora Pontes, 2010.
- MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza e Silva e Décio Rocha. 6. ed. São Paulo: Cortez; 2011
- MAINGUENEAU, Dominique. Aforização. In: MAINGUENEAU, D. **Doze conceitos em análise do discurso**. SOUZA E SILVA, M. C.; POSSENTI, S. (orgs.). São Paulo: Parábola, 2012.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. São Paulo: Editora Vozes, 2013.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Frases sem texto**. Tradução de Sírio Possenti et al. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e Análise do Discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do Discurso**. São Paulo: Editora Pontes, 2015.
- MARTINS, Joel. **Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como poíesis**. São Paulo: Cortez, 1992.

MATOS, Janaica Gomes. **Em defesa da noção de redes referenciais na construção do texto**. Organon: Revista do Instituto de Letras da UFRGS. v. 33. n. 65 (2018). Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br>>. Acesso: 20 ago. 2018.

MAZIÈRE, Francine. **Análise do discurso: história e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007

MEDEIROS, G. A. (2019). **Fenomenologia. Um estudo exploratório a partir da proposta de Ludwig Binswanger (Dissertação de Mestrado)**. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil.

MENEZES, Leia. **As metáforas de semelhança na construção de referentes discursivos: Qual a orientação argumentativa?** Linguagem em Foco - Revista do Programa de PÙs-GraduaÃ„o em Linguística Aplicada da UECE - Volume 3. No 4. Ano 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O primado da percepção e suas consequências filosóficas**. Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papirus, 1990.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006

MILITELLO, Katia. **Você vai curtir**. Rev. Info, fev. de 2011, p.11.

MONDADA, L. Referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In: KOCH, I.V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação [1995]. In: CAVALCANTE, M.M.; RODRIGUES, B.B.; CIULLA, A. (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. NEVES, M. H. de M. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2017.

MORATO, Edwiges Maria. Linguística Textual e Cognição. In: SOUZA, Edson Rosa Francisco de; PENHAVEL, Eduardo; CINTRA, Marcos Rogério (orgs.). **Linguística Textual: interfaces e delimitações: homenagem a Ingedore Grünfeld Villaça Koch**. São Paulo: Cortez, 2017.

MUNIZ, Daniela. **Metáforas e análise de discurso**. In: SILVA, D.E.G. (Org.). Gramática e discurso. Goiânia: Cãnone Editorial, 2016.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs). **Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1996.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. Facebook: um estado atrator na internet. In: ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson. **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?** 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

PERELMAN, C. e OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da Argumentação – A Nova Retórica**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

RICOEUR, Paul. **Na escola da fenomenologia**. Tradução de Ephraim Alves. Petrópolis RJ: Vozes, 1996.

- RICOEUR, Paul. **Le conflit des interprétations**. Essais d'hermeneutique. Éd. Du Seuil, 1969.
- RICOEUR, Paul. **Do texto à acção**. Trad. Alcino Cartaxo e Maria José Sarabando. Porto: Rés-Editora, 1991.
- _____. **O discurso da acção**. Lisboa: Edições 70, 2005.
- RONCARATI, C. **As cadeias do texto: construindo sentidos**. São Paulo: Parábola, 2010.
- SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.
- SANTOS, Veraluce Lima dos. **A influência das tecnologias de informação e de comunicação no uso da língua e suas implicações no ensino de língua portuguesa**. 2006. 419 f. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) Universidade de Évora, Portugal.
- SANTOS, Veraluce da Silva. **O ensino de Língua Portuguesa: uma abordagem fenomenológica**. Dissertação (Dissertação em Educação). UFMA – São Luís, 1997.
- SCHMIDT, Siegfried. **Texttheorie Probleme einer Linguistik der Sprachlichen Kommunikation Munch**. W Fink, 1973
- SHEPHERD, Tania G.; SALIÉS, Tânia G. O princípio: entrevista com David Crystal. In: SHEPHERD, Tania G.; SALIÉS, Tânia G. (Org.) **Linguística da Internet**. São Paulo: Contexto, 2013.
- SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à Fenomenologia**. São Paulo: Loyola, 2014
- TODOROV, Tsvetan. **Os gêneros do discurso**. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1979.
- TOLEDO, Dionísio (Org.). **Círculo Linguístico de Praga: estruturalismo e semiologia**. Porto Alegre: Ed. Globo, 1978.
- TRASK, Robert Lawrence. **Dicionário de linguagem e linguística**. São Paulo: Contexto, 2004.
- VAN DIJK, Teun. **Alguns aspectos do texto e contexto**. London: Longman, 1981.
- WEINRICH, Harald. **Textgrammatik der Deutschen Sprache Mannheim Dudenverlag**, 1993
- WUNDERLICH, Harald. **Raum, Zeit und das Lexikon In Sprache und Raum**. Frankfurt : Suhrkamp, 1985.